



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PARQUE DA LUZ: FAZER PEQUENO, FORTE E ENRAIZADOR.**

**ROSIMÉRI JORGE DA SILVA**

**Orientadora: Maristela Fantin**

**Florianópolis**

**2008**

**ROSIMÉRI JORGE DA SILVA**

**PARQUE DA LUZ: FAZER PEQUENO, FORTE E ENRAIZADOR**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Professora Maristela Fantin.

**Florianópolis**

**2008**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**PARQUE DA LUZ: FAZER PEQUENO, FORTE E ENRAIZADOR**

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

**APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 16 de outubro de 2008**

Dra. Maristela Fantin (UFSC – Orientadora)

Dr. Telmo Marcon

Dr. Cesar Floriano dos Santos

Dra. Tânia Guerra

**Prof. Dr. João Josué da Silva Filho  
Coordenador PPGE/CED/UFSC**

**Rosiméri Jorge da Silva**

**Florianópolis, Santa Catarina, outubro de 2008.**

## **DEDICATÓRIA**

Ao meu esposo Romário e aos meus filhos João Manoel, Fabrício e Ana Paula com amor, admiração e gratidão por toda compreensão, carinho, presença e incansável apoio ao longo do período de elaboração deste trabalho.

A minha mãe Lilia e irmãos pelo incentivo, pelas orações e pelo exemplo de fé e de coragem.



## JARDINS SÃO CONEXÕES COM A VIDA

Os jardins, como as casas, são expressões da alma. Cada árvore plantada é um ato de esperança e solidariedade com os seres vivos, uma possibilidade de renascimento. Plantar é conectar-se com a vida. Semear é nutrir uma profunda conexão com o sagrado. Os jardins refletem a vida dos jardineiros, seu padrão estético e sua conexão com a natureza. Há duas ações fundamentais para sensibilizar ecologicamente o ser humano: plantar e cuidar.

Guilherme Blauth

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade de haver realizado esta pesquisa.

À Dra. Maristela Fantin, pela atenção, acolhida e apoio durante o processo de definição e orientação deste trabalho de pesquisa. Como orientadora e amiga, soube cobrar, mas também não mediu esforços em oferecer todas as condições necessárias à realização do presente trabalho.

Aos Professores da linha de pesquisa EMS (Educação e Movimentos Sociais), UFSC, que muito contribuíram para meu crescimento científico e intelectual.

À Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - e ao Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE - pela realização do presente trabalho.

A Sônia e Pati, secretárias do PPGE, pelo carinho e atenção durante esse período.

A Lúcio Dias Filho, pela disponibilidade e colaboração. Todas as vezes em que foi procurado ele prontificou-se a ir além da simples resposta à informação que lhe era solicitada.

Ao Grupo Pandorga, pelos diálogos brincantes, carinho, acolhida, dedicação e conhecimento transmitidos todas as vezes em que foi solicitado

À Associação dos Amigos do Parque da Luz e toda a sua diretoria pelo apoio a esta pesquisadora durante a realização do Curso e a elaboração da Pesquisa.

Ao SINDALESC e seus funcionários pelo apoio e carinho.

A Patrícia Guerrero, Dione, Tânia amigas que me acompanharam nesse processo, dividindo conhecimentos, pelo apoio e pelo incentivo, desde o início do desenvolvimento deste trabalho. “Obrigada por tudo!”

A Lúcia e Juliana irmãs e amigas, pela acolhida em seus corações durante os dias de dor e de alegria.

Ao Sergio, pelo carinho, competência e dedicação quando da revisão do texto. “Muito aprendi contigo!”

Aos colegas e amigos de trabalho, em especial, a Cátia, Stela, Rosane, Viviane, Rute e Eliete, por acreditarem e ‘darem força’ nos momentos mais difíceis desta trajetória.

Aos entrevistados, que muito contribuíram no resgate da história do movimento de construção do Parque da Luz. Suas colaborações foram de grande importância para a realização deste trabalho.

Às amigadas conquistadas durante os dois anos de curso, especialmente Karina, Josiane, Raquel, Janaina, Ilcirene, Laércio, Getúlio, Wladson, Nado, amigos, irmãos, camaradas”.

A família da Professora Maristela, Luiz, Cauê, Maira e Raí pelo carinho e acolhida em seu lar.

Aos amigos e familiares que viram na minha ausência um motivo para que eu alcançasse a realização pessoal e profissional, em especial Selma, Suely e Salete.

À minha família: minha mãe, minhas irmãs, meus irmãos, minhas cunhadas e cunhados por todo o carinho e afeto.

Ao seu Ataliba e Geni (in memoriam) pelo amor recebido.

Ao meu esposo e aos meus filhos. Este é um agradecimento especial por haverem entendido as muitas vezes em que foram deixados de lado até a conclusão deste trabalho.

A todas as pessoas que, mesmo não estando aqui citadas, estiveram ao meu lado durante esta jornada tão importante.

## RESUMO

Neste trabalho de pesquisa buscou-se apresentar a história da construção do Parque da Luz e o resgate do papel social e educativo desempenhado por esse movimento social em Florianópolis, Santa Catarina, nos anos de 1986 a 2008. Fez-se a apresentação do Movimento Social que construiu o Parque da Luz a partir da história de Florianópolis com a inauguração da Ponte Hercílio Luz em 1926, como marco do processo de urbanização da cidade. Trazendo uma reflexão sobre os movimentos sociais que nesse período vêm pensando a organização da cidade e os aspectos mais significativos de suas atividades, desenvolvidas a partir da organização da sociedade civil. Foram citados neste trabalho, com maior destaque os movimentos que estavam ligados à questão ambiental com seus importantes segmentos participantes. Entrevistas e a participação no movimento, além dos documentos, permitiram verificar a importância do movimento de construção do Parque da Luz, no período pesquisado, como uma forma de pensar a cidade, se pronunciando através das ações realizadas no parque, em um momento histórico em que a sociedade busca por mais qualidade de vida. Em Florianópolis, nos diversos movimentos destacados nesta pesquisa, percebe-se a necessidade da intervenção popular nos espaços de discussão, dando visibilidade às reivindicações, denunciando e promovendo ações que levam à mudança da realidade, sugerindo reflexões sobre sentimentos e atitudes de um coletivo que se une contra injustiças e exclusões. Além de analisar os processos educativos que permearam esse movimento, trazendo para o debate uma possibilidade de se repensar as ações educativas no interior das escolas.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. espaço público, educação e participação.

## **ABSTRACT**

In this work of research one searched to present the history of the construction of the Park of the Light and the rescue of the social and educative role played by this social movement in Florianópolis, Santa Catarina, in the years of 1986 the 2008. It became presentation of the Social Movement that constructed to the Park of the Light from the rescue of the history of Florianópolis with the inauguration Da Ponte Hercílio Luz in 1926, as landmark of the process of urbanization of the city. Bringing a reflection on the social movements that in this period comes thinking the organization of the city and the aspects most significant of its activities, developed from the organization of the civil society. They had been cited in this work, with bigger prominence the movements that were on the ambient question with its important participant segments. Interviews and the participation in the movement, beyond documents had allowed to verify the importance of the movement of construction of the Park of the Light, in the searched period, as a form to think the city, if pronouncing through the actions carried through in the park, at a historical moment where the society searches for more quality of life. In Florianópolis, in the diverse movements detached in this research, it is perceived necessity of the popular intervention in the quarrel spaces, giving visibility to the claims, denouncing and promoting actions that take to the change of the reality, suggesting reflections on feelings and attitudes of a collective one that it joins against injustices and exclusions. Beyond analyzing the educative processes that permearam this movement, bringing for the debate a possibility of if rethink the educative actions in the interior in the schools.

Word-key: Social movements. public space, education and participation

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Ilustração 1</b> - Aterro da Baía Sul e área invadida no Morro do Mocotó, Centro – mostrando a contradição da organização urbana (foto arquivo Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Projeto Malungo - 2007).....	23
<b>Ilustração 2</b> - Aterro da Baía Sul – Centro de Florianópolis - fonte jornal Notícias do Dia, 12 e 13 de julho de 2008.....	28
<b>Ilustração 3</b> - Arquivo AAPLUZ – Obra de Eduardo Dias .....	37
<b>Ilustração 4</b> - Comunidade do Morro da Queimada – José Mendes ( foto arquivo Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Projeto Malungo - 2007).....	39
<b>Ilustração 5</b> - Aterro da Baía Sul, Costeira e Saco dos Limões (Foto arquivo Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Projeto Malungo - 2007) .....	41
<b>Ilustração 6</b> - Parque da Luz em 2007 – foto Rosiméri Jorge da Silva.....	46
<b>Ilustração 7</b> - Em 1996, após enchente em Florianópolis os entulhos foram jogados no Parque da Luz. (Arquivo AAPLUZ) .....	47
<b>Ilustração 8</b> - 1998 construção do horto (registro AAPLUZ).....	48
<b>Ilustração 9</b> - Parque da Luz em 2006.....	49
<b>Ilustração 10</b> - Início da construção da Ponte Hercílio Luz e cemitério municipal de Desterro.....	54
<b>Ilustração 11</b> Museu da Ponte Hercílio Luz – localizado na sua cabeceira. ....	55
<b>Ilustração 12</b> Poligonal do Tombamento Federal. ....	58
<b>Ilustração 13</b> -1998 evento no Parque da Luz – Dia mundial dos animais (foto arquivo AAPLUZ) .....	62
<b>Ilustração 14</b> – Jardim dos sentidos – data aproximada: 2004 (foto registro AAPLUZ).....	63
<b>Ilustração 15</b> - Imagem mostra a forma como o Parque foi se constituindo, 2007 (foto Rosiméri Jorge da Silva).....	66
<b>Ilustração 16</b> - Jogo de futebol no campo localizado no Parque da Luz (foto registro AAPLUZ). ....	68
<b>Ilustração 17</b> - Parque da Luz sendo invadido pelas construções (registro do arquivo AAPLUZ) .....	75

<b>Ilustração 18</b> - Atividade cultural realizada no Parque da Luz, por crianças de uma escola pública.....	78
<b>Ilustração 19</b> - Revitalização do Parque da Luz (registro da AAPLUZ). .....	78
<b>Ilustração 20</b> - Plantio no Parque da Luz – Curso Arte no Parque 2006 (foto: Rosiméri Jorge da Silva). .....	87
<b>Ilustração 21</b> - Totem da Paz. Evento realizado em 1º de agosto de 1998. Arquivo AAPLUZ.....	89
<b>Ilustração 22</b> - Reportagem de 20 de março de 2001.....	93
<b>Ilustração 23</b> - Arte no Parque 2006 – oficina de bancos (foto Rosiméri Jorge da Silva.....)	<b>99</b>
<b>Ilustração 24</b> - Arte no Parque 2006 – oficina de bancos (foto Rosiméri Jorge da Silva.....)	99
<b>Ilustração 25</b> - Arte no Parque 2006 – oficina de brinquedos (foto: Rosiméri Jorge da Silva). .....	100
<b>Ilustração 26</b> - Arte no parque 2006 – oficina ajuntamento musical (foto Rosiméri Jorge da Silva).....	102
<b>Ilustração 27</b> - Arte no parque 2006 – oficina ajuntamento musical (foto Rosiméri Jorge da Silva).....	102
<b>Ilustração 28</b> – Arte no Parque 2007 – lanche coletivo e avaliação (foto Rosiméri Jorge da Silva). .....	104

**LISTA DE ANEXOS**

Anexo A - Eventos realizados no parque da Luz – 1986 a 2007.....	123
Anexo B - Projeto feito pelo Professor Etienne para o Parque da Luz.....	124
Anexo C - Projeto paisagístico feito pela arquiteta Lisiane Schneider encomendado pela AAPLUZ.....	125
Anexo D - Revitalização do Lago do Parque da Luz proposta da AAPLUZ .....	126
Anexo E – Mapa de Florianópolis .....	127
Anexo F – Folder construído pela AAPLUZ.....	131
Anexo G – Imagens que mostram o processo de construção do Parque da Luz .....	135
Anexo H – Arte no Parque 2006 e 2007 (fotos Rosiméri Jorge da Silva).....	144



## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES .....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE ANEXOS .....</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1 - A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS E OS MOVIMENTOS POPULARES .....</b>	<b>21</b>
<b>1.1 - MOVIMENTOS SOCIAIS E MEIO AMBIENTE – ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE FLORIANÓPOLIS.....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 – A CIDADE CRESCE E VAI SE TRANSFORMANDO.....</b>	<b>26</b>
<b>1.3 - O PARQUE E A COMUNIDADE.....</b>	<b>30</b>
<b>1.4 – A SOCIEDADE CIVIL E OS MOVIMENTOS SOCIAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>1.5 - O CAMINHO TRILHADO PELA CIDADE .....</b>	<b>37</b>
<b>2 - APROPRIAÇÃO DE UM ESPAÇO PÚBLICO: EXPERIÊNCIA DO PARQUE DA LUZ.....</b>	<b>46</b>
<b>2.1 – AS PRIMEIRAS IDÉIAS DE PARQUE .....</b>	<b>46</b>
<b>2.2 – PARQUE DA LUZ .....</b>	<b>50</b>
<b>2.3 – A MILITÂNCIA .....</b>	<b>56</b>
<b>2.4 - A CONSTRUÇÃO DO PARQUE E OS MUTIRÕES.....</b>	<b>61</b>
<b>2.5 – O MOVIMENTO POPULAR EM TORNO DO PARQUE DA LUZ .....</b>	<b>66</b>
<b>2.6. ESPAÇO PÚBLICO E O PARQUE DA LUZ .....</b>	<b>71</b>

<b>2.7 – A UNIVERSIDADE E O PARQUE DA LUZ.....</b>	<b>79</b>
<b>3 - O PARQUE COMO ESPAÇO EDUCATIVO. ....</b>	<b>82</b>
<b>3.1 - AS POSSIBILIDADES EDUCATIVAS DE UM ESPAÇO EM CONSTRUÇÃO...82</b>	
<b>3.2 – PROCESSOS EDUCATIVOS QUE PERMEIAM O MOVIMENTO.....83</b>	
<b>3.3 – AÇÕES FORTALECEDORAS: CONSTRUINDO COLETIVOS.....87</b>	
<b>3.4 – AS EXPERIÊNCIAS GANHAM FORÇA NAS ATIVIDADES CULTURAIS .....89</b>	
<b>3.5 – PROCESSO EDUCATIVO - CONSTRUINDO TRANÇAS.....92</b>	
<b>3. 6 - DIÁLOGOS COM CHEIRO, COR E SABOR .....96</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>116</b>

## Introdução

*A substância de todo processo educativo é, com efeito, uma atividade de conscientização. A consciência que reflete é mediação imprescindível e insubstituível, no plano humano, para a compreensão da realidade e para a intervenção humanizadora nela.*

*(Severino)*

Este trabalho tem como proposta descrever e compreender o movimento de construção de um parque público na cidade de Florianópolis entre os anos de 1986 e 2008. Vou percorrer esses 22 anos contando um pouco dessa história, em que um movimento popular foi modificando um espaço abandonado no centro da cidade, numa das áreas mais nobres de Florianópolis, em um parque, chamado Parque da Luz, que se localiza na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz.

Com este trabalho busco compreender o papel dos sujeitos que participaram desse processo. Sobretudo compreender o Parque como espaço de saber, na sua relação com o movimento social que o constituiu, dialogando com outros movimentos sociais que discutem os conflitos vividos pela cidade. E de que forma as ações desenvolvidas no Parque foram acontecendo e se essas construíram uma forma de participação que ensina? E como esse espaço foi se modificando e se consolidando em um parque?

O processo de construção dessa investigação se sustenta no próprio processo de construção do Parque, permitindo o diálogo com a cidade, situando-o no espaço urbano e buscando entender como a cidade hoje vai se constituindo e quais os fatores que interferem direta ou indiretamente na constituição dos espaços públicos de lazer, cultura, movimentos sociais, educação e participação.

O problema investigado neste estudo surgiu a partir da minha participação no curso Arte no Parque<sup>1</sup>, que acredito fui buscar pela minha atuação nos movimentos em defesa da escola pública, escolha que sempre busquei fazer desde que me tornei educadora. Idealizadora de uma educação que pudesse entender a criança e o jovem, que o libertasse através do conhecimento, para que olhasse o mundo com outros olhos, mais atento e cuidadoso.

Por esse motivo, durante os meus 23 anos de magistério, me envolvi com o movimento sindical, buscando construir uma escola que valorizasse a vida e os sujeitos, numa tentativa de construir cidadania. Porém o fazer no dia-a-dia da escola é duro e muita vezes desumano, diante das muitas facetas com que o fazer vai se apresentando para o educador. Essa dureza vai nos levando a buscar outros espaços, outras formas de fazer educação, na tentativa de construir um espaço educativo mais leve e saboroso.

Essas tentativas estavam acontecendo a partir do movimento social do Fórum do Maciço Central<sup>2</sup> e foi num dos encontros de formação do fórum que recebi o pôster do curso Arte no Parque. Alguns professores da Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi se inscreveram juntamente comigo, pois o fato de se propor fazer arte num parque sugeria uma leveza e uma alegria em aprender em contato com a natureza. O espaço em que o curso se desenvolvia era, no mínimo, diferente. Fazer um curso num parque nos levava a muitas perguntas, e estas nos levavam a confrontos internos com nossas próprias construções como educadores. Essa situação colocou em evidência algo até então não percebido por mim: a possibilidade de pensar o espaço do Parque como espaço de saber. Um parque chamado Parque da Luz no centro de Florianópolis, que mostrava toda a sua imponência diante da cidade e ao mesmo tempo toda a sua fragilidade, levava-me a um tempo distante, de minha infância, vivida num lugar de muita liberdade e contato com a natureza. Onde as crianças cresciam juntas, brincando com liberdade, deixando fluir sua criatividade.

As experiências que vivenciei no Parque através do curso abriram portas e janelas em pensar o fazer escolar. Começamos a levar para a escola a liberdade do aprender no Parque, que se caracterizava pela teimosia em plantar e cuidar de mudas num lugar onde não existe água para regar, de construir bancos num espaço público e ter liberdade de interferir num espaço em construção, e tudo isso em contato direto com a natureza, com árvores que já davam sombra e outras que precisavam de água para sobreviver. Pois fazer Arte no Parque foi

---

<sup>1</sup> Curso de extensão oferecido pelo Grupo de Pesquisa Pandorga – CED/UFESB no ano de 2005.

<sup>2</sup> O Fórum do Maciço do Morro da Cruz (Florianópolis) é um espaço de discussão política das comunidades que vivem no Morro da Cruz. Tem por objetivo maior agregar essas comunidades em torno de políticas públicas, que atendam - tanto globalmente quanto particularmente – em parceria estas comunidades que visam alcançar melhores condições de vida (GROH, 2002, p.8)

sentir a vida pulsar intensamente no meu fazer. E perceber que a dureza da escola poderia ser amolecida com muitos pés amassando o barro duro, molhando-o e sentindo-o. Acreditando no trabalho que estava se desenvolvendo no Parque, e pelas tentativas que vamos fazendo como educadores, procurando novos espaços de formação, trançando nossos desafios, resolvi pesquisá-lo através da pós-graduação do CED/UFSC.

No ano seguinte estava como aluna da pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa em movimentos sociais, com o tema “**Arte no Parque, rompendo o silêncio do Parque da Luz**”. Ao iniciar o curso fui convidada a participar do Grupo de Pesquisa<sup>3</sup> Pandorga, o qual realiza o curso de extensão Arte no Parque. Voltei ao parque para realizar mais uma edição do curso, agora como integrante do grupo e responsável também pela organização do mesmo. Durante o ano de 2006 fui descobrindo o Parque e seus encantos e percebendo que para pesquisar os fazeres que se dão no Parque tinha que pesquisar a história do mesmo. E assim minha pesquisa foi se desenhando em busca de construir um estudo que revele o movimento que construiu e constrói o Parque da Luz.

Olhando o Parque e o movimento que vinha se desafiando a construir possibilidades educativas geradas pelo simples, pelo fazer coletivo e ao mesmo tempo individual, foi o que me motivou a querer pesquisar o movimento de construção do Parque da Luz e sua história. Fui me aproximando desse movimento e percebendo a ampliação que poderia ser feita por cada um dos participantes, e que cada ação desenvolvida, como plantar uma árvore, fazer uma sementeira, pintar um banco, restaurar um brinquedo, não se esgotava em si mesma, ultrapassava os limites do fazer. Percebi então que pesquisar o Parque não significava somente remeter um olhar sobre um grupo de pessoas que se interessam por um parque. Era buscar construir um novo olhar ou desvendar os olhares escondidos em cada um dos rostos que passaram e passam e se apropriam desse parque. Era descobrir o olhar da cidade (a cidade em todos os seus aspectos - humano, institucional, político, físico e social) sobre o Parque e o movimento que conseguiu transformar um espaço de lixo em um área verde de lazer. E nessa rede fui percebendo o Parque se entrelaçando à educação ocupando o seu espaço, criando uma forma muito própria de participação.

Ao desenhar o caminho trilhado pelo movimento em torno do Parque da Luz, busco a visualização das lutas pelos espaços públicos da cidade de Florianópolis, configurando-se em

---

<sup>3</sup> Grupo de pesquisa Pandorga: Ação, Educação popular e Cidadania. Grupo de pesquisa e extensão – CED/UFSC, coordenado pela professora Maristela Fantin.

espaços de pensar a cidade e conseqüentemente a vida no planeta.<sup>4</sup> Nesse sentido, é importante considerar a política para as cidades e as intervenções do poder público.

Diante dessas considerações foi necessário compreender a importância dos movimentos sociais que se constituem em torno das lutas por espaços públicos de lazer e contemplação, percebendo como a sociedade civil se organiza, para em alguns momentos cobrar do poder público uma ação diante das situações que vão se configurando a partir da urbanização acelerada, e em outros momentos para ir fazendo com suas próprias ações.

Nesse sentido percebo que o tema escolhido e as questões levantadas têm sua relevância, pois tratam de resgatar a história de um movimento social com muitas conquistas, num processo de construção que envolve compreender uma cidade em pleno desenvolvimento imobiliário. Onde os obstáculos a serem enfrentados vão dando lugar a uma forma muito diferente ou peculiar de resistência. Discutir esse movimento e suas ações coletivas é uma possibilidade de trazer para a sociedade um outro olhar sobre as possibilidades de resistência e luta por espaços públicos de lazer. Abrindo espaço para novas discussões no enfrentamento dos problemas gerados pela urbanização.

A investigação caminha na perspectiva de estudar o processo educativo que se constitui no espaço do Parque da Luz, dialogando com seus idealizadores através da sua história e buscando compreender o processo que foi se dando nos últimos 22 anos (1986 a 2008). Para compreender esse processo de construção estarei dialogando com: Paulo Freire (1987), Eder Sader (1988), Scherer-Warren (1993, 1999 e 2004) e do CECCA (1997, 1999 e 2001), entre outros.

Executei uma pesquisa participante, que baseia-se numa metodologia de observação participante em que o pesquisador estabelece relações com pessoas do grupo pesquisado na situação investigada. Isso se caracterizou com a minha participação nos cursos Arte no Parque de 2005 a 2007 e com visitas semanais ao Parque da Luz e à Associação dos Amigos do Parque da Luz nos anos de 2007 e 2008, me envolvendo em atividades e ações realizadas pelo movimento.

O mapeamento inicial dos processos de construção do Parque da Luz se deu através de documentos, levantamento das ações desenvolvidas pela Associação Amigos do Parque da Luz, acompanhamento da prática do curso Arte no Parque, entrevistas com os membros da Associação, com participantes do movimento, moradores e com representante do Legislativo, além de estudo bibliográfico.

---

<sup>4</sup> Essa perspectiva me move em direção a essa pesquisa, pois futuramente esses tipos de luta por espaços de lazer podem construir novas ações nessa direção.

Iniciei meu trabalho de pesquisa através das ações realizadas pela Associação dos Amigos do Parque da Luz. Fiz um estudo geral do contexto histórico da construção do Parque da Luz através de documentos disponibilizados pela AAPLUZ e duas pastas de registros feitas por uma das participantes do grupo, Dona Meri Cunha, que me foram emprestadas. Realizei entrevistas com: Lúcio Dias Filho – idealizador do parque e que está no movimento até hoje -, Elaine Martins – integrante do movimento e esposa do Professor Etienne -, Dário Luiz Panizzon – jardineiro do parque contratado pela AAPLUZ desde 1999 até os dias atuais -, Mauro Passos – vereador que se envolveu com o movimento durante dois mandatos no período de 1996 a 2002 -, Modesto Azevedo – liderança comunitária e ex-presidente da UFECO (União Florianopolitana de Entidades Comunitárias) - e Meri Cunha – que participou do movimento, moradora do entorno do parque. Estou acompanhando uma vez por semana as ações desenvolvidas pela AAPLUZ, além de ter participado de algumas reuniões da diretoria e ter acompanhado seus integrantes nas votações na Câmara de Vereadores.

Organizei e realizei em 2007, juntamente com Elaine Martins uma das pessoas que ajudou a construir o Parque, uma atividade para homenagear as mulheres, no Dia Internacional da Mulher no Parque da Luz. Acompanhei e participei da atividade dos 60 anos do SESC que se realizou no Parque da Luz em 2006. Participei e ajudei a organizar uma Festa Julina no Parque em 2007 – envolvendo crianças da EEB Jurema Cavallazzi e uma festa para as crianças da mesma escola no Dia da Criança. Também foi alvo de minha investigação o Grupo Pandorga: ação, educação popular e cidadania – CED/UFSC, com a atividade no Parque através do curso Arte no Parque. Farei análise dos registros do curso realizado em 2005, 2006 e 2007, e registro de diário de campo, para analisar as possibilidades educativas do Parque.

Para coleta de dados utilizei também histórias de vida, relatos orais, pois permitem ressignificar fatos e acontecimentos na vida do grupo e das pessoas pesquisadas. Os roteiros semi-estruturados ajudaram, por se tratar de um procedimento que possibilita a flexibilidade e respeita o tempo e ritmo das pessoas e/ou do grupo pesquisado. Os dados encontrados foram organizados e sistematizados com orientações bibliográficas que fundamentem o estudo. Com o propósito de construir um documento que possa vir a servir de fonte histórica para esse movimento social.

Este estudo está organizado em três capítulos. No primeiro, realizo uma sucinta abordagem histórica sobre a cidade de Florianópolis e os movimentos sociais, dando ênfase às questões ambientais e urbanas. Nessa perspectiva, procuro compreender os movimentos sociais que lutam pelo meio ambiente e como a cidade foi se transformando neste século, no

intuito de localizar subsídios para a discussão sobre o movimento que construiu o Parque da Luz. No segundo capítulo, apresento o movimento que construiu o Parque da Luz, identificando-o como movimento social. No terceiro capítulo, trago as possibilidades educativas que vão se construindo a partir das ações que se realizam no Parque da Luz, evidencio o curso Arte no Parque como uma das ações que possibilita pensar o parque como espaço educativo. Por fim, para concluir, teço as considerações finais que apontam possíveis subsídios para construir parques na cidade e como esses podem se tornar espaços educativos.



## 1 - A cidade de Florianópolis e os movimentos populares

*Em dia de sintonia e noite de lua cheia  
Com lindas sereias na areia e belos veleiros no  
mar  
Vamos criar nessa ilha um Parque da vida  
na Ponte da Luz.  
(Etienne Luiz)*

### 1.1 - Movimentos sociais e meio ambiente – organização do espaço urbano de Florianópolis

O cenário que se constituiu em Florianópolis nos últimos 20 anos está permeado de lutas, conquistas e derrotas. É nesse cenário que vamos contextualizar o movimento de construção do Parque da Luz. Final dos anos 80, período em que o país vivia um grande momento político, com a abertura democrática e o avanço na organização da sociedade civil<sup>5</sup>. Abriam-se as discussões sobre variados temas, principalmente os que estavam ligados à pobreza, ao meio ambiente, à saúde, à educação, e à moradia.

O movimento pelo Parque da Luz teve seu início no ano de 1986, período marcado pela organização democrática, o país acabava de perder um presidente eleito, Tancredo Neves, e estava se preparando para viver o processo de instalação da Assembléia Nacional Constituinte, em que se colocava para a nação a importância da revisão da constituição brasileira, que viria com a marca da democracia.

Neste contexto os movimentos sociais viriam se caracterizar como espaços importantes de discussão e pressão, principalmente os que estavam ligados à questão da pobreza e da vida com dignidade. Nesse espaço a igreja vinha desde a década de 70 desempenhando um papel importante com as Comunidades Eclesiais de Base, organizando suas bases e tornando seu movimento visível<sup>6</sup>. Outro espaço que ganhava força era o dos movimentos sindicais, que se fortaleceram numa nova organização, pautados pelo processo democrático, trazendo as questões sociais para o foco das atenções<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> Gohn, 2007, p. 33.

<sup>6</sup> Sader, 1988, p 159.

<sup>7</sup> Ibid, p 306.

Porém vou trilhar os caminhos dos movimentos que lutaram e lutam pela preservação do meio ambiente em Florianópolis, visto que segundo relatório do CECCA - Centro de Estudo Cultura e Cidadania<sup>8</sup>:

Com o crescimento urbano, na metade do nosso século (XX), acelerado por políticas sociais, econômicas e urbanas equivocadas que apostavam na criação de uma metrópole catarinense, concentrando na ilha empresas e serviços públicos que deveriam estar distribuídos pelo estado, os ecossistemas naturais passaram a sofrer novos impactos provocados pela ocupação desordenada do espaço natural (1997, p. 24).

Essa realidade foi ganhando forma com as construções irregulares nas encostas dos morros pela população de baixa renda ou não e também pelas construções de vários loteamentos em diversos pontos da cidade, não respeitando as áreas de preservação, gerando uma ocupação desordenada, sem planejamento, visto que as discussões para organizar os espaços urbanos ainda estavam restritas aos órgãos públicos e com pouca interferência da sociedade civil organizada<sup>9</sup>.

Segundo Lúcio *se intensifica com a chegada da Eletrosul. Impactando e inflacionando o mercado de imóveis, com brutal velocidade, num tempo curto, alterando inclusive os modos de vida e a cultura da região* (entrevistado).

O desenho que foi se fazendo para a cidade, foi exigindo da sociedade uma posição frente ao descaso com o meio ambiente. Por meio dos movimentos sociais foram sendo

---

<sup>8</sup> ONG criada em Florianópolis em 1990, tem como um de seus objetivos contribuir para a construção e divulgação de um conhecimento crítico e propositivo para melhoria da realidade social, ambiental e política de nossa ilha (CECCA, 1997, p. 11)

<sup>9</sup> O período anterior ao IPUF, de 1952 a 1977, a organização dos espaços urbanos foi se constituindo da seguinte forma: Código Municipal de Florianópolis (1955) – Elaborado pelos urbanistas Evaldo Paiva, Edgar Graef e Demétrio Ribeiro, foi o primeiro Plano Diretor de Florianópolis; Plano de Desenvolvimento Integrado da Região da Grande Florianópolis (1969) – Concluído em 1969 pelo Escritório Catarinense de Planejamento (ESPLAN), coordenado pelo arquiteto Luiz Felipe da Gama Lobo D’Eça, esse plano foi elaborado com uma visão de planejamento metropolitano e grandioso para a Capital; Plano Diretor de Florianópolis (1976) – Plano-piloto elaborado pelo ESPLAN ; Diretrizes de Uso do Solo para o Aglomerado Urbano de Florianópolis (1976) – Elaborado através do convênio IPEA/CNDU (Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano)/Estado de SC/AUF (Aglomerado Urbano de Florianópolis). (Atlas do Município de Florianópolis, p. 115, 2004). A partir de 1977 foi criado o IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis), pelo prefeito Esperidião Amin Helou Filho, dando início a um processo permanente de planejamento urbano no município, porém com pouca participação popular. Ficando para os vereadores a responsabilidade de representar a população através da democracia representativa, o espaço do Legislativo foi o lugar das intervenções e lutas populares. Nesse período foram elaborados os planos diretores de São José, Palhoça e Biguaçu (1980) – num projeto em arceria com a República Federal da Alemanha, como parte do Convênio COM/BIRD, com consultores da empresa GTZ; Plano de Desenvolvimento Turístico do AUF (1981) - elaborado em convênio com a República Federal da Alemanha, como parte do Convênio COM/BIRD, com consultores da empresa GTZ; Plano Diretor da Trindade (1982); Plano Diretor dos Balneários e Interior da Ilha (1985) - elaborado em convênio com a República Federal da Alemanha, como parte do Convênio COM/BIRD, com consultores da empresa GTZ; Plano Específico do Parque Tecnológico do Campeche (1992); Plano Diretor do Distrito Sede (1997) – Instituído pela Lei Complementar nº 001/97, substituindo o Plano Diretor da Lei nº 1440/76. Uma das características desse plano foi regulamentar a participação popular no processo de planejamento (Planejamento Participativo), antecipando os instrumentos regulamentados no Estatuto da Cidade em 2001, pois o mesmo passou por várias gestões até ser aprovado. (Atlas do Município de Florianópolis, p. 115, 2004). Ver também (CARDOSO, 2006, p. 34-36).

criados espaços de discussão e resistência ao modelo de desenvolvimento urbano que vinha se configurando e ganhando forma em Florianópolis, principalmente com as grandes obras rodoviárias impostas pela construção da terceira ponte e com o aumento do volume de carros na cidade. Isso além de todas as investidas do mercado imobiliário, apoiadas pelo poder público, para transformar os recantos da ilha num grande empreendimento imobiliário, como foi o caso do Costão do Santinho, o projeto que previa a construção de prédios de 18 andares, do Loteamento Praia Brava e do Loteamento de Jurerê Internacional, onde rio Faustino foi canalizado e aterrado para que a grande obra chegasse ao fim.<sup>10</sup>



**Ilustração 1-** Aterro da Baía Sul e área invadida no Morro do Mocotó, Centro – mostrando a contradição da organização urbana (Foto arquivo Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Projeto Malungo - 2007).

Porém, nesse processo outras áreas foram preservadas, como as Lagoinha da Chica e Pequena, a Ponta das Almas, a Ponta do Coral, entre outras. As lutas ganharam força com as ONGs ambientalistas e com os movimentos que se organizavam em prol da defesa do meio ambiente. Um dos que se destacou pela sua ação na luta pela preservação do Mangue do Itacorubi, com a retirada do lixão, defendendo a preservação do meio ambiente, foi o

---

<sup>10</sup> Esses dados são apontados por Lúcio Dias Filho em sua entrevista e nos relatos que aconteceram nos encontros semanais durante os anos de 2007 e 2008.

movimento que se intitulava MEL (Movimento Ecológico Livre, fundado em 1983), que se declarava apartidário segundo Iara Chaves, que foi sua coordenadora em 1988 (Scherer-Warren, 1999, p.224). Outras ONGs se destacaram nesse movimento, e juntas buscaram através de uma vigília constante, com ações diretas junto ao poder público e ao Ministério Público, constituir redes de ações que provocavam a participação popular para intervenções diretas nos espaços de discussão, como os conselhos que vinham sendo criados a partir da nova constituição. E também no Legislativo numa construção constante de instrumentos legais que pudessem garantir a preservação do meio ambiente e a organização do espaço urbano numa perspectiva de valorização da vida.

Até 1997, segundo relatório do CECCA:

Existiam na Ilha de Santa Catarina – incluindo o seu entorno – as seguintes áreas protegidas por legislação específica: Carijós, Pirajubaé, Arvoredo, Anhatomirim, Naufragados, Rio Vermelho, Lagoa do Peri, Lagoinha do Leste, Galheta, Costa da Lagoa; Dunas da Lagoa, dos Ingleses, do Santinho, da Armação do Pântano, Restinga de Ponta das Canas, Ponta do Sambaqui, Lagoa Pequena e da Chica, Mata do Hospital de Caridade, Maciço da Costeira e Horto Florestal de Canasvieiras e três outras áreas com uma definição legal ambígua: Parque Ecológico do Córrego Grande, Área de Relevante Interesse Ecológico do Desterro e Parque Ecológico da Cidade das Abelhas (1997, p. 25).

Resultado de todos os movimentos em prol do meio ambiente, que vinham se desencadeando em todo o país, principalmente a partir dos anos 1970, tendo como origem a Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural aprovada pela UNESCO, em Paris em 16 de novembro de 1972.

Objetivando dar continuidade a esse processo de proteção do meio ambiente, Florianópolis busca através da Agenda 21 Local, criar novas ações de enfrentamento para construir espaços de discussões que agregassem força para dar visibilidade à situação de degradação ambiental que Ilha de Santa Catarina estava vivendo, na tentativa de construir novos movimentos sociais que pudessem implementar a luta pelo meio ambiente.

Com a realização da Conferência das Nações Unidas, em junho de 1992, no Rio de Janeiro, diante de um esforço preparatório que durou dois anos, mais de 170 países referendaram a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; a Declaração de Princípios sobre o uso das Florestas; a Convenção das Nações Unidas sobre a Diversidade Biológica; a Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, documentos de extrema importância para a humanidade; e a Agenda 21, que visa o desenvolvimento sustentável do nosso planeta, numa tentativa mundial de alterar os padrões de consumo, de minimizar a pobreza, de adotar tecnologias mais brandas e limpas, que assegurem a manutenção da qualidade do ambiente natural, diminuindo a poluição do ar, da terra e das águas, reparando-nos para os desafios do século XXI (Fórum Agenda 21 Local de Florianópolis, 2000, p.5)

Porém as atividades que se iniciaram com a constituição do fórum, que no início realizou vários seminários regionais e plenárias, produzindo discussões locais e regionais, na tentativa de problematizar e potencializar as problemáticas ambientais, não representaram o desejo da ampla maioria e por esse motivo, houve um esvaziamento na participação popular, por perceberem a manipulação que estava sendo feita pelos órgãos gestores com relação a participação comunitária.<sup>11</sup>

O Fórum da Agenda 21 de Florianópolis foi mais um dos espaços que só serviram para criar uma aparência de participação, mas sem conseqüências concretas na definição do futuro da cidade. [...] Os órgão do governo municipal, através dos meios de comunicação, procuram nos inculir a idéia de que este documento “norteará o crescimento e o desenvolvimento de nossa cidade nos próximos 30 anos”. Mas tudo indica que a função maior deste documento está mais em servir como peça de marketing político e ecológico em eleições e negociações de funcionamentos (sic) nacionais e internacionais, do que em impulsionar o desenvolvimento sustentável de Florianópolis (CECCA, 2001, p. 202, apud CARDOSO, 2006, p.33).

O movimento para construção do Parque da Luz, desde 1986, já tinha uma caminhada feita e estava agregando-se a outros movimentos de norte a sul da cidade em busca de qualidade de vida através da preservação ambiental, como vamos apontar no capítulo II. E a discussão espalhou-se para outros lugares da cidade, criando um questionamento: por que Florianópolis não tem tradição de parques? Esse questionamento vai permear toda a discussão que vamos trazer sobre a organização urbana em Florianópolis.

O movimento do Parque da Luz tem uma característica que se evidenciam nos relatos feitos por Lúcio Dias Filho: que seus integrantes estiveram e estão envolvidos diretamente em outros movimentos e com isso construindo uma relação de aproveitamento entre as situações favoráveis que são criadas por esses movimentos sociais, buscando reunir forças em prol dos seus objetivos, que são proteger o meio ambiente e valorização dos espaços públicos como patrimônio do cidadão e da cidade. Construindo alternativas para estancar a sangria da urbanização desordenada e desenfreada.

Para entender melhor como isso acontece Ilse Scherer-Warren traz:

Na discussão sobre a “fragmentação das mobilizações” um entendimento de que mesmo existindo a fragmentação pela diversidade de temas que geram mobilizações e movimentos sociais, existe a capacidade desses movimentos construir redes com a “homogeneização” dos temas (1999, p. 16).

Observo através do movimento em torno do Parque da Luz uma rede de movimentos que, mesmo com suas contradições, cada qual no seu espaço, lutam pela preservação de várias

---

<sup>11</sup> Ver Cardoso, 2006, p 33-34)

áreas como: a Lagoa da Chica e a Lagoa Pequena, no Campeche, e a Ponta das Almas, na Lagoa da Conceição, Ponta do Gravatá, ponta do Leal, Ponta do Lessa e Ponta do Gular, entre outras. Porém o que os fortalece é a homogeneização do tema: proteger o meio ambiente e pensar numa cidade que respire melhor.

Mesmo diante dessas constatações, Florianópolis vive nos últimos anos um processo de urbanização, com grande enfoque na especulação imobiliária, que necessita de infraestrutura, principalmente viária, e no qual se percebe um avanço desordenado sobre as áreas protegidas que conta com a omissão do poder público e a conivência do poder Legislativo. Isso ficou explicitado com a Operação Moeda Verde, da Polícia Federal, a qual indiciou vereadores, empresários e funcionários públicos por crime de compra e venda de licenças para viabilização de grandes empreendimentos na Ilha, em lugares protegidos por lei.

Diante do que se vai apresentando os movimentos sociais vão se organizando e juntos buscam construir novos caminhos para atuar frente à problemática que vai se descortinando a cada dia em Florianópolis e o que pode-se compreender é que uma identidade própria, construída e fundamentada em valores comuns, nesse caso preservar o meio ambiente, vai se constituindo a partir de pequenas ações que se desenvolvem no interior de cada movimento que se organiza em favor do mesmo objetivo.

Acredito que a articulação desses sujeitos coletivos está trazendo para o debate uma forma de organização segundo a qual, mesmo os movimentos ocupando lugares diferentes e posições diferentes, conseguem construir um diálogo em alguns espaços de discussões, como por exemplo o Fórum da Cidade, o grupo gestor para construção do Plano Diretor, entre outros. Essa articulação, que às vezes aparece como frágil, vai criando um veio de resistência em que os movimentos se fortalecem um nos outros. É nesse sentido que o movimento em torno do Parque da Luz ganha força e vem construindo um caminho de conquistas para garantir um parque no centro da cidade de Florianópolis, ao lado da Ponte Hercílio Luz.

## **1.2 – A cidade cresce e vai se transformando**

Nos anos 60, Florianópolis tinha uma estimativa de população residente, segundo cálculos do GEIPOT/1978, de 77.585 pessoas na área urbana e 20.242 na rural. Entramos no terceiro milênio na marca dos 271.281 habitantes, sendo 250.657 na área urbana, o que

representa a maioria absoluta<sup>12</sup>. Essa realidade foi imprimindo à cidade uma organização do espaço urbano que priorizou o transporte individual, os grandes shoppings foram ocupando os espaços livres e a cidade foi perdendo os seus espaços humanizadores, como praças e parques. Márcia Fantin traz como uma das conseqüências a “*vocação natural para o turismo*”, que passou a ser conhecida nos anos 90 como a “*Capital Turística do Mercosul*” (2000, p. 16). O então Vereador Mauro Passos (1997 a 2002) em sua entrevista identifica esses problemas vividos pela urbanização, ligados ao planejamento voltado para as necessidades do desenvolvimento imposto pelo sistema capitalista, não se pensa no futuro de uma cidade no sentido de preservar a sua história e o bem-estar da sociedade, no que se refere à qualidade de vida. Um dos exemplos a que ele faz referência foi a construção do Aterro da Baía Sul. *Era um projeto que tinha “visão de futuro”, para uma cidade que se reconfigurava a partir de uma Florianópolis automobilística. O Aterro não foi pensado para garantir à cidade mais espaço de lazer e mais uma área verde. Segundo Santos*

[...] a cidade é afastada de sua relação marinha por uma grande superfície plana. “Seis quilômetros quadrados da Baía Sul são engolidos por um aterro, cortado de rodovias e ajardinado. Com ele, a velha Desterro se separa do mar, com quem manteve secular intimidade”. Das pranchas da equipe do então governador Engenheiro Colombo Salles e mais tarde, do paisagista Burle Marx, surge um aterro diferente de todos os outros até então. Não só por sua proporção, mas fundamentalmente por ter a sua utilidade atribuída antes da criação do espaço em si. Para seus planejadores o Aterro seria a superfície, o berço de um complexo de auto-estradas. Este complexo compõe o sistema viário da segunda ligação Ilha-Continente, a Ponte Colombo Machado Salles (1972-75). Criou-se a partir desta obra, a maior área livre da cidade, porém entrecortada por auto-estradas. (1997, p. 34).

Com o Projeto de Burle Marx<sup>13</sup>, abre-se uma possibilidade da população usufruir desse espaço como área de lazer. Porém, mais uma vez a necessidade de acomodar o grande fluxo de carros e ônibus transformou a área num grande espaço de produção e concentração de poluentes. Retirando da população uma possibilidade de priorizar a vida, a alegria e a coletividade. Segundo César Floriano:

A descaracterização do projeto de Burle Marx começou por volta de 1984. A acessibilidade entre as áreas aterradas e o mar deveria ser feita por três passarelas, mas só uma foi levantada. Além desse problema, outros se somaram, como a falta de manutenção e o sucateamento dos aparelhos de lazer. Que a partir da década de 90, vieram construções do camelódromo, da feira, da estação de tratamento de esgoto, até enterrar de vez o jardim com a edificação do Terminal Integrado do Centro (Ticen), pronto em 2003. Hoje abriga uma estrutura tacanha, como Centro Sul, que não dá visão para o mar nem para cidade, e a arquitetura de lata do camelódromo e do feirão (Jornal Notícias do Dia, 12 e 13 de julho de 2008).

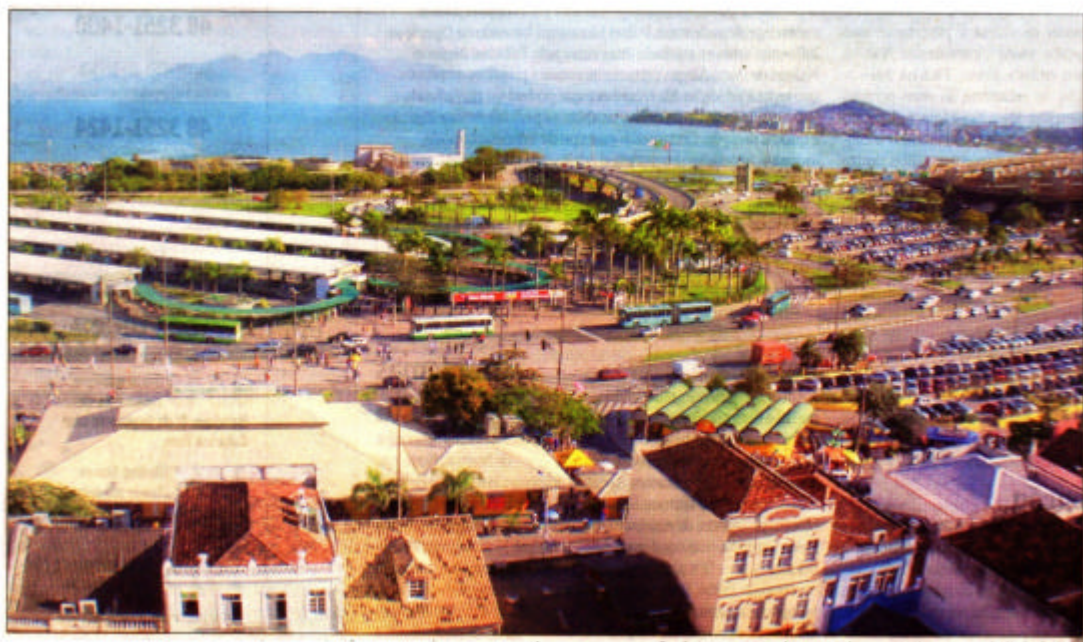
---

<sup>12</sup> Dados extraídos do Atlas do Município de Florianópolis, 2004, p. 143.

<sup>13</sup> Ver Santos, 1999, p.365-384.



Esse “Equívoco Urbano” como foi a manchete do jornal Notícias do Dia<sup>14</sup>, só vem nos mostrar que as ações governamentais valorizam os interesses do mercado, onde as áreas livres da cidade devem se consumidas pelo mercado imobiliário ou pelas vias tão necessárias para o bom funcionamento da mesma na perspectiva capitalista. Fica para os movimentos sociais a inversão dos valores, através de sua intervenção direta hoje no Plano Diretor Participativo. Porém a sociedade civil precisa manifestar a sua indignação com a retirada dessa área com ocupações edificadas, na qual as trocas coletivas e de lazer poderiam dar lugar à qualidade de vida.



**Ilustração 2 - Aterro da Baía Sul – Centro de Florianópolis fonte jornal Notícias do Dia, 12 e 13 de julho de 2008.**

Uma outra consideração de Mauro Passos é:

Aqui em Florianópolis se tem claro quando se entra no Estreito, crescimento desordenado que não teve a contrapartida da política pública. Se a cidade cresce, ela tem que incorporar escolas, creches, presença do que é público, inclusive praças (entrevistado).

A saturação da cidade foi se apresentando a partir da década de 60, quando a explosão imobiliária tomou conta da área central de Florianópolis. Foi se construindo sem uma

---

<sup>14</sup> Jornal Notícias do Dia, 12 e 13 de julho de 2008.



preocupação com o futuro e ocupou-se 100% da área central<sup>15</sup>. Esse processo é chamado por Mauro Passos de *uma deformação urbana*.

A cidade cresce e não existe na mesma proporcionalidade área pública para as pessoas. Os próprios indicadores de saúde e urbanismo prevêem espaço por população. Estamos num processo acentuado de decréscimo de área verde por habitante (entrevistado).

Na perspectiva de enfrentar os problemas oriundos do crescimento urbano, que vinha tomando proporções desastrosas nas cidades e também em Florianópolis, trazidas pelo advento do turismo no caso de Florianópolis e pela grande migração dos agricultores para a cidade em função do sistema capitalista:

Surge no cenário nacional, a Lei Federal 10257/01, que cria o estatuto da cidade, tornando obrigatória a “gestão democrática da cidade”, envolvendo a criação de órgãos colegiados, orçamento participativo, audiências e consultas públicas, e sujeitando o prefeito que não cumprir essa Lei a crime de improbidade administrativa (ATLAS DE FLORIANÓPOLIS, 2004, p. 134).

O Estatuto da cidade surge:

Com a pressão popular realizada pelo Movimento Nacional da Reforma Urbana na Constituição de 1987/88. O objetivo era incluir o direito à cidade e a função social da propriedade na Constituição, o que foi expresso nos artigos 182 e 183. Desde então, diferentes setores da sociedade brasileira se uniram para disseminar idéias de desenvolvimento urbano que exigem o enfrentamento da desigualdade e da exclusão sociais nas cidades brasileiras. Foi esse movimento organizado que lutou, articulado a deputados de vários partidos e enfrentando todos os tipos de oposição, pela aprovação do Estatuto da Cidade no Congresso Nacional.  
16

Porém, mesmo com as obrigações que a legislação vai criando, existe uma cidade real e uma cidade legal.<sup>17</sup> Para compreender esse processo vamos buscar entender os compromissos que foram sendo construídos para a organização do espaço urbano da cidade. Uma das questões que pude levantar nesta pesquisa é que os poderes Legislativo e Executivo precisam ser pressionados pelos movimentos sociais para colocarem como um dos seus compromissos com a sociedade a organização do espaço urbano, através do Plano Diretor Participativo. Mesmo com toda a organização da sociedade civil, Florianópolis tem na projeção de Mauro Passos a seguinte colocação: *Vamos ter uma cidade com um milhão e*

---

<sup>15</sup> Como fica constatado nos dados trazidos pelo Atlas de Florianópolis em 2004.

<sup>16</sup> Cartilha “Conhecendo o Estatuto da Cidade. Elaborada pelo Fórum Nacional de Reforma Urbana, FASE – Solidariedade e Educação e Caixa Econômica Federal.

<sup>17</sup> Ver Boppré, 2003.

*meio de habitantes, projeção para 20 anos, e não vamos ter espaço para essas pessoas. É uma cidade que está fadada a ser saturada. Pois segundo Márcia Fantin a cidade continua crescendo e atraindo um grande número de novos moradores, muitos deles vindos das grandes cidades (2000, p.16). Essa trajetória que as pessoas estão fazendo, saindo das grandes cidades para alcançar espaços privilegiados, como Florianópolis, é um processo que Fantin coloca como a busca pela qualidade de vida, viver próximo da natureza – da praia e do campo – e ao mesmo tempo estar na cidade, usufruir da vicissitudes do urbano (2000, p.16).*

### **1.3 - O Parque e a comunidade**

Diante de uma Florianópolis em amplo desenvolvimento imobiliário e degradação ambiental, vamos observar um pequeno grupo se constituindo em torno de um objetivo: construir um parque no centro da cidade e recuperar uma área altamente degradada. Esse grupo, pelos relatos não nasce somente por esse objetivo, mas sim por seus integrantes estarem envolvidos com toda uma compreensão de cidade e organização urbana, baseada na qualidade de vida e preservação do meio ambiente. Atores que estavam principalmente ligados com a Universidade Federal de Santa Catarina, funcionários, professores e alunos, que se fortaleceram através de estratégias de intervenção direta no espaço físico, no caso específico um terreno abandonado no centro da cidade. Terreno este que vem ser objeto de muita disputa, por estar numa das áreas privilegiadas da cidade, com vistas incontestáveis de beleza natural e assim o metro quadrado mais caro de Florianópolis.

Entretanto esse processo de apropriação de um espaço público abandonado inicialmente não teve o esperado apoio efetivo da comunidade local, como função essencial de cada cidadão, exigindo o direito de ter perto da sua casa um parque. Também os moradores da cidade não estavam atentos a sua participação no processo que estava se dando no espaço do parque. Isso foi se apresentando em várias situações durante a pesquisa quando: alunos e professores que fizeram o curso Arte no Parque (2006 e 2007) e outros da disciplina da Pós Graduação – UFSC - Arte e Educação Popular (2006 e 2008) ao chegarem no Parque da Luz, colocavam que não conheciam o espaço; quando alunos e professores da Escola de Educação Básica foram para o parque em vários momentos (2006 2007), mesmo se localizando num Bairro próximo ao centro, muitos não conheciam o parque; quando um dos meninos que joga bola no campo que fica no parque e que existia antes da idéia de parque existiu falou numa

conversa com um dos alunos do curso Arte no Parque<sup>18</sup>, refletindo o pensar de um grupo que utiliza o parque até hoje aos sábados para jogar bola. Quando o aluno fez referência ao local como parque, o garoto agressivamente falou: “Isso não é um parque é o Morro da Barreira”<sup>19</sup> (diário de campo). Outro relato que evidencia algumas posições contrárias:

Alguns não queriam que esse projeto prosperasse. Alegavam que o parque estava sujo e era ponto de drogados. Tiravam fotografias de cantos com seringas e eu sempre me contrapunha. Usavam em alguns momentos o exemplo da Praça XV, argumentando que o local estava cheio de drogados (Mauro Passos, entrevistado).

No entanto, o parque foi ganhando força como diz Elaine:

Foram vinte anos de trabalho. Não só as árvores cresceram. As pessoas foram trazendo as mudas, foram vindo e transformando legitimamente o espaço num parque. O fundamental do parque são as árvores, não adiantava só discutir politicamente se o parque não tivesse as árvores, não tomasse forma e ganhasse força. Isso para mim que é educação ambiental (entrevistada).

E o processo que ocorreu muitas vezes silencioso, foi educando os próprios moradores da cidade, mostrando como as estratégias de construção, através do plantio, foram estruturando o espaço e dando cara de parque, onde muitas árvores hoje garantem a existência do mesmo.

Como pode-se perceber, a forma como os idealizadores do parque foram fazendo, foi criando uma estratégia que: como o processo em si, a experiência, deu lugar a um processo educativo. Isso está refletido na fala da Elaine:

Você educa à medida que envolve as pessoas e mostra a elas que cada uma tem que fazer a sua parte e se envolver. Ela aprende, ela vai aprendendo muito mais na prática do que na teoria. O tempo de criação desse parque foi o tempo que as pessoas levaram para perceber a necessidade vital que tem a árvore. As pessoas me viram catando lixo, acharam que era uma louca: “não vai nascer nada”, “plantar em pedra”, “essa mulher não vai conseguir”. A medida que as pessoas viam eu plantando e as plantas vindo, começaram a ver que ia dar (entrevistada).

Um outro aspecto que permeia esse querer ou não um parque no centro da cidade está ligado às concepções de cidades que estão presentes numa sociedade, principalmente uma sociedade dividida em classes, na qual os interesses comerciais se sobrepõem aos interesses coletivos. Márcia Fantin destaca dois embates que aconteceram em Florianópolis, que vão nos

<sup>18</sup> Curso de extensão desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Pandorga – CED – UFSC.

<sup>19</sup> Como era chamado o local onde fica o Parque da Luz antes da sua construção.

mostrar um pouco sobre os interesses e objetivos que interferem na construção direta de um projeto para a cidade:

Os impasses gerados na instauração e viabilização de grandes projetos turísticos na Ilha com grande impacto sócio-ambiental e cultural (Jurerê internacional, Costão do Santinho e, atualmente, o projeto do Porto da Barra (2000, p. 18).

Projetos que se utilizam principalmente da mídia para reproduzir os seus conceitos de cidade, lançando mão de um instrumento valioso para o processo educativo: As imagens. Pois segundo Reigota:

Vivemos uma época de banalização do cotidiano através do excesso de imagens estáticas ou em movimentos, com forte apelo popular, que pela sua força de penetração e excesso de exposição conquistam “validade”, mesmo que baseadas em dados falsos, posições políticas, científicas, ideológicas e eticamente questionáveis (2002, p. 115).

Essa diferença de projeto para a cidade é que leva à construção de várias organizações populares para combater as iniciativas e propostas dominantes hoje em Florianópolis, apoiadas pelos grandes empresários da área imobiliária e da construção civil. Mauro Passos identifica que *esses movimentos só acontecem porque existem pessoas com uma preocupação urbana, querendo pensar a saturação da cidade. Para ele, Etienne<sup>20</sup> foi um desses atores. Tinha se dado conta disso (entrevistado).*

Observando esse grupo, que vai se organizando em torno de um objetivo em comum, com ações norteadas por princípios que levam à preservação do meio ambiente, compreendo que podemos denominá-lo de movimento social, segundo Ilse Scherer-Warren, que define movimento social como:

Uma ação grupal para transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia), e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização a sua direção) (1984, p.34).

Essa discussão sobre a cidade que temos e a cidade que queremos que faz parte do movimento do Parque da Luz permeia outros movimentos populares em Florianópolis. Um dos movimentos que gostaria de destacar é o Fórum do Maciço do Morro da Cruz, um movimento que vem pensando a cidade sob vários aspectos: saúde, educação, trabalho, meio ambiente, moradia, segurança pública, esporte, cultura e lazer que se desdobram em

---

<sup>20</sup> Etienne Luiz foi um dos idealizadores do Parque da Luz.

comissões que se articulam entre as 12 comunidades que fazem parte do fórum. Essa organização está sendo possível por força das comunidades, onde um coletivo está disposto a conversar e lutar por um mesmo ideal. O fórum tem um eixo a seguir, que é resgatar a relação campo, cidade, e os princípios e valores que promovem, dignificam e resgatam a vida, nos aspectos ambientais e humanos. Representando a força das periferias de Florianópolis, buscando construir um caminho possível para participação da população nas decisões que dizem respeito as suas vidas e a vida da cidade.

Esses movimentos que se constituem em Florianópolis buscam construir uma cidade preocupada com a vida que pulsa sobre ela, fazendo da participação em atividades e ações conjuntas, de estudos e reflexões um caminho possível. Os mesmo já construíram lideranças para intervir diretamente nos espaços de discussão constituídos legalmente, como o Fórum da Cidade e o Núcleo Gestor<sup>21</sup>. Um exemplo disso é o líder comunitário do Fórum do Maciço ser o representante eleito para o Núcleo Gestor, além de outros representantes vindos dos movimentos sociais.

#### **1.4 – A sociedade civil e os movimentos sociais**

A trajetória dos movimentos sociais em Florianópolis está marcada pela forma de organização que a sociedade civil foi imprimindo no processo de resistência as políticas governamentais. Segundo Scherer-Warren; Rossiaud essa organização precederam o golpe militar de 1964. *Podendo dizer que se encontrava em emergência a construção de uma sociedade civil atuante na esfera pública local [...]. Porém com o golpe militar de 1964, a incipiente organização da sociedade civil local é atacada com violência* (1999, p. 33 e 34). Passando por um período de reestruturação e resistência.

Somente a partir de 1978, é que a sociedade civil florianopolitana readquire novamente alguma vitalidade. Com a abertura política por parte do

---

<sup>21</sup> Constituído em 2006 para construção do Plano Diretor participativo de Florianópolis.

Estado, novas formas de associativismo serão implementadas, através do novo sindicalismo, da nova esquerda e da Igreja progressista. [...] e a década de 1980 será palco também para a emergência dos “novos movimentos sociais”. (SCHERER-WARREN; ROSSIAUD, 1999, p. 36 e 39)

Porém vou trazer a trajetória das organizações associativas de moradores e contextualizá-las, para que possamos entender a dinâmica da constituição do Fórum da Cidade e sua importância para repensar o espaço urbano de Florianópolis.

Percebe-se que inicialmente as comunidades se organizavam de forma individual, preocupando-se com questões sociais mais imediatas e inerentes a sua realidade local. Com o passar dos anos e o desenrolar do tipo de desenvolvimento adotado para Florianópolis, vai se percebendo a necessidade de unificação para o fortalecimento do movimento em prol da luta pela qualidade de vida e da preservação da ilha como um todo (CARDOSO, 2006, p. 23).

Segundo Scherer-Warren; Rossiaud:

Já em 1983, mediados pela Igreja progressista, criam-se Conselhos Comunitários de oposição em algumas periferias da cidade. No ano seguinte, organiza-se um movimento de unificação das lutas urbanas, a Articulação de Entidades (Franzoni, 1993), que passa a reivindicar espaço para a participação nas decisões da esfera pública e lutar pela regulamentação das terras urbanas, ocupadas pelas populações carentes (1999, p. 39)

Com a chegada da Nova República e a eleição direta para prefeitos em 1985, as discussões sobre a preservação da cidade de Florianópolis vão para o espaço do governo municipal com a eleição de Edson Andrino (1986-1988). E entre as propostas a serem implementadas cria-se a Federação de Associações de Moradores de Santa Catarina (FAMESC). Para construir essa unificação, a sociedade civil vai buscar na organização das entidades comunitárias uma forma de fortalecer a luta e alcançar seus objetivos. Porém essa unificação parte de uma pressão dos Conselhos Comunitários atrelados a uma proposta de governo.<sup>22</sup> Isso vai resultar na criação da União Florianopolitana de Entidades Comunitárias (UFECO).

A criação dessa entidade representativa acontece permeada por conflitos gerados por interesses dos grupos, a partir de suas opções políticas, constituindo-se em encontros e desencontros.<sup>23</sup> Porém *a UFECO foi criada mesmo sem uma discussão maior junto às organizações de moradores, tendo em vista a intenção de lideranças mais conservadoras* (MÜLLER, 1092, P 38). Mesmo com toda disputa para constituição da entidade, as associações comunitárias passam a se projetar no cenário público da cidade.<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Ver Cardoso, 2006, p. 27.

<sup>23</sup> Ver Scherer-Warren; Rossiaud, 1999, p.39.

<sup>24</sup> *ibid*

Em 1987, também foi criado o Centro de Apoio e Promoção ao Migrante (CAPROM). [...] que iniciou o processo de criação de uma consciência coletiva junto aos grupos de sem-tetos que atendia. Criou-se, então, uma consciência de comunidade, instituindo-se práticas de mobilização e reivindicação de direitos junto ao poder público. [...] Com idéias complementares e passando a atuar de forma conjunta com o CAPROM, no final da década de 1980, foi fundado o Centro de Educação e Evangelização Popular (CEDEP), com o objetivo de prestar assessoria aos movimentos populares, voltado principalmente para a formação política de lideranças e assessoria às organizações comunitárias (CARDOSO, 2006, p. 23).

A década de 80 foi marcada por fortes iniciativas de organização da sociedade civil. Esse movimento vai se fortalecendo buscando seus direitos e se contrapondo as políticas governamentais. Com isso surgem em Florianópolis as primeiras iniciativas para construir uma concepção ecológica dentro do movimento popular local, no intuito de proteger o meio ambiente da ilha.

Vale dizer que, o discurso sobre preservação da natureza e meio ambiente na Ilha, até a metade da década de 80, não era bem aceito no movimento popular/comunitário, tendo sido incorporado aos poucos, tornando-se significativo só a partir de 1989. Os defensores deste discurso eram considerados *estrangeiros*, acontecendo por vezes conflitos entre estes e os moradores mais antigos (CECCA, 1997, P.180).

As iniciativas dos movimentos comunitários vão ganhando força com a articulação da sociedade civil em vários espaços de discussão. Esses fóruns se tornaram espaços de trocas e resistências, gerando possibilidades de intervenção nas políticas de governo.

Estes espaços acabavam servindo também de apoio às ações populares que não necessariamente eram desencadeadas a partir deles, recriando redes de sustentação e solidariedade entre grupos e pessoas que pretendiam construir uma alternativa aos projetos centralizadores e elitizantes que se desenhavam para a cidade (CECCA, 1997, P.184).

Ao lado destes movimentos surge em Santa Catarina o CECA/SC, que inicialmente está atrelado ao CECA/RS, que tem no cristianismo libertador e a opção pelos pobres o seu ideário unificador. Mais tarde passa a se chamar CECCA/SC, se constituindo em outra entidade, mais fiel aos princípios do grupo que o compunha.

A linha de trabalho do CECCA é a cidadania e ecologia social. A ênfase na questão ambiental aparece muito, mas estamos sempre iniciando a participação popular. Nós tivemos uma grande participação na preparação local e estadual da ECO92, depois uma atuação muito destacada na discussão do Plano Diretor. Participamos também, por exemplo, na tentativa de criar o Fórum Democrático da Cidade, nas discussões do Orçamento Municipal e, atualmente,

estamos envolvidos na discussão do Plano de Desenvolvimento do Sul da Ilha e da consolidação do Fórum da Agenda 21 Local. O que nos diferenciou do CECA de São Leopoldo é que sempre foi nosso objetivo fortalecer a sociedade civil e abrir espaços de participação direta na gestão do município (DIETRICH, IN: CHERER-WARREN; ROSSIAUD, 1999 P.160).

A sociedade civil foi construindo seu caminho de participação, algumas vezes a partir das iniciativas do governo municipal, como foi o caso do governo de Sergio Grando (1993 - 1996), eleito pela Frente Popular, com o Orçamento Participativo ou por iniciativas das entidades em outros processos de discussão da organização da cidade, ligados ao Plano Diretor, Agenda 21 e questões ambientais específicas. Durante esses processos algumas tentativas foram feitas para construir o Fórum da Cidade. Porém com a dificuldade da UFECO de cumprir esse papel de grande responsabilidade política as propostas não ganharam força.

No ano de 2001, depois do fracasso do processo participativo para elaboração da Agenda 21 de Florianópolis, as organizações encontravam-se novamente desarticuladas, embora seus anseios e revoltas continuavam presentes, não havia naquele momento, uma organização que articulasse efetivamente as entidades para a discussão sobre a cidade. [...] Os primeiros passos para a articulação do que se denominou posteriormente Fórum da Cidade de Florianópolis foram dados a partir do Projeto Experiências em Cena, uma iniciativa no Núcleo de Estudos em Serviço Social e Organização Popular (NESSOP), do Departamento de Serviço Social, da Universidade Federal de Santa Catarina (CARDOSO, 2006, p. 51).

Essa experiência vai reabrir a discussão sobre a participação comunitária quanto as questões referentes ao planejamento urbano em Florianópolis. Diante das questões levantadas, surge a necessidade de uma iniciativa de organização das entidades comunitárias por parte dos participantes. Foi desencadeado um processo de organização do primeiro Fórum da Cidade, com uma forte participação da Universidade Federal e Santa Catarina. O evento aconteceu nos dias 5 e 6 de outubro de 2001, tendo como eixo central de discussão a Lei 10.257, de julho de 2001, que institui o Estatuto da Cidade.<sup>25</sup>

As associações de moradores, conselhos comunitários e outros movimentos ligados às temáticas urbanas totalizaram 81 entidades que se fizeram presentes na primeira edição do Fórum da Cidade. Trouxeram para o debate questões ligadas a problemática que as comunidades estavam vivendo em decorrência da organização urbana. Em seu documento final demonstra a necessidade de se realizar esse fórum para discutir a sustentabilidade social,

---

<sup>25</sup> Ver Cardoso, 2006, p. 53.



econômica e ambiental (ecológica) da cidade. Destaca a necessidade de uma política urbana com a participação e gestão descentralizada e democrática.<sup>26</sup>

O Fórum da Cidade construiu uma caminhada de discussões e implementações das lutas na busca de viabilizar espaços de discussão e resistência às políticas públicas para a constituição do espaço urbano. Esse processo vem fortalecer a sociedade civil organizada que busca por espaços de participação, na tentativa de construir uma cidade mais democrática, criando condições para uma vida que acolha o desenvolvimento com responsabilidade social.

A experiência que o fórum traz, coloca em debate as relações entre sociedade civil e Estado, alterando as relações tradicionais de participação. Dá um novo sentido à democratização das relações de poder, abrindo espaço para discutir as formas autoritárias que vem se perpetuando como uma herança “maldita”, que seleciona e exclui dos processos decisórios a sociedade civil, sob a máscara da democracia representativa.

### 1.5 - O caminho trilhado pela cidade



**Ilustração 3** - Arquivo AAPLUZ – Obra de Eduardo Dias

---

<sup>26</sup> Ibid

A inauguração da Ponte Hercílio Luz, em 1926, significou um marco na história de Florianópolis e em relação à urbanização da ilha, assegurando para a mesma a sede do governo do estado. O caminho trilhado por Florianópolis para a construção do processo de urbanização não foi muito diferente de outras cidades brasileiras, pois o que estava determinando a mudança que ocorria nas organizações das cidades era o desenvolvimento que o capitalismo vinha imprimindo na sociedade através da organização do capital.

A história da cidade, particularmente sob o capitalismo, demonstra que ela ganhou e perdeu várias funções ao longo do seu desenvolvimento. Até o século XIX, de um modo geral, a cidade viveu impregnada pelo campo e suas atividades; depois com a industrialização, tornou-se um lugar onde a concentração de atividades fabris foi mesmo indicativa de desenvolvimento da sociedade; porém, as condições de produção continuaram a se transformar este último quartel do século XX presença o que se tem denominado de “desindustrialização da cidade” (CARLOS, 1999, p. 143).

Essa trajetória chegando até a “desindustrialização da cidade”, foi um pouco diferente em Florianópolis, que se constituiu pela sede administrativa do Estado, e com isso o fortalecimento do comércio e da indústria do turismo – essa principalmente pelas belezas naturais da ilha. Não teve em sua história a instalação de indústrias, foram poucas as que vieram para cá, a maior parte delas se instalaram na Grande Florianópolis, principalmente em São José e Palhoça. Porém sua organização sofreu e sofre profundamente com as imposições do capital, com a cidade se tornando um grande pólo da construção civil e o avanço e pressões sobre as áreas verdes esta sendo inevitável.

Considerando todas as mudanças que resultam do processo do capitalismo, o CECCA nos mostra que:

(...) não se pode deixar de considerar o processo de urbanização, acompanhado do incontrolável êxodo rural que afetou as capitais brasileiras, fundamentalmente a partir dos anos 50. Desde então, Florianópolis já totalmente improdutiva em suas tradicionais atividades de décadas passadas, começou a apresentar a nova fisionomia de cidade basicamente burocrática, com comércio e serviços ajustados aos novos interesses (1997, p. 59).

Esse ajuste que o mercado vai fazendo nos meios urbanos, gerou em Florianópolis uma organização que beneficiasse o comércio e os serviços, o que é a grande característica do desenvolvimento da Ilha. Com isso um modelo de organização urbana foi se desenhando, e Florianópolis cada vez mais vai trocando os espaços verdes por edificações.

Esse processo faz parte da lógica capitalista: as cidades são planejadas para dar suporte ao processo de produção e reprodução do capital. A lógica de um espaço urbano humanístico não faz parte das demandas que o capital vai exigindo da sociedade. Porém a

lógica do consumo nos levou a uma situação gritante em relação ao meio ambiente, gerando na sociedade uma inquietação que levou à organização de grupos que iniciaram reflexões sobre essa situação em vários espaços. Esse é um desafio que está sendo imposto para a sociedade, como consequência que surge no bojo do sistema capitalista. Teremos que fazer a nossa escolha: Se continuarmos destruindo não vamos ter tempo para usufruir das benesses do consumo capitalista e as consequências já estão vindo.

Nesse sentido a urbanização que vai ganhando corpo não traz em seu cerne a preocupação com o meio ambiente, e sim a comercialização e especulação do espaço, buscando cada vez mais a fragmentação, que vai gerando a degradação ambiental.

As consequências foram imediatas e devastadoras ao patrimônio natural e cultural. Os recantos mais ermos da Ilha começaram a ser cortados por estradas e loteamentos, e as tradicionais e decadentes comunidades agrícola-pesqueiras transformam-se em balneários. Na cidade, as verticais edificações modernas substituíram a maior parte das construções seculares de estilos diversos. As encostas e as periferias urbanas foram sendo intensamente ocupadas por populações mais pobres (CECCA, 1997, p. 60).



**Ilustração 4** - Comunidade do Morro da Queimada – José Mendes ( foto arquivo Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Projeto Malungo- 2007).

Florianópolis ganha a característica de grande cidade, mesmo sendo uma cidade de médio porte, não em preocupação nos aspectos que precisa desenvolver como saneamento básico, saúde, educação e preservação do meio ambiente, como mostra a imagem da comunidade do Morro da Queimada. A organização do espaço impõe a separação das classes sociais. Existem áreas privilegiadas de grande interesse imobiliário, que se desenvolvem com infra-estrutura completa, e outras com grandes concentrações de pobreza em lugares inadequados para construção e sem nenhuma infra-estrutura, ocupando principalmente os morros e encostas. Vão dando o contorno social, dividindo as pessoas por seu poder aquisitivo e com isso o espaço urbano vai se definindo. Esse projeto de urbanização desenvolvido em Florianópolis, segundo o relatório do CECCA, de 1997, tem conseqüências desastrosas para o meio ambiente, visto que existe pouca preocupação dos setores públicos em resguardar as áreas de preservação. Assim colocou-se para a sociedade um grande compromisso: o de se organizar e construir meios para intervir diretamente na organização dos espaços da cidade, envolvendo-se na construção do seu Plano Diretor, buscando considerar que:

Os limites impostos pela insularidade, ou seja, pela fragilidade do ambiente insular, devem ser seriamente considerados, sob pena de alcançarmos um quadro futuro irreversível de degradação ambiental e, portanto, de deterioração da qualidade de vida na Ilha de Santa Catarina (CECCA, 1997, p. 75).

O processo de urbanização que foi se constituindo no decorrer do século XX, em Florianópolis, ganhou força na década de 90 com a globalização, trazendo conseqüências para a sociedade, pois seu modelo nos impõe pensar a cidade sem pensar nos sujeitos que nela vivem. *Uma cidade que não tem visão de futuro* (Mauro Passos, entrevistado). Em que os espaços públicos de lazer e educação são quase inexistentes. Uma cidade que vista de cima mostra toda a sua beleza, mas basta olhar para o lado para perceber o peso da exploração imobiliária.

Esse movimento gerado pelo capital e pelo consumo desordenado, que constrói uma concepção de cidade distante das necessidades dos seus habitantes, é muito bem descrito por Ítalo Calvino, quando nos traz um conceito de cidade que extrapola o aspecto geográfico para se tornar o *símbolo complexo e inesgotável da existência humana* (2006). Nessa relação entre o que se vê e o que aparentemente parece ser é que vão se formando as questões sobre o espaço onde vivemos, onde as pessoas, diante dessa imagem complexa, que se movimenta para todos os lados, poucos se questionam a respeito dessa organização e com isso muito pouco é feito para mudar o processo em desenvolvimento.

Essa questão está permeada pelo espaço social que vem se configurando nas últimas décadas nas grandes cidades, influenciada por fatores de todas as ordens, mas principalmente pela necessidade de colocar as pessoas cada vez mais expostas à necessidade de consumir. Os espaços são organizados para proporcionar essa intervenção direta do capital na vida das pessoas. Para isso os espaços de lazer passaram a estar intimamente ligados ao espaço de consumo e surgem os grandes shopping centers. As pessoas vão ganhando outros hábitos, os conceitos de lazer vão se modificando, os cinemas saíram das ruas do centro da cidade, onde à noite o comércio dorme, para ocupar os shoppings, aliados aos centros de gastronomia. Tudo isso vem junto com a questão da falta de tempo, grande vilã da história, pois para que as pessoas possam ter a idéia de que estão ganhando tempo, os espaços das cidades estão sendo pensados numa concepção muito perversa, que empurra garganta abaixo uma estrutura planejada para manter a lógica do capital. Assim o tempo que deveria ser o companheiro dos homens e mulheres se torna o cobrador de uma postura desumana diante da vida.



**Ilustração 5** - Aterro da Baía Sul - Costeira e Saco dos Limões (Foto arquivo Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi – Projeto Malungo - 2007)

Isso percebemos quando o Aterro da Baía Sul, no Saco dos Limões e Costeira, foi sendo construído, retirando da população a proximidade com o mar e interferindo diretamente nas áreas de mangue que ali existiam. Isso para ampliar cada vez mais as rodovias hoje tão



necessárias para consolidar o transporte individual, pois o esgotamento da estrutura existente é visível e sentido por todos. Porém o que se observa é que a opção adotada para solucionar o problema geralmente vai contra o meio ambiente. E a discussão sobre outras possibilidades, como criar o transporte marítimo ou melhorar o transporte coletivo, não ganha força nesse movimento, pois a política de ampliação da rede viária para o Sul da Ilha veio junto com a política de desenvolvimento habitacional, pois o Sul é a opção de crescimento urbano hoje na Ilha. Mais uma vez o mercado determinando a organização dos espaços urbanos, e com ela mais degradação ambiental

Hoje temos uma grande área de aterro, com ampla possibilidade de ser vendida para a iniciativa privada, a exemplo do que aconteceu com o Aterro da Baía Sul, que se transformou numa área povoada de construções e excesso de carros, ficando somente na memória o registro da área verde com lindos coqueiros e muitas possibilidades para o lazer e o contato com a natureza. E é dessa forma que a cidade de Florianópolis vai perdendo seus espaços de lazer e prazer para a produção de um espaço urbano que dá continuidade à reprodução das relações de produção.

Nessa perspectiva é preciso considerar o papel do Estado que segundo Corrêa:

Sua ação é marcada pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classe, bem como das alianças entre eles. Tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos da classe dominante que, a cada momento, estão no poder (1999, p. 26).

Nesse sentido a globalização e a visão capitalista que vem sendo impressa em nossa cidade, nos mostra que seu modelo nos impõe fronteiras, como podemos perceber na foto acima, onde o acesso ao mar que era próximo da comunidade antes do Aterro, hoje ficou muito distante para os moradores desta região, e isso leva ao rompimento de princípios básicos de sobrevivência, onde os limites do que nos pertence ou não são muito tênues.

Onde a atuação do Estado se faz, fundamentalmente, visando criar condições de realização e reprodução da sociedade capitalista, isto é, condições que viabilizem o processo de acumulação e a reprodução das classes sociais e suas frações (CORRÊA, 1999, p. 26).

Quando os moradores percebem as estruturas já foram alteradas e o modelo de cidade é outro. Essa construção se caracteriza em outras cidades, e com isso as consequências para o meio ambiente do capitalismo globalizado podem ser sentidas em todos os lugares. Nesse sentido:

A globalização, especificamente em sua dimensão ecológica, é caracterizada por dois sentidos interconexos: pela origem transfronteiriça de diversos problemas ambientais (uso de bens ambientais comum, poluição e dinâmica populacional e pelos processos políticos e culturais transnacionais, leis tratados e convenções internacionais e debates acerca da ética ecológica (LOUREIRO, 2003, p. 20).

Esse processo de globalização, que ao mesmo tempo traz grandes conseqüências para a vida do homem no planeta, também possibilita o conhecimento dos efeitos da ação do homem sobre o meio ambiente e conseqüentemente sobre a continuidade da vida na terra, nos possibilita dimensionar a ação do homem sobre o espaço o qual vive e com isso buscar alternativas para romper com a destruição.

Porém é preciso conscientizarmo-nos de que não basta que cada um faça sua parte. Os problemas são complexos e não derivam exclusivamente do indivíduo. Cumpre-nos fazer a nossa parte no cotidiano, atuar em instâncias organizadas e intervir individual e coletivamente nos mecanismos de organização do Estado (LOUREIRO, 2003, p. 92).

Isso vem nos mostrar que criar possibilidades de intervenção nos espaços públicos é fundamental para que a sociedade civil organizada possa intervir direta e indiretamente nas políticas públicas para o desenvolvimento da cidade. O entendimento dos problemas vividos pelas cidades, por falta de planejamento urbano, é fundamental para gerar movimentos sociais que possam organizar e dinamizar as forças populares, numa direção de desvelamento das ações do poder público, numa perspectiva de enfrentar os problemas coletivamente. Esse processo é vivenciado na cidade de Florianópolis nos vários movimentos sociais que se organizam e juntos ou individualmente buscam respostas para construir propostas de intervenção nos espaços urbanos, principalmente nas áreas de risco e de proteção ambiental.

Essas experiências possibilitam uma reflexão sobre o público e o privado, pois a forma como a cidade vem sendo organizada, valorizando os desejos individuais em detrimento do coletivo, nos traz a compreensão sobre a importância da valorização dos espaços públicos, enquanto espaço de construção da realidade. Que segundo Hannah Arendt:

Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível e [...] que num segundo momento significa também o mundo que nos é comum. [...] A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo evita que colidamos uns com os outros (2004, p 59-62).

É nessa perspectiva que buscar compreender a realidade que nos reúne que nos move em determinada direção é de fundamental importância para compreender a nossa intervenção

nessa realidade, criando condições para a participação nos espaços de decisões na tentativa de construir princípios políticos que amplie a compreensão da esfera pública. Buscando alternativas de romper com o “Encolhimento do domínio público”<sup>27</sup>, que valoriza os desejos individuais. Trazendo a público as tensões que estão postas entre o Estado e a sociedade civil.

Essa tensão está pautada na crise dos interesses que permeiam o público e o privado, num sistema capitalista regulado pelo mercado, determinando que a sociedade deve ser gerida a partir da esfera privada.

Segundo Bignetto:

Poderíamos, então, caracterizar nosso momento atual como aquele no qual a crença nas prerrogativas dos desejos individuais e nos benefícios da competição e da eficiência são tão fortes, que pretendemos gerir a sociedade a partir do ponto de vista da esfera privada e de mecanismo que regulam o conjunto ou a somatória coletiva dos desejos articulares (2002, p. 291).

Nesse sentido olhar o parque em construção, possibilita olhar a cidade e suas possibilidades de redefinição, buscado qualificar as ações em favor da construção de um espaço urbano que respeite a vida coletiva, através dos movimentos sociais, numa perspectiva de resistência que busque construir objetivos em comum, implicando na redefinição das relações entre Estado e sociedade civil.

Essas possibilidades de intervenção da sociedade civil nas políticas do Estado são necessárias para que a sociedade compreenda através da participação o papel da democracia. E com isso construa formas de resistências em busca de direitos.

[...] uma sociedade é democrática quando institui algo mais profundo, que é condição do próprio regime político, ou seja, quando institui direitos e que essa instituição é uma criação social, de tal maneira que a atividade democrática social realiza-se como luta social e, politicamente, como um contra-poder social que determina, dirige, controla, limita e modifica a ação estatal e o poder dos governantes (CHAUÍ, IN: TEIXEIRA, 2005, P. 25).

Quando trago para essa discussão a construção de um parque em Florianópolis, quero trazer a força do local e que todos estão interligados, tanto o global como o local e que a sociedade local constrói o seu próprio fazer desconstruindo as imposições que vem do global. Essas forças que vão de apresentar através de fazeres muito pequenos vão ganhando espaço

---

<sup>27</sup> Bignetto, 2002, p. 289.



na construção do espaço público, recuperando elementos do subjetivo e do individual. segundo Santos:

[...] Na vida de todos os dias, a sociedade global *vive* apenas por intermédio das sociedades localmente enraizadas, interagindo com o seu próprio entorno, refazendo todos os dias essa relação e, também, sua dinâmica interna, na qual, de um modo ou de outro, todos agem sobre todos. O sujeito também é objeto. O sujeito é plural e o objeto diversificado. Partindo dessa idéia, depreendemos as diferenças estruturais e avaliamos o valor diferenciado das diversas ações dentro do todo [...] (2000, p. 122).

No entanto, o mundo real se faz pelas tentativas que vão sendo difundidas no processo de constituição da sociedade. Isso se revela pela força dos movimentos que vão se instalando em todos os lugares. Porém essa idéia deve abrir as possibilidades de intervenção no processo de formação da sociedade e com isso nos processos de constituição dos espaços urbanos, levando a pensar novas alternativas para os projetos presentes e futuros. Nesse sentido, a apropriação dos espaços públicos resultarão em possibilidades de romper com o estabelecido e dito como irreversível.

## 2 - Apropriação de um espaço público: experiência do Parque da Luz

*Ponte da Luz do dia (é o sol que irradia)  
Criando com energia o fruto que vai nascer  
Que se encontra em harmonia  
Com os veios da semente e os raios da canção.  
(Etienne Luiz)*

### 2.1 – As primeiras idéias de Parque



**Ilustração 6** - Parque da Luz em 2007 – foto Rosiméri Jorge da Silva.

**O Parque da Luz** é um espaço classificado como Área Verde de Lazer (AVL) pública, localizado nos altos da Rua Felipe Schmidt, cabeceira da Ponte Hercílio Luz, centro urbano de Florianópolis (SC). Possui uma área de aproximadamente 3,7 hectares e que vem sendo mantida e recuperada por uma associação denominada Associação Amigos do Parque da Luz (AAPLUZ), uma das poucas áreas verdes da cidade.<sup>28</sup>

Segundo Silva:

---

<sup>28</sup> Dados extraídos de documentos da Associação dos Amigos do Parque da Luz (AAPLUZ).

O coração do Parque situa-se na Ilha de Santa Catarina, na Ponte Hercílio Luz, na ponta mais ocidental, “um símbolo do hiato entre as duas regiões de ocupação distintas na cidade: o centro histórico e a Praia de Fora. A colina de Vista Alegre ou Morro do Barro Vermelho como era chamado o lugar, compunha-se elevações estruturais sobre um maciço rochoso (1995, texto não-publicado).

A história do Parque inicia com a constatação de que ainda existia em 1985 uma área pública abandonada na cabeceira da Ponte Hercílio Luz e que essa poderia se tornar um parque da cidade. Com essa constatação, via-se então no tombamento da Ponte Hercílio Luz uma grande chance de se transformar as suas cabeceiras em áreas protegidas como patrimônio histórico, paisagístico e cultural. Com isso, em 1986 nasceu o movimento para construir o Parque da Luz e o tombamento da Ponte Hercílio Luz e assim manter a área em torno da ponte como de preservação permanente e assim, conseqüentemente a área do parque estaria protegida.

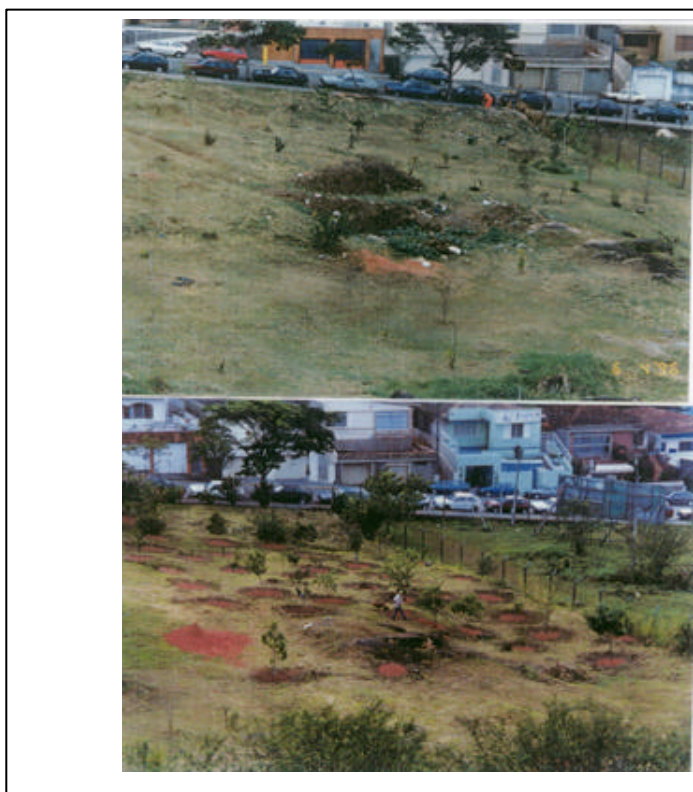


**Ilustração 7** - Em 1996, após enchente em Florianópolis os entulhos foram jogados no Parque da Luz.  
(Arquivo AAPLUZ)



Esse movimento inicia-se com a organização de pessoas e o apoio da Vidarte<sup>29</sup>, que organizava os eventos no Parque e conduzia o processo de tombamento da Ponte Hercílio Luz. A Associação nasceu tempos depois, com a organização dos moradores da cidade e esse é um dado que merece atenção, porque moradores de vários bairros de Florianópolis, principalmente da Lagoa e do Campeche, entre outros, que tinham em seus bairros algum tipo de movimento para preservação das áreas verdes ou culturais, vinham para o centro da cidade lutar por um espaço público, abandonado, de 37 mil m<sup>2</sup>. Essa característica de luta por áreas de preservação fazia parte da vida das pessoas que se organizaram para construir um parque, querendo buscar nessa luta por uma área verde no centro de Florianópolis, a solidificação de um espaço público de lazer que colocasse em evidência as lutas que estavam sendo travadas no final dos anos 80 por áreas verdes, trazendo para a discussão os conflitos gerados pela urbanização.

Esse movimento iniciado em 1986, enquanto construía os caminhos legais para o tombamento da ponte, foi construindo o parque através de insistentes mutirões. Sem pedir licença, as pessoas foram ocupando o espaço do lixo com árvores, revirando a terra e recuperando o solo poluído e degradado, fortalecendo suas ações. Após 10 anos de luta e resistência, o movimento consegue o tombamento da Ponte Hercílio Luz, através da Portaria nº 78, de 15 maio de 1997, do Ministério da Cultura, quinze anos depois de a ponte ter sido



definitivamente fechada para o tráfego. **Ilustração 8** - 1998 construção do horto (registro AAPLUZ)

<sup>29</sup> Entidade criada pelo Professor Etienne Luiz Silva, sem registro oficial. Proponente e autora da idéia de Tombamento da Ponte Hercílio Luz como patrimônio cultural e histórico, a Vidart hoje AAPLUZ, teve na época uma leitura diferenciada para aquilo que até então chamavam de uma Ponte Velha. Como defensores de patrimônios públicos, da cultura da cidade e do meio ambiente preservado. O grupo viu na Ponte Hercílio Luz, inserida em um conjunto de atributos: paisagístico e, histórico o potencial cultural das suas cabeceiras.

Também as áreas de suas cabeceiras foram transformadas em patrimônio cultural, histórico e paisagístico. Essa luta se construiu através de seus idealizadores Etienne Luiz da Silva e Lúcio Dias da Silva Filho, entre outros moradores. Todos com objetivos em comum, lutar pela preservação dos espaços públicos que preservam a natureza da cidade de Florianópolis e a Ponte Hercílio Luz, que teve sua construção iniciada em 1922 e foi inaugurada em 13 de maio 1926.

O Parque que vem se constituindo nesses últimos 22 anos já contém muitas espécies - são 115 - e desde 1987 já foram plantadas mais de 2.150 árvores e arbustos. Uma das mais vistosas é o mulungo, nativo da mata atlântica, que atrai beija-flores. O parque também exhibe amendoeiras, begônias, guarapuvus e até pau-brasil.



Uma das árvores que marca a **Ilustração 9** - Parque da Luz em 2006.

teimosia do plantio e a insistência do movimento é uma velha figueira que foi salva de um incêndio e transplantada no Parque. Outras atrações são a galerias de pedras, os tótems e o mirante, de onde se avistam as pontes e o “Gigante Adormecido”<sup>30</sup>. Em dia de sol, a paisagem merece a fama da capital catarinense.<sup>31</sup>

O movimento para manter a área verde conseguiu em 1999 a criação do parque através da lei complementar 051. De lá para cá, o lugar chama cada vez mais a atenção de empresários do ramo hoteleiro e imobiliário. Do is prédios suntuosos já estão em construção no entorno do parque. Há projetos para a construção de uma rua que atravessaria a área da Felipe Schmidt até a Adolfo Konder, com uso privado do local onde hoje estão um pomar e um horto.<sup>32</sup>

Passaram-se 22 anos e a construção do parque vai se consolidando nas suas árvores, porém a luta hoje é pela sua revitalização. A associação vem buscando parcerias para

<sup>30</sup> Formação rochosa que faz parte do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro.

<sup>31</sup> Dados extraídos dos documentos da AAPLUZ.

<sup>32</sup> Informações do arquivo AAPLUZ

implementar as ações de melhoria no parque, já que apenas a arrecadação através das doações dos amigos do parque tem servido esses anos todos para fazer a manutenção do espaço, mantendo também um funcionário com carteira de trabalho assinada. Isso acontece porque os investimentos pelo poder público não existem para nenhum tipo de atividade no parque, nem sequer para sua manutenção e limpeza. Nem um banco ou lixeira foi colocado no parque pelo poder público.

Esse descaso do poder público está presente em qualquer situação que esteja relacionada com o parque. Isso fica mais claro quando após 22 anos de existência da área protegida pela comunidade, a luta continua e durante os últimos anos a associação vem buscando junto ao Legislativo Municipal garantir a recuperação da área total como espaço de preservação. O projeto de lei foi discutido e votado durante o ano de 2007 pela Câmara de Vereadores. Com o objetivo de recuperar uma parte do parque que foi transformada em AMC (Área Mista Comercial) a qual pode ser leiloada pela prefeitura e também a supressão de duas vias que cortam o parque. Esse projeto ganhou visibilidade pelo contexto que vivia Florianópolis, com a operação da Polícia Federal chamada “Moeda Verde”, a qual indiciou vários integrantes do poder público que vinham exercendo ilegalmente a venda de licenças para construções irregulares na Ilha. Durante esse processo que divulgou a degradação ambiental que está ocorrendo em Florianópolis, o projeto de reintegração da área do parque esteve em processo de votação na Câmara de Vereadores. Esse fato acabou contribuindo para que o projeto fosse votado e aprovado por unanimidade pelos vereadores no ano de 2007 e sancionado pelo prefeito Dário Elias Berger. Hoje o parque está com toda a sua área restituída, sendo AVL (Área Verde de Lazer) pública e também foram suprimidas do parque as vias que o cortavam. A luta que se segue é lei municipal, do Parque da Luz, com sua identificação, para que o espaço ganhe legalmente um nome, mesmo que na sua história isso já tenha acontecido e o nome se consolidado. Porém a vereadora Ângela Albino fez sugestão à Associação de trocar o nome de Parque da Luz para Parque Etienne Silva (diário de campo). No entanto Lúcio coloca que quem colocou o nome de Parque da Luz foi Etienne.

## **2.2 – Parque da Luz**

O grupo que vem construindo o Parque da Luz buscou através de um desejo incomum, a proteção da Ponte Hercílio Luz como bem cultural, e desejos incomuns levam a novas

construções e com isso vai se descobrindo a força do parque, que mesmo com passos lentos, sem pressa, alcançaram algumas de suas metas, que foi ocupar o espaço com muitas árvores, pois a parte que envolvia edificações não foi conquistada.

O processo de construção do parque traz na sua história a marca deixada por seus idealizadores: um espaço público que resiste ao poder e aos desejos do capital. Que Martins demonstra ao referir-se sobre a criação do parque:

Ao longo do tempo fui compreendendo que: “A criação do Parque da Luz é muito mais que criar um parque. É a arte do encontro”. Esta arte que move ações e suscita reflexões, que faz com que os movimentos aconteçam através de atividades concretas e sutis, que transformam e dão vida ao que necessita de cuidados (livro no prelo).

Essa afirmação revela a compreensão de apropriação do espaço público que estava refletida através das ações para construção do parque. O espaço era público e abandonado, abrindo a possibilidade de se construir na cidade um recanto de fazer, de encontros. E foi esse um dos caminhos escolhidos através da arte e dos encontros culturais, que como diz Martins: *suscitavam reflexões sobre uma área pública e uma cidade que não estava preocupada em garantir os seus espaços verdes e de lazer (livro no prelo)*. E nesse momento é que as atividades vão se concretizando e dando força ao movimento, mostrando as possibilidades de lutar contra a urbanização desenfreada.

É nesse contexto que os idealizadores compreenderam o caminho a ser trilhado, desvendando os interesses do mercado imobiliário, que juntamente com os órgãos públicos desejava ocupar aquela área com grandes obras, como a própria sede da Floram. Para impedir que isso acontecesse, práticas políticas, como projetos de lei, abaixo-assinados, conforme relata Mauro Passos (vereador 1997 a 2002), quando o projeto chegou às suas mãos na Câmara de Vereadores: *Pensamos no Parque da Luz que já estava em processo de conquista daquele espaço, já havia um movimento grande de quase 10 mil assinaturas para transformar a área, numa área pública para esse fim*, também denúncias ao Ministério Público, entre outras, foram se desencadeando, juntamente com o processo de apropriação do espaço, com ações como limpeza e plantio, enquanto outros da equipe se preocupavam em garantir toda área como pública

O parque nas suas fragilidades necessitava de articulações com alguns setores públicos e outros setores da sociedade civil organizada. A partir dessa necessidade foram e são feitas

parcerias para garantir a existência desse espaço. Uma deles é a parceria com a Aliança Nativa.<sup>33</sup>

Essa luta tem em seu início a demonstração do caminho que iria fazer, como conta Lúcio Dias Filho ao relatar como iniciou o movimento e como conheceu o Etienne :

Passava algumas quadras, por que aquela pessoa ficava olhando tanto para mim. O que será que quer falar comigo? Não é possível. Ele (Etienne) sentia a mesma coisa. A gente passava um pelo outro, parava eu olhava para trás, e a gente se olhava nos olhos, e continuava. Isso aconteceu três vezes em dias diferentes durante um mês. Sem se conhecer. Aí um dia eu comecei a pensar. Quem é esse cara? Eu comecei a saber o currículo dele: professor da universidade, recém voltou da Itália, com grande currículo. Esse cara que eu vou confiar para contar a proposta do parque e da Ponte Hercílio Luz Do parque porque eu não tinha o nome. Aí convidei-o para que eu pudesse mostrar a área do Parque. Você é professor? Eu queria conversa com você sobre uma proposta para a cidade, quem sabe a universidade ajuda, eu sou funcionário federal, existe uma área publica, falou em a área pública. Ele já pulou, já gostou, a gente deu uma volta de carro, descemos, eu falei: Eu acho que isso aqui poderia ser um parque. Quando eu falei isso, simplesmente os olhos se arregalaram. Ele olhava para mim; olhava para o parque. Olhava para mim e para o parque. Achei que tinha pirado a cabeça dele, quando após alguns minutos, enquanto dizia para ele que a Ponte Hercílio Luz poderia ligar dois parques e servir de passarela. Estendeu a mão e disse: “que tal, vamos fazer o tal do parque da ponte? E houve o aperto de mãos.

Quando começaram, segundo Lúcio:

Você não vai acreditar como começamos o que tinha em cima do parque de entulho. Eu e Etienne o Marcão e o Zé revirando o solo, retirando o lixo A noite alguns empresários da área da construção e que se diziam donos do terreno mandavam caminhões de entulho para acabar com nosso trabalho. O primeiro instrumento do Parque foi uma picareta que eu comprei.

O jornal da época, O Estado, de 13 de setembro de 1986, traz uma alusão à proposta de construção do parque com a inauguração da Ponte Hercílio Luz, onde as lanchas iam deixar de proporcionar as pessoas na travessia um belo passeio, com a construção da ponte. E o parque traz novamente a idéia de reviver o belo passeio, ao transformar aquela área num grande centro de eventos culturais para a Ilha de Santa Catarina.

Segundo Lisboa:

A história do Parque da Luz se entranha de forma inseparável com a pessoa de Etienne Silva. Etienne não esteve parado no tempo ou desinteressado pelo futuro, pelo contrário: interpôs uma pauta sócio-ambiental na agenda da cidade, representando uma referência ético-política para toda uma geração. Sua visão de constituir na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz um parque, além de

---

<sup>33</sup> Organização não governamental que luta pela preservação do meio ambiente e construção de políticas públicas que viabilize a organização dos espaços urbanos.



sintonizar com a importância histórico-paisagística deste precioso sítio florianopolitano, antecipa e afirma o projeto duma Florianópolis humana, solidária e libertária. (Artigo não publicado, p. 1).

Diante dos primeiros registros feitos sobre os projetos que naquele momento inicial estavam pensando para o parque, percebe-se que a idéia era construir um parque onde o verde não era tudo, não se bastava por ele mesmo, e sim construir um espaço que valorizasse a natureza e os valores culturais existentes, principalmente o resgate das construções históricas da cidade. Esse desejo está manifestado na maior parte dos documentos de registro do Parque da Luz, e também quando Etienne registra:

Os principais marcos da ponta ocidental da ilha até a década de 1920 quando a ponte Hercílio Luz, o símbolo arquitetônico da modernidade, consolida a capital e reabre esta área à vida urbana. Logo abaixo a área que se localizava o cemitério – fundado em 1840, tínhamos o Arataka, o Forte Sant'Ana (1761); o forno do lixo (1910-1914), ao sul o bairro Rita Maria onde se localizava o porto, os estaleiros e as fábricas: pregos e pontas, vila operária e mais ao norte a de rendas e bordados de Carl Hoepck. (1995).

Assim surge um movimento de 22 anos para construção de um parque. Nesse caso a busca pela construção de uma área verde no centro de Florianópolis, com ações que priorizaram a construção de um espaço público, que cria possibilidades de interação com a cidade e seus cidadãos, construindo uma relação de comprometimento com o que é público.

Um dos aspectos importantes que aparece no movimento de construção do Parque é que esse movimento segundo Lisboa:

Faz parte duma mobilização ainda maior, a qual, apoiada por plêiade de organizações populares (tais como AMOCAM, CEDEPE, CECCA, UFECO e ORBITA) e outras instituições (UFSC, UDESC, OAB, CNBB e diversas igrejas), vêm lutando por um outro modo de vida justo, solidário e convивencial em Florianópolis (artigo não publicado).

O movimento em torno do Parque da Luz é uma construção que pode inspirar outros movimentos, pois de uma área que foi um cemitério surgiu um espaço de lazer, conforme conta Elaine:

Era um cemitério alemão. Na verdade tinha uma parte que era alemão e outra que era um cemitério comum. Os jazigos foram todos para o Itacorubi, mas ficaram alguns dos que não tinham dinheiro, não tinha lugar para se transferir. Ficaram dentro dos tonéis (entrevistada).



**Ilustração 10** - Início da construção da Ponte Hercílio Luz e cemitério Municipal de Desterro.

*E também Lisboa: A área do Parque da Luz outrora abrigou um antigo cemitério indígena, sobre o qual, aliás, assentou-se o primeiro cemitério da velha Desterro (LISBOA artigo não - publicado).*

O Parque vai se construindo. como podemos ver. Possui mais de duas mil espécie de árvores, inclusive um Pau-Brasil, mais de 60 espécie de

árvores frutíferas, sendo que 40 delas já dão frutos. Com uma avifauna muito diversificada, e como descreve seu Dário, jardineiro do parque: *Tem bastante, tá aparecendo passarinho, três, quatro anos atrás tu não enxergava. Agora tem esse mais pequeno que tem no mato. Eu não conheço tanto nome, mas tem várias espécies.*

A luta pelo parque surge segundo Lisboa:

Da resistência contra os processos cotidianos de degradação de vida existentes no aglomerado urbano da capital surgem o movimento comunitário dos bairros; o movimento ecológico; dos sem teto; sindical; negro; das mulheres; dos direitos humanos; estudantil; as lutas pela preservação e manutenção como espaços de uso público da Ponta do Sambaqui, do Mangue do Itacorubi, da Ponta do Coral e da Lagoinha da Chica; os movimentos pela participação popular na elaboração do Plano Diretor (mais conhecido como movimento contra os 18 andares); Campeche Qualidade de Vida (que constrói um Plano Diretor Alternativo para o Campeche); Floripa Sem Pedágio (que luta contra a privatização da SC 401); pela TV comunitária; Brasil outros 500 (contrário à comemoração dos 500 anos), pela transformação do Saco da Lama numa área comunitária de lazer. Muitas destas mobilizações contaram com a ativa contribuição de Etienne. A confluência das mesmas vai, aos poucos, se articulando em torno do Fórum da Cidade (artigo não publicado).

Esse momento histórico vivido pela cidade em meados dos anos 80 foi muito importante para fortalecer o movimento em favor da construção do parque, pois esse se realimentava dos outros movimentos que simultaneamente ocorriam na cidade. Cidade essa que sofria o ataque da busca acelerada pela construção de um conceito, naquele momento importante para os grandes empresários, de grande pólo turístico, Ilha da Magia, com qualidade de vida sem igual.

Portanto o processo educativo que foi permeando os fazeres dos grupos que se organizavam em torno do objetivo de preservar a cidade e suas áreas verdes, impedindo que o avanço imobiliário tomasse conta de todo espaço urbano. Foi mostrando aos atores desses movimentos, que a aplicação de vários projetos coletivos, fortalecia-os em seus objetivos e suas ações. Isso foi se expressando de forma a mostrar aos organizadores dos movimentos a intervenção numa ordem posta por uma determinada elite e que a ação coletiva chamada por Boneti *de movimento social* (2000, p. 56) foi determinante naquele momento histórico, tanto para o movimento em torno do Parque da Luz, quanto para outros que ganharam força nesse processo educativo que se estabeleceu entre eles, gerando um fortalecimento dos coletivos e com isso algumas vitórias aconteceram.

Daquela força nasceram outras articulações, uma delas foi à criação do Museu da Ponte que tinha como proposta preservar a memória do principal cartão postal da capital do Estado, a Ponte Hercílio Luz. Com esse objetivo o governador Casildo Maldaner inaugura em 1990 o Museu da Ponte, que foi instalado numa sala de 40 metros quadrados, onde antes ficava a marcenaria da ponte, na cabeceira insular.<sup>34</sup> Porém o mesmo teve vida curta, pois ao final do mandato do governador a gestão que o sucedeu não deu continuidade ao projeto e a falta de conservação, conforme mostra a matéria do jornal “Cidade” levou ao fechamento do mesmo.



Ilustração 11 Museu da Ponte Hercílio Luz – localizado na sua cabeceira.

<sup>34</sup> Dados publicados no jornal A Notícia, de Joinville, em 16 de março de 1990.

Portanto o projeto continua vivo nas lutas da AAPLUZ, que busca junto aos órgãos competentes a construção do Museu Escola das Pontes e acervo histórico da Ponte Hercílio Luz.

### 2.3 – A militância

A história do movimento em torno da construção do Parque da Luz traz uma característica, talvez de outros movimentos sociais, mas que vou trazê-la com a particularidade desse movimento, que é a passagem de vários e a permanência de um dos atores nos 22 anos de movimento e como cada um foi imprimindo sua característica muito própria às ações que iam se desencadeando no parque e nos outros espaços que se configuravam, espaço de luta desse movimento. Vou trazer a história de alguns desses sujeitos coletivos.

Etienne Luiz da Silva - In memoriam (1952 – 1997), um dos idealizadores do projeto para o Parque da Luz, poeta, ambientalista, professor de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina e que segundo Elaine Martins ensinava “eco-nomia”. Foi um dos idealizadores do IPUF<sup>35</sup> e diretor de Planejamento, trazendo para a cidade a discussão de urbanização pautada na preservação do meio ambiente. Porém, segundo Elaine Martins *ele não conseguiu ficar, pois a pressão era muito grande, existia muita manobra com exploração imobiliária.*

Sua história com o parque se inicia pela sua maneira de viver, se envolvendo em projetos de preservação e valorização da vida, esses valores estavam muito presentes em suas poesias, segundo Martins:

O Parque da Luz é um hiato de paz no coração da cidade. É uma proposta de resgate da Memória da Ilha de Santa Catarina e de preservação de um espaço de sonho vital para as futuras gerações.”(livro não publicado).

Etienne criou um grupo de pessoas chamado Vidart, que para ele era a vida se fazendo através da arte e dos movimentos em que se envolvia, pois quando assinava um documento pessoal, ele assinava Vidart (registro diário de campo). Foi através da Vidart que o movimento em torno do Parque da Luz foi se constituindo. Ele chamava as pessoas para irem

---

<sup>35</sup> Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis.

ao parque, tanto para participar de um evento cultural, como para plantar e participar de um mutirão. Uma das características do projeto para o parque que era defendida por Etienne e que está nos registros da AAPLUZ, era a cultura como ponto de impulso de todas as outras atividades, tanto que durante o período em que esteve no movimento, a Vidart era quem protagonizava os eventos, e todos tinham uma conotação artístico-cultural.

Numa carta enviada ao então Reitor da UFSC, Rodolfo Pinto da Luz, em 25 de setembro de 1987, Etienne relata a proposta de projeto para o Parque da Luz, dizendo que o mesmo envolvia o tombamento da Ponte Hercílio Luz, com a criação de um importante espaço de encontro cultural, sendo uma área própria para o museu da ponte, parque de ciências infantil, teatro de arena e concha acústica e que para tanto pleiteava o apoio da universidade para o evento intitulado “A Ponte da Luz” (arquivo AAPLUZ).

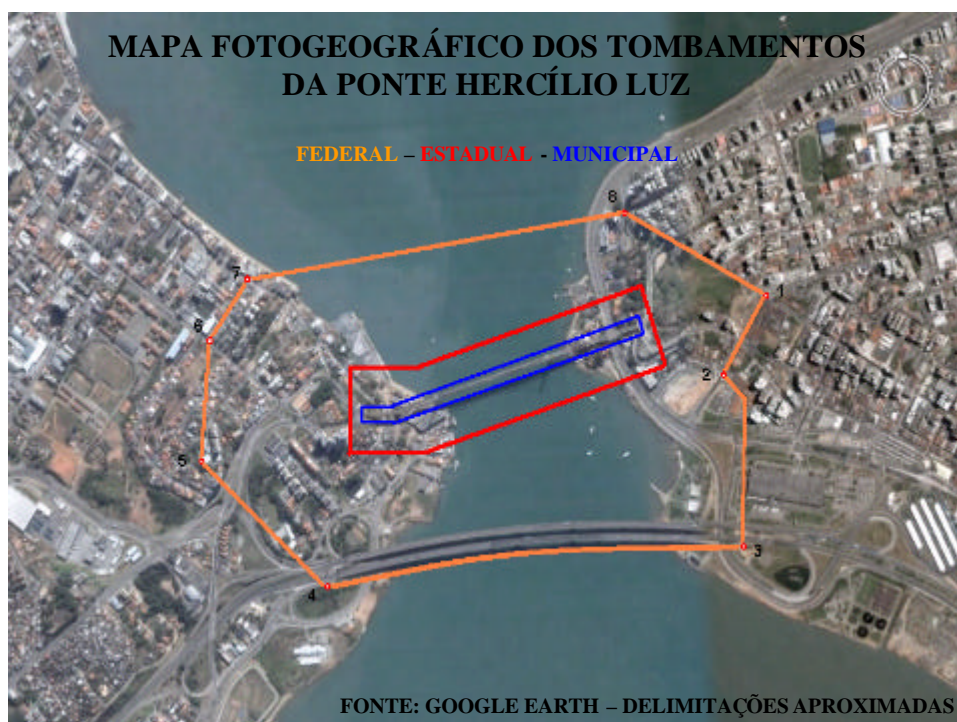
A história desse movimento durante o período de 1986 a 1997 vai se confundindo com as vidas e subjetividades dos sujeitos que lutavam e teimavam em construir um parque num terreno abandonado, que estava carregado de significados para todos os que se arriscaram em defendê-lo, em prol de um pouco mais de oxigênio para a cidade. Segundo Martins, Murilo Silva conta que conheceu esse professor em 1978 na UFSC e depois o reencontra:

(...) falando de cima de uma grande pedra incrustada num enorme terreno esquecido entre as obviedades do lucro, que um dia alojou mortos da antiga vila. De cima daquela lápide falou da vida e da paz. Realçou a beleza do público e a feiúra do privado. Apontou para o solo de capim e grama, entre mosquitos sedentos e sapos desconfiados, e anunciou um Parque da Luz. Acusaram-no de louco Dom Quixote. Porém, guerreiro de verdade, iluminador de otimismo com lucidez, este "maluco beleza" conseguiu calar expressões malditas, caluniadoras e fraudulentas. Etienne, um portador da alma do tempo. Olhar combatente e visionário. Luz que jamais deixará de brilhar entre os sombrios e friorentos labirintos urbanísticos desta cidade (livro não-publicado).

A idéia de construção do parque se fortalece num grupo de amigos que ao se encontrarem diante daquele espaço vazio foram construindo uma possibilidade, que segundo Etienne:

Paradoxalmente, última área livre no centro urbano da especulação imobiliária dos paredões, é o Parque da Luz, até porque preserva os horizontes do mar, da Ponte e das Almas que encarna a sua História. Temos que conter a sede de concreto para que a cidade esteja viva e saudável no século XXI com áreas livres de lazer. A Praça XV não será suficiente. Há que se plantar árvores e mais árvores até para que tenhamos água, ar, sombra, flores, e frutos, chão e espaços para crianças, velhos e tudo o mais que carecem o ofício e a arte de viver numa cidade que cresce cada vez mais mesmo que queiramos preservá-la. Um historiador deste século nos disse que a História não é feita só do que passa, mas, também e sobretudo do que permanece. (SILVA, 1999, IN MARTINS).

Esse projeto de Parque ganha força em várias ações: nas culturais, que eram buscadas por Etienne, e nas ações de denúncia e busca de legislações que consolidassem a área do parque, que eram buscadas e lideradas por Lúcio Dias Filho. Lúcio é um dos três amigos que iniciam a luta e movimento pela construção do Parque da Luz. Porém, durante a pesquisa pude perceber que sua participação ultrapassava o estar no parque plantando e recolhendo lixo. Ele tinha a percepção de que se o tombamento da Ponte Hercílio Luz fosse efetivado, suas cabeceiras também estariam protegidas e com isso a área do parque estava conseqüentemente protegida. Ele se utilizava desse argumento, não só através das palavras e ações, mas através da legislação, para efetivar as denúncias e a luta pelo parque e seu entorno. Como mostra Lúcio em seu relato: *Passamos a ver a ponte e a denominá-la como uma “Passarela Harmônica Escultural”, pois passear na Ponte interligando dois parques é muito saudável.* Essa visão foi trazendo para o movimento de construção de um Parque o movimento para tombamento da Ponte Hercílio Luz como patrimônio histórico paisagístico, o que vai se consolidar nas três esferas - municipal, estadual e federal -, porém com áreas tombadas diferentes. O tombamento municipal abrangeu apenas a ponte O estadual além da ponte mais 100 metros de suas cabeceiras e o federal tombou a ponte e uma poligonal de 1262.983 m<sup>2</sup>, que abrange uma área do continente e da ilha.<sup>36</sup>



**Ilustração 12** mapa extraído do trabalho de Eduardo Pontes Schmidt

<sup>36</sup> Ver Schmidt, 2006, p30.

Esse aspecto é que fortalece o movimento e dá subsídios para manter a área do parque protegida, pois a partir da lei federal de tombamento a área do parque fica dentro da poligonal que está protegida por lei e isso gera várias denúncias no Ministério Público Estadual. Isso traz para o centro da discussão a proteção da ponte como patrimônio histórico paisagístico e consequentemente o parque vai ganhando força, pois todo o seu entorno faz parte da área tombada.

No decorrer desses 22 anos a luta para manter a área preservada demandou várias ações judiciais movidas pelo Ministério Público através de denúncias feitas pela AAPLUZ, conforme registro do arquivo da associação. Ações que em alguns momentos saíram vitoriosas, como no caso da construção de um prédio embaixo da ponte Hercílio Luz que sendo embargado os andares que passavam da altura da ponte, o que impossibilitaria a visão da mesma a partir da poligonal sul. Outro caso cujo o processo ainda está tramitando é relativo a construção feita pela empresa Magno Martins ao lado do Parque da Luz, obra essa que invadiu uma parte do parque e instalou suas caixas de esgoto fluvial dentro do mesmo. Outros processos ainda estão em andamento, como relacionado à remoção de dentro da área do parque de antigas construções, sendo que uma inclusive já foi indenizada e os moradores até hoje não saíram da casa.

Essa característica do movimento fortalece outros passos em outras direções, como o projeto que cria na sede da AAPLUZ o Núcleo de Educação Ambiental em parceria com a Aliança Nativa.

Um outro aspecto do movimento é o jogo de futebol, que traz em sua história um dos idealizadores do parque, Zé Matemática (in memoriam), agrimensor. Fazia placas e painéis e fez as primeiras placas para identificar o Parque, inclusive uma em especial que foi para a atividade: Novembro em prol do Parque com a frase “O Parque é de todos”, trazendo desenhos de pássaros. Além da importante atividade de trazer seus amigos e crianças para jogar no parque. Zé era morador de uma das ruas em frente à área e durante um bom tempo da sua vida foi uma das pessoas que estava muito atento ao que poderia acontecer no Parque. Porém esse movimento caminha paralelamente ao projeto de parque e pela fala de alguns dos integrantes do time de futebol que atualmente jogam todos os sábados no parque, *aquele lugar não é parque e sim o Campo da Barreira (diário de campo)*. Faz parte do movimento, porém desvinculado do processo de constituição da associação e não se intitulam amigos do parque. Fazem seu movimento consolidando, vivenciando, usufruindo e se apropriando do espaço público através do campo de futebol, como espaço de lazer – esporte - do qual se acham “donos”, pois num evento observei na fala de um dos jogadores, quando questionou

uma das cursistas se iam continuar no período da tarde, já que nesse caso não poderia ser usado o campo de futebol, pois eles tinham jogo (registro diário de campo).

Analisando a construção feita por esse movimento vou percebendo fortemente a presença e histórias pessoais permeando as ações promovidas, inicialmente por um grupo de amigos e defensores da cidade e depois pela organização desses grupos numa associação chamada Amigos do parque da Luz, que nasce em 1997 com o objetivo de cuidar e lutar para manter a área como parque para a cidade de Florianópolis.

Destaco aqui o período de 1997 até 2004, ao longo do qual as ações foram muito voltadas para um fortalecimento do parque através de eventos de cunho religioso, que foram trazendo vários movimentos espirituais para dar ao parque um sentido maior, valorizando mais o poder que ali se estabelecia com as árvores crescendo e com a energia que a natureza ia proporcionando ao local a cada estação, mostrando o gosto das frutas, o cheiro das flores e a sensação de vazão das folhas secas no outono. Esse período acontece pelos integrantes que naquele momento faziam parte da AAPLUZ, pessoas que chegam ao movimento e vão trazendo os seus desejos e percepções de como o movimento deve caminhar. Porém observo que todos esses aspectos que levanto caminham juntos, cada qual no seu espaço e momento próprios.

Uma das questões que observo, e considero importante nessa construção, é que a militância que se construía e se constrói no movimento do parque, também se constrói em outros movimentos em defesa da cidade. Com movimentos paralelos em outras áreas da cidade, como a defesa da Ponta das Almas, na Lagoa da Conceição<sup>37</sup>; das lagoas da Chica e Pequena, no Campeche; do Aterro da Baía Sul, no Centro; da Ponta do Coral, na Baía Norte; e contra a exploração irregular e devastação de uma área do Rio Tavares pela Pedrita; além desses militantes estarem envolvidos em várias discussões em diversos movimentos, questionando o poder público quanto as suas ações para construção do Plano Diretor para a cidade.

Essa forma de organizar o movimento traz para discussão a importância das redes, onde o lugar, o espaço e o tempo são fortalecedores das ações que se busca construir, entendendo que a luta e a resistência se fazem no coletivo, porém não só naqueles grupos que se juntam em torno do mesmo objetivo, mas de grupos que em diferentes momentos estão lutando e buscando construir uma sociedade melhor. Para isso vão construindo espaços de

---

<sup>37</sup> Discussão hoje retomada pela AAPLUZ, a partir da tentativa de apropriação da área por um empresário, através da compra de uma antiga sede social que existia no local, para futuras construções. Ação essa que envolve o Ministério Público, que mediante denúncia já instaurou inquérito para investigar a situação, tomando algumas decisões iniciais para proteção da área.



discussão com agendas unificadas, como aconteceu em Florianópolis após a ação da Polícia Federal intitulada “Moeda Verde”, os movimentos sociais construíram uma agenda em comum para discutir e mobilizar a sociedade, aproveitando a visibilidade na imprensa sobre o tema em questão, trazendo para a pauta velhas e novas discussões sobre a organização do espaço urbano em Florianópolis.

Esse processo de constituição de redes, segundo Gohn, se dá pela crise que se expressava no interior dos movimentos sociais.

(...) que não era deles, mas refletia-se no seu cotidiano: o desmonte de políticas sociais pelas políticas neoliberais e sua substituição por outras políticas, em parceria com ONGs e outras entidades do Terceiro Setor; a fragmentação da sociedade pela desorganização ou flexibilização do mercado de trabalho levando ao crescimento do setor informal; a defasagem na qualidade do mercado de trabalho diante da era da tecnologia, comunicação e informação, levando a novas exigências no campo da educação, formal e não-formal, em face ao mundo globalizado (GOHN IN JEZINE E ALMEIDA, 2007, p. 36).

O que percebo no movimento do parque é que essa nova organização imposta pelo novos tempos está refletindo diretamente na organização das bases do movimento, pois as demandas que vão surgindo a todo momento, com ataques constantes do poder público e as investidas do setor imobiliário ao espaço do parque, ocupam o tempo das lideranças em estudar e interar-se das novas situações, dificultando a articulação com a população. *Que está na dificuldade de apoios para manter estruturas mínimas, ou a necessidade de reorientar suas ações em virtude de novas diretrizes e regras da cooperação internacional* (GOHN IN JEZINE E ALMEIDA, 2007, p.37).

Porém, mesmo com essa demanda, observo que no interior desse movimento existe a busca por uma clientela usuária desse espaço, que usufrua do lazer e do prazer em contato direto com a natureza, além de contribuir com a preservação do mesmo. Esse envolvimento com a comunidade fortalece o movimento e sua ação reivindicativa, pois a idéia que perpassa o movimento é que ao conhecer o parque e interagindo com ele a comunidade vai sentir a necessidade de protegê-lo e também vai buscar olhar para outros espaços públicos, mediados pelas possibilidades que o Parque da Luz oferece como espaço público de lazer. Sentindo assim talvez o desejo de lutar por outros espaços públicos e propor outras ações de luta e resistência a partir do envolvimento com esse coletivo.

#### **2.4 - A construção do Parque e os mutirões.**



**Ilustração 13** - 1998 evento no Parque da Luz – Dia mundial dos animais (foto arquivo AAPLUZ)

Na constituição do movimento para a construção do Parque da Luz e a busca pela valorização dos aspectos culturais e históricos da cidade, como a Ponte Hercílio Luz e o Museu da Ponte, a participação foi e é um dos maiores responsáveis para que todo o movimento se desencadeasse. O que gostaria de ressaltar é o tipo de participação, que tem uma característica muito própria: as pessoas que vinham para o movimento, além de terem interesses em comum, tinham uma característica em comum, a de acreditar em fazeres pequenos, como plantar uma árvore, fazer um evento, onde o que interessava e interessa não são as grandes participações, mas quem vinha e a intenção deste em ajudar a construir o parque. Participação nesse movimento representava fazer, colocar a mão na terra, retirar lixo e plantar, cuidar do espaço como guardiões. Assim cada participação vai se definindo de um jeito muito próprio. É o caso de uma moradora que desde 1990 vem cuidando do parque da janela do seu apartamento, fotografando todos os acontecimentos que eram feitos no parque e quando o parque está sendo depredado “*avisa o pessoal para vir rápido*” (registro diário de campo). Esse é um dos diálogos que o parque faz com os moradores: mostrar a sua fragilidade diante do diversos poderes que estão por trás da constituição de uma cidade e que a organização e participação dos moradores são fundamentais para que o movimento tenha força e crie raízes.



**Ilustração 14** – Jardim dos sentidos – data aproximada 2004 (foto registro AAPLUZ).

Um outro diálogo que o parque faz com cidade é guardar a memória da construção desse movimento em cada árvore que nasce e cresce naquele espaço, deixando para quem vem depois a força de suas raízes e que nelas estão guardadas a força de muitas mãos que juntas e em pequenos movimentos foram se apropriando de um espaço público. Esse espaço constituído vai dialogando com a cidade de muitas formas, como Maristela Fantin nos mostra em *Tempo de Abraçar*:

Ao fazer educação popular com arte, descobrimos diversos tipos de diálogos tecidos entre os fios e as tintas, as mãos e os desejos, palavras e imagens, pesquisa e poesia, que deram liga ao fazer coletivo e ter impacto em nossas vidas. Assim, com o diálogo observador, pesquisador, reflexivo-silencioso, artesão, brincante, escritor e guardador da memória, inventamos uma outra estética do fazer coletivo. (2005, p. 179).

Esse diálogo que acontece entre o saber e a ignorância que não pode esconder o conflito, “...*sob pena de se um diálogo ingênuo...*” (PAULO FREIRE, 1989). É nesse espaço entre os diferentes conflitos que a educação faz a diferença; no interior dos grupos, nas salas de aula, nos espaços culturais. Neles é que vamos sustentar as possibilidades de lutarmos contra as imposições sociais e políticas e que a educação é um ato político que expressa o desejo da sociedade.

Compreende-se, portanto, que a educação não se reduz simplesmente à transmissão e à assimilação disciplinar de informações especializadas. Pois o processo educativo consiste basicamente na criação e no desenvolvimento de contextos educativos. Contextos em que as pessoas em relação ativam as interações entre seus respectivos contextos culturais (FLEURI, 2001).

O parque vai se construindo e se caracterizando através das atividades que são realizadas nesse espaço. Possibilita encontros que foram trazendo as pessoas para conhecer um parque muito diferente, que tem uma característica muito própria que passa um entendimento de meio ambiente e preservação com uma liberdade de tocar, plantar, colher, brincar e sentir o prazer em olhar. Criando um contexto próprio, onde o processo educativo se dá de várias formas com as pessoas que por lá passam, principalmente para dar continuidade à luta pela permanência desse espaço verde no centro da cidade. Pois para que esse processo de construção se tornasse realidade, o movimento de construção do Parque da Luz foi buscar em outros movimentos o seu fortalecimento. Essa é uma característica que aparece muito forte nas atividades desenvolvidas pelos idealizadores do Parque, já que eles estão envolvidos num processo de cuidar da cidade, e com isso cuidar das suas áreas verdes.

Nessa luta muitas pessoas foram chegando, uma dessas pessoas foi Elaine, que me relata como o parque vai se construindo, no seu modo de ver:

Foram vinte anos de trabalho, não só as árvores cresceram e as pessoas foram trazendo as mudas, foram vindo e transformando legitimamente num parque, é fundamental para o parque é a árvore não adiantava discutir politicamente se o parque não tivesse as árvores, não tomasse forma e ganhasse força, isso para mim é a educação ambiental mas rica.

O mais interessante são as diferenças de percepção de luta. Para alguns a luta significava ir em busca da legalização da área como AVL (Área Verde de Lazer). Outros como Elaine, entendiam que o parque tinha que existir para que então se consolidasse. O importante desses entendimentos é que cada um que vinha para o parque, principalmente seus idealizadores, não só plantaram muito e limpavam o espaço, cuidando de cada metro quadrado, mas foram buscar o reconhecimento legal para essa área.

Essa busca pelos caminhos da legislação surge com a luta para o tombamento da Ponte Hercílio Luz e com ela o tombamento das duas cabeceiras. Essa conquista para Lúcio Dias Filho foi a mais importante, pois possibilitou outros enfrentamentos junto ao poder público para garantir a construção do parque e a preservação do que vinha sendo plantado.

O parque e seu movimento ganhavam força nesses últimos anos. Segundo relatos (diário de campo), nos últimos anos é que as pessoas estão pensando mais na preservação do meio ambiente, pois antes não queriam o parque, pois tinha ajuntamento de moradores de rua e isso incomodava os moradores do entorno. Inclusive a torneira que havia no parque foi retirada, porque os moradores de rua tomavam banho e levavam roupa.

Um depoimento que reflete a luta e atenção redobrada que precisam ter os membros da associação quanto à questão da área do Parque da Luz é a de Lúcio Dias Filho: *veja o seguinte, nós pegamos na mosca o pessoal que tinha terceiras intenções com essa área como AMC - Área Mista Comercial - deixa de ser pública e não pode o poder público ter área comercial a não ser que ele vá vender, leiloar ou privatizar*. Isso só reflete o quanto ainda hoje o poder público usa o seu poder, dentro de um processo democrático, para manipular as leis e implementar suas políticas.

O movimento que foi construindo o Parque da Luz teve dois momentos distintos, o primeiro com a constituição de um grupo chamado Vidarte até (1997), e o segundo com a constituição da Associação dos Amigos do Parque da Luz, conforme relato do senhor Lúcio Dias da Silva Filho, *que até a morte do professor Etienne (1997) os eventos no parque eram realizados pelo Vidarte*. Segundo registros, os amigos do parque iniciaram seu primeiro projeto do parque com o interesse de instalar no local o Parque de Ciências Infantil, além de contar com áreas de pesquisas abertas, brinquedos educativos e teatro de arena, área de lazer e uma concha acústica. “Vamos construir o Parque em sintonia com a beleza escultural da Ponte e o sentido histórico e paisagístico da região”, diz Etienne.

Esse movimento tem um caráter artístico-cultural, principalmente pelas características das primeiras atividades que foram realizadas no parque<sup>38</sup>. Segundo um convite que se intitulava:

*Domingo 6 de novembro Evento no Parque da Luz – Neste dia no Parque da Luz, situado na cabeceira da ponte Hercílio Luz, o dia mundial da Cultura será celebrado com atividades musicais, infantis, artísticas e ecológicas, para o qual estão convidados todos os artistas da ilha e do continente (Registros feitos por DONA MERI CUNHA).*

Outro momento que caracteriza esse caráter ocorreu em 1987, com o evento “A Ponte da Luz”, cujos objetivos eram: lançar oficialmente o projeto do tombamento da Ponte Hercílio Luz, resgate cultural e histórico da Ponte Hercílio Luz – monumento simbólico de Santa Catarina, criando as bases iniciais do Parque da Luz; mostra aberta das artes e da música da Ilha e do continente, abrindo novos espaços para o encontro e a expressão cultural e recreativa de crianças e adultos na capital de Santa Catarina; parque infantil e bailão com Hermeto Pascoal e bandas do mar, da Ilha e do continente.<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Segundo Lucio tanto a Vidart, como a AAPLUZ, foram as primeiras a ter uma agenda de eventos estratégicos para ir consolidando a área no seu uso.

<sup>39</sup> Dados extraídos dos documentos da AAPLUZ.



Após 22 anos de construção desse espaço percebo hoje que o verde tomou conta e ganhou força diante dos desejos de seus idealizadores. O parque é uma pequena floresta em desenvolvimento e ganha contornos próprios de uma grande área verde, não tendo ainda os espaços pensados pelos seus idealizadores, como o parque de ciências infantil e a concha acústica. O projeto inicial não morreu, está adormecido enquanto o próprio espaço ganha força enquanto parque e isso observo nas falas dos entrevistados. Porém, observando o espaço do parque como foi se constituindo, criando uma organização própria que difere de outros parques da cidade, pude perceber a força que se apresenta pela sua grande área ocupada por vários tipos de árvores e uma avifauna que já visita e habita aquele espaço com muita frequência.



**Ilustração 15** - Imagem mostra a forma como o Parque foi se constituindo, 2007 (foto Rosiméri Jorge da Silva).

## 2.5 – O movimento popular em torno do Parque da Luz

---

O movimento popular que foi se constituindo através da construção do Parque da Luz teve uma característica muito própria, construída pelas pessoas que idealizaram o parque e pelas pessoas que foram chegando. Esse jeito de fazer parque, com muitas mãos e ações pequenas, ganhou força nos fazeres individuais e coletivos, e foi dando cara a um espaço público. Uma das coisas que quero destacar é que mesmo quando os idealizadores pensaram o projeto de parque que queriam e não conseguiram iniciar como tinham planejado, foram percebendo que tinham que fazer e se não dava para construir a concha acústica, o parque de ciências infantil, dava para plantar e essa foi a idéia que deu certo: o verde foi dando forma ao espaço e com isso o movimento foi ganhando força para se constituir e transformar o grande lixão em parque.

Esse jeito que as pessoas encontraram de lidar com um espaço público é que faz a diferença. Elaine diz que:

Eu comecei, mais quando ele – Etienne - faleceu eu tive que bancar as coisas. Foi ali que eu extravasei minha dor. Eu passava nas floriculturas de Florianópolis e parava meu carro, pegava do lixo e pedia o que não era vendável. Pedia doação. Enchia meu carro de muda e vinha para o parque plantar. Ia passear no Sul da Ilha e trazia muda para cá do lugar onde enterrei o Etienne. Levava muda daqui para lá e de lá para cá e transformava em verde a minha dor.

A luta fez muitos caminhos e esses se apresentam por ações que mostram a organização e o desejo dos moradores. Um desses foi o transplante de uma figueira em 1999, que está até hoje no Parque, que se encontrava no terreno do restaurante Lindacap. Foi uma mostra da luta e resistência que estava por vir para garantir esse espaço e a construção do Parque. Pois conforme relato do senhor Lúcio Dias da Silva Filho *a árvore estava muito frágil e necessitou de cuidados especiais e muita dedicação, pelo fato de ter sido atingida no incêndio que destruiu o restaurante.*

O Parque está num espaço privilegiado - o centro da cidade - e por esse motivo é alvo de grande disputa, principalmente pelo mercado imobiliário. Sabemos que essa realidade vem sendo para os lutadores e idealizadores do parque, um dos maiores enfrentamentos já postos, visto que por parte dos governantes não existe um interesse ou uma responsabilidade com a sociedade de garantir áreas verdes como essa. Podemos perceber isso quando o relatório do CECCA mostra a discussão sobre os ambientes da Ilha que estão sob constante ameaça:

A diversidade dos ambientes costeiros da Ilha de Santa Catarina constitui-se em patrimônio natural inestimável. A variedade e a beleza das praias ao longo da

orla atraina anualmente cerca de 500 mil turistas durante o período de verão, atestando o valor econômico destes ambientes. Todavia, nestes últimos vinte anos, a forte pressão exercida sobre a orla pela expansão ocupacional de Florianópolis e, sobretudo, pelo desenvolvimento do turismo balneário, têm evidenciado a fragilidade dos sistemas costeiros da Ilha (CECCA, 1997, p.19).

Os interesses financeiros estão geralmente acima dos interesses sociais de bem-estar, lazer, educação e sobrevivência. Esses interesses ficam claros na fala de Odilon Furtado,<sup>40</sup> quando é questionado sobre a construção de dois prédios na área de tombamento: *Os prédios conseguiram licença da Susp porque cumprem todas as exigências da lei. Tem inclusive parecer favorável do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que trata do tombamento* (publicado no jornal Diário Catarinense, Geral, p. 21, em 14.12.04). Isso se dá, segundo jornal da época, pelo tombamento tardio da Ponte Hercílio Luz. (1997, p. 30).

O movimento vai se destacando no decorrer dos anos: em alguns momentos mais fortes; em outros mais frágil, porém com força e garra de quem estava e está no comando da Associação dos Amigos do Parque da Luz. Isso fica claro quando observamos a foto que mostra como o espaço do Parque estava antes de ser assumido pelos moradores.



**Ilustração 16** - jogo de futebol no campo localizado no Parque da Luz (foto registro AAPLUZ).

O movimento social em torno do Parque da Luz tornou-se um espaço de luta permanente, numa realidade na qual não se pode dormir sem se preocupar com o amanhã. As elites dominantes da cidade estão sempre pensando formas de romper com essa luta e destruir

---

<sup>40</sup> Diretor e superintendente da SUSP (Secretaria de Urbanismo e Serviços Públicos)



o parque. As tentativas foram muitas no decorrer desses últimos anos. Ou mais: desde o início da construção do parque. *O que é indubitável é que atualmente a humanidade se encaminha para uma urbanização generalizada* (BARDA e RIOS, 2004, p. 16). Isso fica claro quando em 2006 a Prefeitura de Florianópolis projeta a construção de sua sede administrativa na área do Parque em cima de um horto de árvores frutíferas e também com o projeto que transformou uma parte no parque em AMC (Área Mista Comercial) que pode ser leiloadada para futuras construções. O que só vem comprovar a necessidade de fortalecer o movimento em torno do Parque da Luz.

Uma das ações que evidenciou essa luta foi o MANIFESTO DA CULTURA , ARTE, E DO MEIO AMBIENTE feito pela Associação dos Amigos do Parque da Luz:

O centro de nossa capital está cada vez mais caótico e conturbado! Temos urgência na preservação do nosso patrimônio ambiental, assim como do nosso patrimônio histórico e todo conjunto que ornamenta o cartão-postal de nossa Ilha, a Ponte Hercílio Luz. NÃO VAMOS PERMITIR A VENDA, NEGOCIATAS OU CONTRUÇÕES NUM ESPAÇO QUE É NOSSO, QUE É DO POVO CATARINENSE. Se queremos que nossas crianças vivam melhor, num mundo saudável, ecologicamente correto, conscientes do seu papel no novo milênio, temos que dar exemplo a elas; e esse exemplo parte de nós adultos, inseridos no mundo profissional, no mundo dos governantes. Aproveitem, respirem o ar puro que o parque nos proporciona, brinquem e cantem.

A associação está atenta e agregando forças para manter suas lutas, procurando junto com outras entidades o fortalecimento do movimento e a ampliação do mesmo, com ações que envolvem em muitos casos o Poder Judiciário, fazendo denúncias ao Ministério Público e ao Ministério do Meio Ambiente, criando espaços de discussão no Legislativo municipal e principalmente fortalecendo a associação, com convites aos condomínios próximos ao Parque para que possam se tornar amigos do mesmo. Essa forma de construir o movimento ganha esclarecimento em Sader quando coloca que:

Passando a fazer política doutra maneira e noutros lugares, os sujeitos dos movimentos passam por uma experiência decisiva que nos permite captar sua prática como verdadeira aquisição e produção de conhecimentos. ... os movimentos sociais operam como fontes populares de informação, aprendizado e conhecimento político que tendem a ser ampliados e redefinidos pela própria prática e sua dinâmica (1988, p, 13).

Isso fica claro nos relatos do senhor Lúcio, da Associação, quando coloca as lutas quem vem travando em vários espaços, e que todas são complementos ou estão contribuindo de alguma forma para manter viva na sociedade a chama da resistência, que volta para o

Parque de várias formas, não sendo mais só da Associação o compromisso de manter vivo na cidade um parque. Outros estão se comprometendo, cada um no seu espaço. Nesse processo os movimentos se fortalecem mutuamente, construindo conhecimentos que vão sendo apropriados pelos novos movimentos e até pelos que já existem.

A construção do movimento em torno do Parque da Luz nos mostra que existiu e existe um conhecimento sendo construído: que a força da organização e da mobilização pode levar a grandes conquistas, ou pequenas, que vão se fortalecendo e se tornando grandes, como é o caso do Parque hoje para a cidade. Esse entendimento que o Parque vai trazendo aparece muito forte nas pesquisas do Cecca:

É necessário que se protejam as áreas verdes ainda existentes na cidade, delimitando-as e impedindo o seu uso para construção de vias ou qualquer outro tipo de ocupação que não seja para o lazer público. Defender a manutenção e a criação de praças arborizadas e de reservas florestais urbanas, como a mata do Hospital de Caridade, é imprescindível para o bem-estar dos habitantes da cidade, é um ato de cidadania em defesa da qualidade de vida (1997, p. 30).

O parque foi trazendo para a cidade a sua história de construção, que foi feita principalmente através dos mutirões e com isso pode mostrar o quanto é possível se fazer por uma cidade, para que possam ser mantidos espaços de lazer e contemplação da natureza, que ao mesmo tempo possibilitam aos moradores um processo educativo permanente, a partir do olhar sobre o espaço onde moram. Essa forma de pensar os espaços públicos de preservação, as praças e parques, surge principalmente pela necessidade hoje de uma reorganização dos espaços urbanos, pelo fato de que nas últimas décadas vem ocorrendo um avanço desenfreado na ocupação dos espaços verdes.

Pois até a década de 50 as cidades ibero-americanas, mantinham o uso dos lugares históricos e as áreas para pedestres, onde, durante a semana se trabalhava, ou no fim de semana simplesmente se passeava (...). No momento, a presença dos centros comerciais (...), introduz uma mudança de escala na cidade. Essas arquiteturas urbanas e a “padronização” dos espaços criam as ilhas da cidade global, produzindo uma transformação na noção de espaço público, que foi substituído por áreas privadas de uso restrito (BARDA E RIOS, 2004, p. 20).

O Parque dá início a um processo de construção, que possibilita às pessoas perceberem a necessidade de se constituírem nas cidades espaços aonde as pessoas vão para descansar, se divertir e aprender. Perceber a forma como o parque está sendo construído e as possibilidades de intervenção que podem ser feitas, interagindo diretamente com as árvores e toda a área do Parque, colhendo, plantando e contemplando é uma possibilidade que o espaço do Parque oferece, pois quando as pessoas chegam lá, não são barradas por um portão e um

guarda. São recebidas pelas árvores e todo o espaço artístico-cultural que já ganhou força no Parque, com os tótems, o painel que representa a mata atlântica e as esculturas, entre outros. Essa relação que o Parque proporciona com a natureza, possibilita um outro olhar para os espaços públicos da cidade, comparando-o com outras praças e parques e com isso visualizando algumas possibilidades de intervenção nos espaços próximos de suas casas, nas escolas e praças. Possibilitando um processo de aprendizagem, pois a diversidade de plantas e a organização do espaço permite um contato com vários aspectos da natureza e principalmente com o comportamento do homem diante dessa natureza. Sendo o parque um espaço público, totalmente aberto, proporcionando a intervenção direta das pessoas que lá vão, tanto para usufruir como para contribuir com a sua preservação e construção dos espaços que já existem ou criando novos espaços.

## **2.6. Espaço público e o Parque da Luz**

O desejo de algumas pessoas, que trazem em sua história uma vontade de construir uma sociedade pautada em valores que priorizam a vida, levou à constituição de um pequeno grupo, que percebeu num espaço abandonado na cidade, a possibilidade de construção de um parque no centro de Florianópolis. Esse espaço muito bem localizado, área nobre da cidade foi sendo pensado e foi ganhando um desenho, no início com um grande enfoque para transformar o espaço numa área verde que pudesse abrigar construções para realização de eventos culturais e com possibilidade de construção de um parque de ciências infantil.

Essas idéias foram ganhando força com a chegada de outras pessoas ao grupo, que queriam trazer para o centro um pouco mais de oxigênio, não só para revitalizar o ar, mas para revitalizar os movimentos que estavam se travando em vários bairros para garantir mais espaços culturais e de preservação do meio ambiente.

Esse processo foi ganhando contorno de apropriação do espaço público através das experiências de participação que foram se desenvolvendo: famílias, alunos, professores, moradores de rua e autoridades vão iniciando um processo de apropriação desse espaço público através de práticas diferentes – plantando, limpando, cuidando, fazendo atividades culturais, criando obras de artes e instrumentos legais para a constituição do espaço – que fortalece o movimento popular para construção de um parque, que tem uma característica muito própria que são os mutirões que possibilitam formas de apropriação do espaço público.

As pessoas que vinham para plantar, percebiam que precisavam continuar vindo para cuidar, dando sustentação ao fazer, buscando construir coletivamente essa continuidade. Aos poucos vai se percebendo o potencial que o plantar assume diante do espaço e o verde ganha força frente aos projetos de edificações, até mesmo porque não existia por parte do poder público interesse em construir um parque naquele local e o grupo não tinha financiamento para grandes obras, apenas para manutenção do que estava sendo feito, cuidar do lugar e plantar muito.

Esse movimento de plantar e cuidar foi desencadeando outros movimentos de pensar esse espaço público em outros lugares, na Câmara de Vereadores, na universidade, na comunidade local e nas escolas. Construindo uma forma de participação, permeada de pequenos fazeres e muitos mutirões, que vai ganhando força nos eventos realizados no parque.

Essa forma de enfrentar os conflitos que a construção do Parque trazia, gerou uma forma muito particular de participação. Havia aqueles que vinham para assistir a um evento ou participar dele, mas também as pessoas que vinham para construir o Parque. Plantavam e assumiam o compromisso de cuidar. Outros que emprestavam suas casas para reuniões e encontros do grupo que idealizou o Parque, outros que faziam e guardavam os registros, outros que iam em busca do apoio legal para solidificar a luta. Se transformando em uma participação que pode constituir os sujeitos em cidadãos, onde as ações promovem a reflexão das condições de vida, levando a transformação dos sujeitos envolvidos. Os indivíduos se percebem no movimento e se motivam para agir individual e coletivamente, com isso o grupo se fortalece durante o processo e, ao se fortalecer, busca novas alternativas para romper com que está posto como verdade.

O movimento vai trazendo e trabalhando a idéia de emancipação, principalmente quando a organização de um coletivo à revelia do poder público durante 20 anos ocupa uma área pública e a transforma em um parque, sem financiamento público, tornando-o um espaço de liberdade para ensinar os que fazem parte do processo e os que chegam para usufruir dele, onde ainda as pessoas podem plantar e colher num diálogo intenso com a natureza. Essa construção está possibilitando a visualização de uma sociedade mais preocupada com a vida, mostrando que cada vez mais a interferência direta na construção dos espaços públicos de preservação pode construir formas de romper com a idéia de impotência que as pessoas sentem ao se depararem com os problemas sociais que enfrentam. Mesmo quando a história do Brasil revela que a *relação entre Estado e sociedade civil esteve historicamente apoiada*

*em práticas de clientelismo, corrupção, discriminação social e autoritarismo. (...) resultando numa frágil cultura de participação* (LOUREIRO, 2003, p. 24).

O movimento para construção do Parque da Luz vai se desenhando no contexto social do final dos anos 80 e com isso busca nas suas ações romper com as práticas políticas que estavam sendo postas naquele momento, criando um espaço de discussão sobre um determinado espaço público que se localizava na cabeceira da Ponte Hercílio Luz. A discussão não acontece isoladamente, pois a cidade enfrentava várias dificuldades para resguardar os espaços públicos de preservação natural naquele momento, em função do crescimento urbano desordenado e da especulação imobiliária, principalmente pela intenção de tornar a Ilha um grande pólo turístico.

O processo de apropriação do Parque da Luz vai se dando lentamente e com ações pequenas, porém persistentes, construindo um espaço que resgata árvores da mata atlântica, garantindo no centro da cidade uma área verde de aproximadamente 37.000 m<sup>2</sup>. Isso significa muito para uma Ilha que nos últimos anos vem sendo cada vez mais degradada pela força do mercado imobiliário e pelo crescimento demográfico acentuado. Essa necessidade já está clara para algumas pessoas da comunidade, grupos que se organizam para lutar pela manutenção e criação de espaços verdes na cidade. Porém se observa que o poder público ainda não colocou a preservação como prioridade, pois continua dando valor a obras que garantam um espaço urbano amplamente planejado para atender as necessidades do mercado e do capital. Onde construções e edificações são o que interessam. Árvores e jardins ficam relegados a segundo plano ou nem isso. Isso se evidenciou nas pesquisas feitas pelo CECCA, em que *se coloca a vocação turística da Ilha como praticamente a única viável* (1997, p. 95).

Uma grande parcela da população ainda não se deu conta ou não desenvolveu formas de participação para buscar alternativas que não prejudicam a natureza. Porém já existem muitas pessoas engajadas e grupos comunitários, ONGs e fóruns desenvolvendo atividades de conscientização e luta por espaços públicos de preservação. Essa conscientização faz parte do processo vivido pela sociedade, que através de suas pequenas ações poderá buscar a valorização dos espaços verdes, para que a vida tenha continuidade nessa cidade e conseqüentemente no planeta.

Na construção de uma consciência mais humanizadora, os movimentos populares estão buscando meios de resistência às investidas do capital contra as reservas naturais, buscando novas propostas de criação de novos espaços de preservação da natureza. Na luta por alternativas de vida, que valorizem atitudes como: separação do lixo para reciclagem, uso de alimentos orgânicos, plantando árvores nas praças e ruas, num processo de luta que

pressiona os governos e Legislativo a pensar políticas públicas que possam viabilizar o processo de valorização e manutenção das áreas de preservação natural, construindo possibilidades para uma cidade que vive sob a política da urbanização depredadora do meio ambiente

Nessa perspectiva o Parque da Luz foi se transformando num movimento vivo, que vem criando formas alternativas de resistência aos desmandos do capital: onde era lixão hoje é uma grande área verde, que serve de vida para a fauna e para garantir mais oxigênio no ar, diminuindo as agressões feitas à cidade e contribuindo com a ampliação de outros espaços verdes em outros lugares, pois sua avifauna já possibilita o deslocamento de sementes para outros espaços. Além disso, vem se constituindo em um espaço educador que possibilita a interação direta com as pessoas que por lá passam, trazendo para o mundo dessas pessoas uma outra leitura das possibilidades que existem para resistirmos ao ataque do próprio homem ao meio em que vive.

Esse diálogo que no parque acontece principalmente através da participação, traz em seu movimento uma construção que potencializa a ação individual e coletiva, gerando um comprometimento entre os grupos que defendem o meio ambiente, construindo coletividade, formação de consciência e qualidade nas relações entre homem e meio ambiente.

No entanto todo esse processo vivido pelos idealizadores do parque e os que deram e dão continuidade à construção desse espaço é ainda uma pequena semente que brota em meio muito hostil, pois a desvalorização pelas áreas verdes da cidade, principalmente as áreas de mata atlântica vem se construindo ao longo de todo processo de colonização da Ilha de Santa Catarina.

Até 1748, data da chegada da primeira leva açoriana, a cobertura vegetal da Ilha de Santa Catarina não havia sofrido nenhum dano significativo. A partir de então, o próprio interior da Ilha e as áreas periféricas à capital foram sendo gradativamente ocupados. Apesar do êxodo rural, muitos braços permaneceram na terra, uma vez que a farinha de mandioca tornou-se o principal produto de exportação da Ilha durante quase todo o século XIX. Além do desmatamento para a agricultura, através do corte e queima das árvores, percebe-se a intensa retirada da madeira para diversos usos (CECCA, 1997, p. 47).



**Ilustração 17** - Parque da Luz sendo invadido pelas construções (registro do arquivo AAPLUZ)

Florianópolis é uma cidade que sofreu e sofre com o descaso das autoridades com relação à preservação do meio ambiente e isso vem sendo um dos grandes motivos para que a sociedade se organize e lute pelos espaços verdes que ainda restam. Pois a situação urbana como se apresenta hoje não favorece em nada a vida saudável. Um dos aspectos graves é a grande aglomeração de construções.

Nas cidades, as áreas construídas crescem em detrimento daquelas com vegetação. A cobertura vegetal pode absorver até 90% da radiação incidente, porém são consumidoras de calor para fazer a fotossíntese, amenizando as temperaturas. Já áreas construídas com concreto, vidro e asfalto, armazenam e refletem o calor, elevando as temperaturas no interior da cidade (CECCA, 1997, p. 25).

Esse motivo é levado em consideração pelos idealizadores e construtores do Parque da Luz no centro da cidade: considerar que são necessários espaços públicos de grande concentração de árvores, para que a população que vive nesse espaço possa ser beneficiada,

facilitando o resfriamento da cidade e possibilitando, além disso, o contato direto com a natureza, proporcionando lazer e prazer para quem frequenta e vivencia esse tipo de espaço. O parque traz uma área verde com muitas árvores, que são requisitos necessários para revitalização das áreas urbanas, principalmente pela sua estrutura, que não possui edificações nem a impermeabilização do solo, com calçadas e pistas. Porém a manutenção dessa estrutura vem sempre carregada de muito conflito: alguns querem iluminação, pistas para caminhada e estruturas como banheiros, entre outras; já outros querem o parque como ele está - totalmente aberto, sem muros e sem nenhuma estrutura física nem calçadas.

Essas constatações hoje levam a sociedade a refletir sobre o planejamento urbano e qual a sua participação nesse processo. Observamos isso quando a sociedade civil organizada vem nos últimos anos construindo movimentos para viabilizar a participação na construção do Plano Diretor para Florianópolis, que já estava garantida em lei. Porém os governos municipais, apoiados em um modelo de desenvolvimento baseado na explosão imobiliária e no turismo, não demonstraram interesse em colocar em prática. Diante da falta de políticas governamentais para viabilizar a participação da sociedade civil na organização urbana, não observamos ainda com muita ênfase na população em geral a preocupação em resguardar os espaços verdes e pensar a organização dos espaços da cidade. Isso só vem acontecendo nos espaços organizados pelos movimentos sociais, que com muita insistência e teimosia vem no decorrer dos anos abrindo espaços de participação para através do Plano Diretor, estabelecer regras para organização dos espaços urbanos. Diante da situação que hoje vive a cidade de Florianópolis, que apresenta nas suas ruas e praças uma arborização muito precária, e que ainda continua construindo sem muitos critérios para preservar o meio ambiente, não se preocupando com a gritante situação social que hoje vivenciamos principalmente a miséria. Essa consciência caminha a passos lentos, pois os movimentos populares estão se organizando e conquistando espaços importantes de participação, através dos conselhos municipais e estaduais. Porém a sociedade ainda tem dificuldade de fazer pequenas ações, como por exemplo separar o próprio lixo, plantar uma árvore<sup>41</sup> e principalmente participar dos movimentos que estão pensando a cidade, como o Fórum da Cidade e o grupo gestor para construir o Plano Diretor.

Para que exista uma ação mais eficaz ou mais forte da sociedade quanto à preservação do meio ambiente, tudo indica que são necessárias políticas mais claras e diretas na educação,

---

<sup>41</sup> Que para AAPLUZ, segundo Lúcio é um ato que representa mais que isto, pois não basta somente plantar, mas quem plantou deve adotá-la, acompanhando o desenvolvimento da espécie até sua fase adulta, observando sempre como está a situação no entorno imediato a espécie, pesquisar e ler sobre ela.



principalmente nos primeiros anos de escolaridade, quando estamos construindo os desejos e consciências dos futuros cidadãos. Pois se continuarmos pensando que o problema está distante de nós, vamos cada vez mais desconsiderar o que já está acontecendo na nossa cidade, onde:

O modelo atual de crescimento urbano vigente na Ilha de Santa Catarina privilegia o adensamento, a verticalização das construções e o transporte individual, levando à crescente impermeabilização do solo. O incentivo ao aumento da população e à circulação de automóveis vão ampliar a produção artificial de calor e as emissões de partículas de poeira, fumaça e gás carbônico (CO<sub>2</sub>) no ar. A concentração de edificações e a intensa circulação poderão tornar mais nítida a ilha de calor já esboçada na área central. A amplificação de material particulado no ar, aumentará a ocorrência de nevoeiros e chuvas, e a impermeabilização do solo agravará o risco de enchentes (CECCA, 1997, p. 29).

Nesse sentido os movimentos populares que se organizam em torno das lutas e resistências em favor dos espaços públicos com áreas verdes, principalmente as áreas de preservação da mata atlântica, poderão se tornar os principais suportes para a sociedade na busca de garantias para solidificar esses espaços como áreas de preservação permanente na cidade, principalmente nas áreas que correm riscos de o mercado imobiliário tomar como suas, como aconteceu recentemente com a construção do shopping Iguatemi, que foi construído no Bairro Santa Mônica em cima do mangue. Para que não permaneça a situação que temos hoje:

que é a consequência do atual modelo de crescimento é a redução das áreas verdes, imprescindíveis à melhoria da qualidade de vida nos centros urbanos. Hoje, segundo a Assessoria de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Educação, há cerca de 3m<sup>2</sup> de área verde por habitante no centro urbano de Florianópolis, quando a Organização Mundial da Saúde recomenda 12m<sup>2</sup> (CECCA, 1997, p. 30).

Devemos considerar que uma ação coletiva, através de um movimento social como a construção de um parque no centro da cidade, como é o Parque da Luz e a forma como foi sendo construído, por muitas mãos, mãos preocupadas em movimentar e mobilizar a sociedade para a luta, foram ações pequenas que ganharam força na construção de mobilizações, documentos e resistências para a viabilização de processos decisórios na construção desse espaço público. Como uma iniciativa que vem mostrar para a sociedade as possibilidades que podemos ter diante da situação que vivenciamos hoje, com o avanço do mercado imobiliário e o descaso do poder público com a vida na cidade.



**Ilustração 18** - Atividade cultural realizada no Parque da Luz por crianças de uma escola pública. (Arquivo da AAPLUZ)



**Ilustração 19** - Revitalização do Parque da Luz (registro da AAPLUZ).

## 2.7 – A universidade e o Parque da Luz

Esse encontro entre a Universidade Federal de Santa Catarina e o parque acontece com seus idealizadores, pois esses eram professores e alunos dessa universidade, e por estarem num espaço que suscita ou deve suscitar reflexões mais profundas sobre a organização da sociedade e as demandas que devem advir dessa organização e pela história de militância na luta pelo meio ambiente, estavam compreendendo e refletindo o que estava acontecendo com a cidade de Florianópolis. Lúcio caracteriza assim a questão: *era necessário ocupar os espaços públicos, valorizando-os como patrimônio público, adequando-o e apropriando-se deles, garantindo a paisagem que é de todos, assim como a integridade do meio ambiente*. E que a luta se fazia necessário, não só nas suas salas de aulas, mas em outros espaços como os movimentos sociais, pois o futuro não era promissor diante do ataque que a cidade vinha sofrendo com o grande avanço da urbanização, em busca de uma ilha preparada para atender o turismo nacional e internacional. Lúcio destaca: *ínhamos plena consciência de que já naquela época a capacidade de carga e suporte da Ilha, ia se esgotar e entrar em colapso*.

Nos primeiros 10 anos do movimento pelo Parque da Luz a universidade se fazia presente pelas iniciativas desse grupo de professores, motivados pelo professor Etienne Luiz da Silva que buscava em todas as ações que eram programadas para serem realizadas no parque chamar a universidade para participar, inclusive solicitando apoio segundo documentos arquivados na AAPLUZ aos reitores da época, quanto aos encaminhamentos que o movimento ia dando. Pelas entrevistas pude perceber que o núcleo do movimento se dava com o apoio dos professores que se envolveram e a partir deles foram criando outros núcleos, como os moradores do entorno e dos ambientalistas.

Com a morte do professor Etienne as pessoas que lideravam o movimento, constituíram a Associação dos Amigos do Parque da Luz e o grupo se fortalece, constituindo uma rede de pessoas que contribuem financeiramente para manter o parque, tornando-se os amigos do parque. Com isso outros grupos vão se aproximando como o Grupo de pesquisa Pandorga: Pesquisa e Ação Cultural em Educação Popular, Arte e Cidadania – UFSC/CED, que há 10 anos vem construindo uma relação de apropriação do espaço público do Parque da Luz, através de suas ações. Grupo que abraçou a vida através do movimento Abraçando a Vida e criou um curso de extensão o Arte no Parque, que acontece desde 2004, uma parte na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e outra no Parque da Luz, também vem aproximando o Parque da universidade. Esse grupo vem construindo suas ações pautadas na

cidadania, na arte e na educação popular e vislumbrou no Parque sua possibilidade de refletir o espaço público enquanto espaço de cidadania, lazer e educação.

Tem como um dos seus objetivos ensinar as pessoas a se apropriarem dos espaços públicos da cidade. E um dos seus projetos foi o Abraçando a Vida, que traz para o Parque da Luz o seu movimento, de pensar a vida na cidade a partir da morte de um menino de rua. O parque ganha força com as ações do Abraçando a Vida, que trazia crianças de escolas públicas para brincar, plantar e exercer o direito de ser criança no parque e com isso refletir sobre o que a cidade estava oferecendo para elas como possibilidade de vida. Segundo Maristela Fantin, *o movimento Abraçando a Vida foi um dos protagonistas da luta por mais espaços de brincadeiras, lazer, diversão, esporte e cultura na cidade* (2005, p. 121). E essa é uma das características do movimento pelo Parque da Luz, oferecer mais espaços públicos de lazer para cidade. Nesse sentido encontramos em Fantin que:

Uma das conquistas do Abraçando foi a percepção de que a cidade carecia muito de espaços de lazer e de mais espaços públicos. Envolvemos-nos diretamente ou indiretamente na luta por alguns parques, como o Parque da Luz, o Parque do Itacorubi e o Parque do Monte Cristo (2005, p.149).

Outro projeto do Grupo Pandorga que chega até o parque é o Projeto Escola Itinerante de Boi de Mamão, que trouxe para o parque a cultura popular e seus valores, com oficinas de tambor de Boi-de-mamão, construindo no parque um diálogo brincante com a cidade. Esse processo de ir se apropriando do parque, foi construindo uma relação de aprendizagem entre os diversos sujeitos que interagiam naqueles momentos, construindo novos saberes que se manifestaram nos outros espaços em que estes sujeitos estarão presentes. Esse entendimento de como o conhecimento vai de dando e vai se construindo encontramos em Gonçalves quando ele traz em sua pesquisa a história dos integrantes do Grupo Arreda Boi, quando diz que: *As diferentes relações humanas que seus integrantes estabelecem ao longo de suas vidas, vão conduzindo-os para diferentes caminhos* (2006, p.128).

As ações do Grupo Pandorga no espaço do Parque da Luz vou discutir no terceiro capítulo. O que quero destacar é a importância que os professores e alunos da Universidade Federal tiveram e ainda estão tendo na construção do movimento de construção do Parque. Pois alguns professores dessa universidade introduzem no seu processo de ensinar uma relação com o espaço do Parque sabendo da importância desse para a cidade e que existe uma necessidade constante de alimentar o movimento, visto que este sofre constantes ameaças do processo de urbanização pautado na valorização das políticas neo-liberais.

Esse é o caso da Professora Maristela Fantin, participante do movimento que construiu e constrói o Parque. Ela teimosamente leva a universidade para plantar suas inquietações,

refletindo sobre os espaços da cidade, que há 10 anos vem levando seus alunos de pedagogia, licenciaturas e pós-graduação para plantar e aprender educação popular, arte e cidadania no espaço do Parque da Luz. Com isso fortalecendo o movimento e o espaço do Parque. Essa forma de ensinar pode nos levar a reflexões sobre os espaços educativos, possibilitando a construção de outros caminhos dentro do processo de ensinar e aprender. Isso se evidencia nos relatos feitos pelos alunos;

[...] aquela aula, que rompendo os muros da universidade provocou novos olhares para o Parque buscando consolidar mais um pilar na preservação daquele espaço público que acolhe a todos. Dançamos, cantamos, comemos, estudamos de corpo inteiro. Produzimos cultura, conhecimento, compreendendo na prática, o que é educação popular (Julia Maris Latronico de Souza).

Mas o que realmente me deslumbrou, foi a magnífica descrição, eu diria mais, a interpretação que a professora nos fez, ressaltando a história, a memória e a cultura que circunda toda a trama da existência do Parque da Luz. As lutas das pessoas que muitas no anonimato, em ações isoladas, em outros momentos somando-se ao coletivo, fizeram o Parque nascer do “lixo”, para se tornar um coração que pulsa no meio da Ilha. (Marta Maria Simionato)

Esse processo de ensinar utilizando o Parque e sua história de luta e resistência levou alguns alunos a reflexões:

Porque um espaço tão rico como aquele está tão sumido? O que é a luz do Parque da Luz? Ele tem luz? Penso que a luz do Parque reside em seu inacabamento, na sua mutação (tal quais as árvores e plantas dele!) em sua constituição coletiva (Rodrigo Gonçalves).

Quantas histórias não haveria por contar as folhas das mais antigas árvores ou as inúmeras rodas que desenham um sinuoso e encantador paredão, que apesar de pequeno se torna enorme como símbolo de tanta resistência cultural e popular (Paula).

Como educadora e pesquisadora, me desafio a refletir no próximo capítulo um processo educativo construído por muitas mãos, num contexto no qual buscamos pensar a educação como espaço de reflexão da nossa realidade.

### 3 - O Parque como espaço educativo.

Ponte da Luz da noite pôr-do-sol, lua cheia encantada  
Brilha a passagem dourada o cruzeiro do sul e as três marias  
Unindo a beleza da terra, da serra, dos vales e rios,  
Da Catarina Brasil, que um dia se encontram no mar,  
Com as gaiivotas do ar, cantando no Parque da Luz,  
(Luz, luz, luz – criação a cada dia)  
(Etienne Luz)

#### 3.1 - As possibilidades educativas de um espaço em construção

A experiência que desde 1986 vem se construindo num espaço abandonado em frente à Ponte Hercílio Luz, que já relatei no segundo capítulo, desde seu início já trazia um caráter e uma intenção educativa. Os idealizadores da proposta de construção do Parque vieram para esse movimento com objetivos de aliar a construção de uma área verde no centro da cidade com a criação de possibilidades de educação, arte e cultura que pudessem impulsionar o projeto de apropriação desse espaço público.

Esse processo de construção vai se constituindo em meio a muitos conflitos, pois a área nobre da cidade é desejada por outros setores como o da construção civil e até mesmo pelo setor público para ocupar com suas sedes de governo. Porém o espaço abandonado que ganha nome simbólico Parque da Luz impulsiona desejos que vão ganhando forma, na construção de uma identidade coletiva que se fortalecia pela busca de um espaço plural, público, de educação, cultura e cidadania. Que ao mesmo tempo agregava força para lutar pelo direito de buscar um espaço de convivência e trocas entre iguais e diferentes, onde as potencialidades humanas pudessem brotar numa relação que envolvia tempo e dedicação. Plantando um movimento que transformava esse tempo de agir em um tempo de lutar.

Esses construtores foram abrindo caminhos dentro de uma “mata fechada” tanto no que se refere ao espaço físico, como ao espaço político. Construindo formas de lidar com os conflitos que se definiam por ações que eram pensadas a partir da leitura da configuração do movimento, que se apresentavam a cada muda plantada e muitas vezes arrancada, a cada evento ou festa realizada no Parque. Essas percepções traziam para o movimento a

necessidade de romper com a política do esvaziamento dos espaços públicos de lazer, principalmente com a perda desses espaços na cidade. E o Parque vai se definindo para esses sujeitos como o real que ganha corpo e força através de um processo educativo não muito explícito, porém concreto, que pode mudar o percurso de um pequeno espaço público dentro de uma cidade esquadrejada.

Esse real que vai definindo a participação do coletivo ou coletivos que vão permeando o movimento: jardineiros, professores, crianças, estudantes, ambientalistas, pesquisadores, donas-de-casa e tantos outros personagens. Como construtores vão trocando e se fortalecendo no diferente e principalmente através das suas subjetividades, num processo de trocas que evidencia um processo educativo que busca superar os conflitos, criando nesse movimento ações que se constituem em espaços de possibilidades de uma história diferente da que vinha sendo desenhada para aquele espaço público, que com certeza não seria construir um Parque.

Essas ações educativas e culturais faziam parte do projeto de parque e vão se constituir no movimento como uma das estratégias de luta, pois vão construir um movimento dentro do espaço do Parque que fortalece a idéia de tornar a área em um espaço público de cultura, educação e lazer.

### **3.2 – Processos educativos que permeiam o movimento**

O Parque da Luz apresenta na sua construção uma história de muitos fazeres, que foram trazendo para esse espaço público e para a cidade formas diferentes de participação. Elas vão se constituindo a partir das iniciativas do movimento, com os eventos culturais, religiosos, mutirões, atividades escolares e festas, realizados no Parque. Conforme o grupo que estava no parque promovia-se um tipo de participação: brincar, cantar, pintar, rezar, cuidar, estudar entre outras, porém plantar fazia na maioria das vezes parte de todos os eventos, era a materialização do espaço, que é de vital importância para construir cidadania. Pois cidadania não se faz através de discurso e sim de práticas que se materializam no cotidiano das pessoas.

Essa forma de participar plantando ganha uma dimensão muito significativa na construção do parque, pois teimar no plantio e acompanhar essa planta, cuidando do seu desenvolvimento, mesmo tendo que em alguns momentos compreender a morte de algumas plantas, foi mostrando para os idealizadores e construtores do Parque um caminho possível.

Foi o plantar com muita insistência, rompendo com as dificuldades que o próprio espaço do Parque trazia, como: terra dura de cavar, cheia de restos de construção; falta de água no espaço do parque, disponibilizada somente na cabeceira da Ponte Hercílio Luz; terra que necessitava de muito adubo, além das próprias dificuldades advindas de um plantio, como a atenção e o cuidado que uma planta necessita para crescer, que ganhou força e deu força para que o parque ganhasse forma.

A participação se caracterizava por fazeres pequenos<sup>42</sup>, que criavam uma provocação teimosa, mostrando para quem vinha ajudar a construir o Parque que esperar, ter paciência, voltar a plantar, chorar a morte de uma planta, arrancar a raiz, replantar, fazia parte de um projeto que daria cara de Parque àquele espaço público abandonado.

Plantar insistentemente foi proporcionando o enraizamento do parque na cidade e na vida das pessoas que o construía a partir da compreensão do que se estavam fazendo, proporcionando um diálogo carregado de formar diferentes de aprender. Porém segundo Weil para que aconteça o enraizamento:

[...] Não basta ter percebido essa noção, ter prestado atenção a isso, tê-la compreendido, é preciso instala-la permanentemente na alma, de maneira que ela esteja presente mesmo quando a atenção se volta para outra coisa ( 2001, p. 171).

Esse diálogo que se constituía de pequenas ações e muitos movimentos, vai se enraizando a partir do momento que consegue fazer parte da vida dos sujeitos que ao construírem o Parque se constituía outros sujeitos, levava-os a refletir e enfrentar a realidade tão adversa<sup>43</sup>, buscando construir formas de resistir a todos os ataques e conflitos. Esse aprendizado vai sendo construído na relação com os que passavam pelo Parque e intervinham de alguma forma nele e pelos participantes do movimento, buscando nessa relação o fortalecimento das ações e a continuidade das mesmas, criando a necessidade de observar de que forma se dava participação e como poderiam potencializá-las, fortalecendo o movimento. Para Weil esse fortalecimento se dá quando:

Um pensamento, às vezes formulados internamente, às vezes não formulado, trabalha surdamente a alma e no entanto só aja sobre ela fracamente. Se se ouvir formular esse pensamento fora de si mesmo, por outrem e por alguém a cujas palavras se dá atenção, ele recebe daí uma força centuplicada e pode às vezes produzir uma transformação interna (2001, p. 173).

---

<sup>42</sup> Como foi contado no capítulo II.

<sup>43</sup> Me refiro ao próprio processo de construção do Parque, quando plantar num terreno tão degradado não foi tarefa muito fácil.



Nesse sentido compreendo que o movimento consegue através das ações que vai desenvolvendo formular esse pensamento fora do próprio movimento, nos grupos e pessoas que cruzam com ele, com isso ganhando força para dar continuidade à construção do Parque. Como relata uma aluna *O Parque da Luz conseguiu me trazer para o mundo dos “sentidos”, [...] Cada pedaço do Parque parecia que tinha muito para contar e acho que conseguia assumir um “tamanho” maior do que o que realmente tinha.*<sup>44</sup>

Essa força que se constituiu a partir do enraizamento se apresenta em vários relatos de pessoas que participaram de alguma atividade no Parque:

A aula no parque da Luz foi realmente muito especial e reveladora, trazendo para mim novas concepções acerca do que pode ser a educação popular ( Ivan Iuri Bonjorno).

A partir do momento que se caminha pelo Parque, tantas vezes explorado em contextos diferentes, desvenda-se a história de povos, da cidade, da resistência de um espaço que eclode de natureza e exuberância. E daí se constitui um conhecimento. Conhecimento este que é referenciado pela realidade, que entende a educação popular como a apropriação de manifestações culturais e empoderamento de indivíduos participativos num processo coletivo da humanização e transformação social (Sabrina Severo da Silva).

A cada passo fomos nos reconectando com a história da cidade, das pessoas que ali já passaram e que ali estavam, das árvores, dos cheiros, dos vários caminhos, das obras de e em arte, do olhar para a cidade de um outro ângulo, do fazer político em luta constante para manter o Parque vivo e público... A cada passo fomos sentindo o quanto de amorosidade, de criação, de rebeldia, de superação, de briga, de reflexão, de sonhos, de transformação há naquele território (Julia Maris Latronico de Souza)

Para compreender um pouco mais sobre a importância desses fazeres pequenos e insistentes como processos educativos, que desafiam os sujeitos a se desafiarem a cada dia buscando uma identidade com o que estão fazendo e construindo. Busco em Guattari sua manifestação em relação às três ecologias: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana, quando vai trabalhar a retomada de confiança da humanidade em si mesma. Quando diz que:

a reconquista de um grau de autonomia criativa num campo particular invoca outras reconquistas em outros campos. Assim, toda uma catálise da retomada de confiança da humanidade em si mesma está para se forjada passo a passo e, às vezes, a partir dos meios os mais minúsculos (1997, p. 56)

Nesse sentido vamos compreender melhor como foi se constituindo o movimento em torno do Parque da Luz, que vai trazendo para nós uma história de luta diferente das que

---

<sup>44</sup> Judivânia Maria Nunes Rodrigues, aluna da disciplina Cultura e Cidadania na Educação Popular – Pós graduação, PPGE/CED//UFSC, 2008/1. Relato extraído do texto apresentado após aula realizada no Parque da Luz.

conhecemos, com características de organização que em alguns momentos não difere dos outros movimentos populares como: objetivos em comum, organização de um coletivo, ações planejadas e ações coletivas entre outras, porém uma outra característica vai se constituindo no próprio processo as ações pequenas e insistentes de plantar, pelas necessidades do próprio movimento, visto o grau de dificuldade existente na garantia de manter a área do Parque protegida. Ganhando força e resistência, pois plantar, cuidar e limpar construiu solidariedade entre as pessoas, dando continuidade a um conjunto de ações educativas, que como diz Grattari *produtoras de subjetividade* (1997, p. ). Que podem levar a reapropriação de valores e conceitos que se contraponham aos valores dominantes de constituição da cidade, onde o que importa é a garantia dos valores do mercado.

Outra possibilidade educativa está colocada por Cabeduzo através do conceito de cidade educadora, fazendo uma reflexão sobre os espaços da cidade e nesse caso trago o movimento de construção do Parque da Luz, como realidade que nos abre caminhos para entender a organização urbana e a formação dos cidadãos.

A cidade é o quadro de intervenção e, portanto, seu governo municipal é o principal responsável, já que a própria realidade urbana deve ser um elemento determinante na configuração da ação educativa e deve equilibrar as desigualdades sociais que nela ocorrem (2004 : p : 113).

Diante dessa afirmação, poderíamos olhar para o Parque da Luz como um espaço que vem proporcionando à sociedade uma intervenção na realidade urbana constituída para o centro de Florianópolis, e que esta vem construindo e determinando um processo educativo que poderá levar a uma reflexão dos moradores sobre a cidade em que eles gostariam de morar e como ela deveria ser organizada. Segundo Martins:

O caminho percorrido, como aprendizagem, vale na medida em que encontramos a força no trabalho em conjunto, na busca de um objetivo comum. Neste movimento o objetivo principal sempre foi o verde na preservação do espaço e isto foi conquistado (livro no prelo).

Este trabalho educativo foi se constituindo no movimento a partir dos processos organizados para apropriação do espaço público, aqui entendido conforme trabalhado no primeiro capítulo, espaço em que a realidade pode ser questionada e refletida a partir de uma intervenção na mesma.

### 3.3 – Ações fortalecedoras: construindo coletivos



**Ilustração 20** - Plantio no Parque da Luz – Curso Arte no Parque 2006 (foto: Rosiméri Jorge da Silva).

A estratégia criada pelos idealizadores do Parque, através do plantio, dos mutirões de limpeza, fez com que eles percebessem que outros caminhos precisavam ser trilhados. Tinha-se que buscar instrumentos legais que garantissem a constituição do Parque. Esse processo vai se constituindo desde, o tombamento da Ponte Hercílio Luz, até a transformação da área em AVL (Área Verde de Lazer).

Todo esse movimento é perpassado por processos educativos, que vem mostrar para a sociedade as possibilidades que podem ser construídas para resistir ao avanço desordenado da urbanização. Principalmente no centro da cidade, onde a verticalização já tomou conta e poucas são as áreas verdes que ainda existem. Talvez essas ações possam ser consideradas pequenas e de pouca intervenção social, porém esse movimento está mostrando que existem possibilidades de resistência e luta, visto que o Parque existe na sua totalidade enquanto área verde, mesmo que ainda não exista uma lei municipal que consolide o espaço público como parque municipal. Isso se fortalece em Martins quando coloca: *que o parque não está pronto e talvez seja essa sua maior dádiva, pois a riqueza da educação ambiental é justamente a experiência, a observação e o fazer* (livro no prelo).

Esse processo educativo que o parque vai construindo passa segundo Covre, *pela “revolução” por uma sociedade melhor passa pela revolução nas subjetividades das pessoas* (1995, p. 64). Abrindo um caminho de possibilidades para que os sujeitos que estão se

construindo nesse processo possam visualizar um sentido para o agir num espaço público, numa relação diária de conflito com o seu próprio fazer, pois a muda plantada necessita de muita insistência, leva tempo para crescer. Gerando uma política micro, fruto das ações desses sujeitos, que às vezes se fortalece no coletivo e pode ser visualizada e às vezes se aproxima da própria capacidade individual dos sujeitos de se perceberem como indivíduos ou coletivos no seu próprio processo histórico. Vão trazendo para o movimento e colocando para fora suas subjetividades, essas que vão garantindo a continuidade, dando corpo e cara a um novo sujeito coletivo. Expressando seus sentimentos em relação ao mundo e sua própria existência nele, dando um novo sentido a sua própria cidadania.

Como Covre pode nos mostrar:

É a identidade do indivíduo que vem à tona e, ao mesmo tempo, é pensamento e ação para lidar com o mundo, para organizá-lo melhor na direção do que parece ser o sonho recôndito dos homens – a busca de formas possíveis de justiça e igualdade, liberdade e ao mesmo tempo de individualidade, embora impliquem uma relação complexa, difícil de resolver (1995, p. 65).

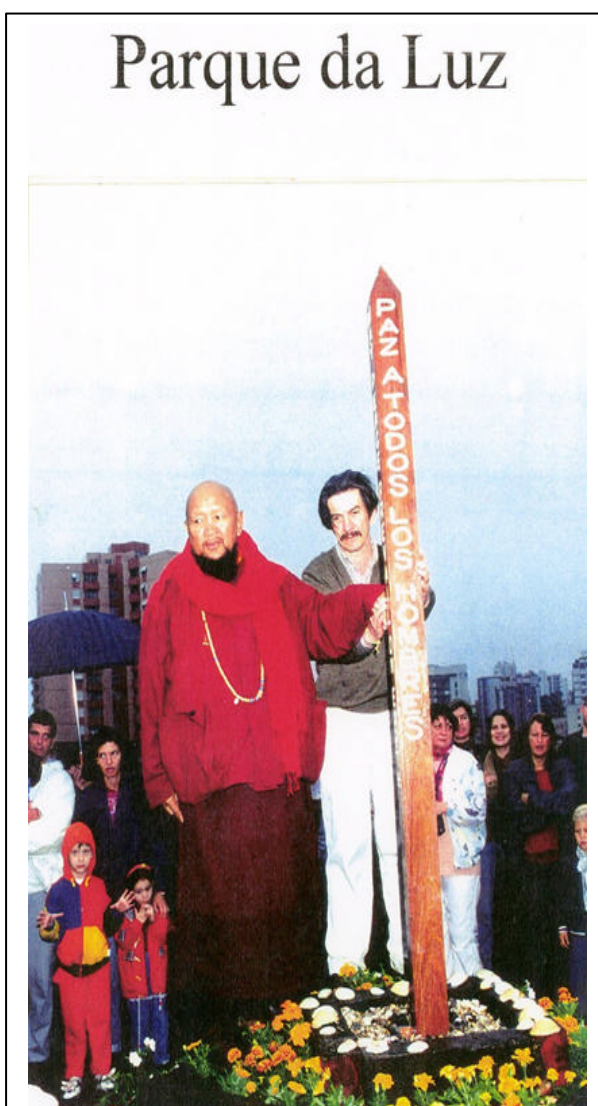
Nesse sentido, Paulo Freire nos mostra como podemos nos aproximar da realidade. O trabalho coletivo tem seu papel de levar o homem à reflexão e a um conjunto de pensamentos. Quando traz a vinculação com a política e cultura como modo de se aproximar da realidade (ler, escrever, estudar, fazer, pensar,...), buscando na cultura popular (dos fatos, da natureza, do tempo) uma forma de ensinar, ler o mundo que já conhecia. Paulo Freire completa:

os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si” (1994, p. 61).

O sentido de cidadania que o movimento do Parque da Luz foi construindo no decorrer desses 22 anos, deu sentido a um coletivo, que elaborou um caminho através da construção de uma identidade própria, pautada em práticas que defendiam e defendem os interesses de grupos que lutam por um outro tipo de cidade, pautada na vida. Essa identidade própria passa por sujeitos coletivos, que Sader usa no sentido de *coletividade* onde se elabora uma identidade e se organizam práticas através das quais seus membros pretendem defender seus interesses e expressam suas vontades, constituindo-se nessas lutas (1988, p. 55).

Sujeitos que buscaram sua autonomia diante de uma cidade que se endurecia rapidamente, construindo a sua própria política, que se revertem em ações fortalecedoras do próprio movimento, que possibilitam uma outra relação com o espaço público. Com mais liberdade para ir rompendo com a política da posse implementada por uma minoria dominante.

### 3.4 – As experiências ganham força nas atividades culturais



**Ilustração 21** - Totem da Paz. Evento realizado em 1º de agosto de 1998. Arquivo AAPLUZ

Nesse movimento foi se constituindo outros espaços de divulgação e mediação da luta que vinha sendo construída. Atividades culturais eram pensadas e traziam para o Parque eventos como:

Em 1998, quando recebemos Lama Gangchen Rimpoche, foi colocado no Parque o Totem pela Paz Mundial junto ao Fórum das Nações Unidas - onde está escrito: **“Que a Paz prevaleça no Mundo”**. Esta mensagem entalhada pelo Rafael (artista plástico) em um tronco de madeira e foi escrita em quatro idiomas: português, inglês, espanhol e Tupí-Guaraní. Consagrava-se o elo espiritual também pelo fato deste espaço ter sido Cemitério da cidade. Este foi o primeiro de muitos círculos que se seguiram; muitas orações e meditações, agradecendo e respeitando a mãe terra, o ar, o espaço, o fogo, a água. A união de todos os seres independente de crenças e religiões, desde que o objetivo seja o resgate da paz e o respeito entre os homens (MARTINS, livro no prelo).

Também foram realizadas atividades no Dia da árvore; Dia da criança – Tarde no Parque da Luz -; Domingo no parque; Primavera da Paz; Evento comemorativo ao dia mundial do meio ambiente em 1996; entre tantos outros (Registro AAPLUZ).

Nessa busca por enraizar o movimento e consolidar o espaço como Parque, buscou-se trazer para o Parque encontros que valorizassem as culturas dos povos que já habitaram esse espaço. Numa *necessidade de transformar a consciência ambiental e espiritual em nossa*

*comunidade de amigos fez surgir o Encontro Indígena no Parque da Luz.* (FIGUEIREDO IN: MARTINS livro no prelo). Esse encontro foi: carregado de significados para aqueles que buscavam meios para solidificar a vida no Parque, principalmente pela história que o local carrega, visto que no início da colonização de Florianópolis. Ali existia um cemitério indígena, como aparece em vários relatos sobre o Parque.

No desenrolar dos acontecimentos ficamos sabendo por amigos da Unisul que o índio txucarramãe Kaká Werá Jecupé iria chegar a Florianópolis no mesmo dia que estava combinado o encontro: 26 de agosto 1999 – dia de lua cheia (FIGUEIREDO IN: MARTINS livro no prelo).

Esses movimentos foram revitalizando o Parque e demarcando o espaço como área de cultura, lazer e com uma ênfase na espiritualidade, mostrando para a cidade um espaço público que estava a sua disposição e que qualidade de vida se constrói no espaço onde vivemos.

O movimento vai construindo esse diálogo com a cidade e suas culturas, principalmente quando traz para espaço do Parque atividades que proporcionam, além do lazer reflexões que possam levar as pessoas a um outro entendimento de vida<sup>45</sup> e conseqüentemente a um outro comportamento diante do espaço em que vivemos.

Essa mesma concepção de vida é passada por Kaká Werá Jecupé em: 26 de agosto de 1999, quando ele vem ao Parque para realizar a **Cerimônia das Danças da Terra** e diz:

O que nós fizemos aqui hoje tem a ver com essa memória que está presente nas nossas células, no nosso ser. Aquele tempo em que nós todos interagíamos, assim com muito respeito, muita profundidade, com muita simplicidade em relação àquela que nos deu vida, aqui nesse chão. O que nós acabamos de fazer, essas danças, a terra, embora parcialmente pertencente a um povo, chamado indígena, na verdade pertence ao espírito da ancestralidade humana. Esse espírito dessa ancestralidade humana, por conta da superficialidade que a civilização vive tem estado adoecido, empobrecido, adormecido com grande risco de definhhar. Quando a gente faz um encontro como este, a gente está promovendo uma cura. Uma cura para nossas almas, uma cura para os nossos corações, porque quando a gente volta novamente a fazer gestos simples, através de gente junto, cantar e dançar, a gente está alimentando este espírito novamente, que é a verdadeira vida, que pulsa.(MARTINS, livro no prelo).

Através desses encontros pode-se perceber que em um dado momento o Parque ou as pessoas que o construíam estavam buscando um fortalecimento daquele espaço, daquele pequeno pedaço de terra, carregado de muitas histórias: foi cemitério, lugar de moradores de rua e de moradores com casas, lixão e parque. Entendendo que tinham que fazer mais do que

---

<sup>45</sup> Vida entendida como aquela que respeita o homem e o planeta, que se fortalece no coletivo e busca o equilíbrio entre o ter e o ser.

plantar e buscar legislações que resguardassem o Parque, tinham que curar, como diz Kaká Werá Jecupé: *Então o encontro de hoje tem este poder. O Poder da reconsagração com sua mãe, sua origem e por isto é um instrumento poderoso de cura* (MARTINS, livro no prelo).

Trabalhar com as possibilidades de fortalecimento da terra e daqueles que a habitam, pelo caminho espiritual, deu significado a muitas ações que foram se realizando no Parque. Construindo na cidade não só um parque que pode ser visitado para se beneficiar das belezas das árvores e do grande espaço verde, com pássaros cantando e o sopro do vento, longe do barulho dos carros. Mas de eventos que priorizam a vida, possibilitando encontros de vários saberes, culturas e fazeres. Isso vai dando cara a um outro projeto de vida, muito ligado à construção de uma subjetividade que possa construir outros coletivos, que possam romper com o individualismo e o consumismo, se identificando com os velhos saberes dos nossos ancestrais, na preservação daquilo que é sagrado: a natureza e a cultura de um povo.

A gente está em um momento muito sagrado da terra. Ela passou por uma grande iniciação no céu e no mundo material. Esta é a grande oportunidade, porque a gente tem reunido aqui a síntese das quatro raças da terra. Semeando aqui no coração do Brasil, um novo povo, uma nova tribo humana e o que há de melhor de cada raça, de cada experiência que foi deixada aqui pelos sábios de cada povo, deve ser aproveitado. Este é o sentido que eu também percebo e sinto e que é dado ao que a gente chama dos povos do arco-íris. Somos nós inaugurando com muita propriedade assim esta nova possibilidade. Claro, enfrentando o que tem que ser enfrentado, como incompreensões, mas que são momentâneas (KAKÁ WERÁ JECUPÉ, IN: MARTINS, livro no prelo).

Os idealizadores e integrantes do movimento se utilizam do saber produzido no Parque para servir de instrumento de organização do próprio movimento, que se transforma em luta e resistência. Isso vai se refletindo nas pequenas atividades que se realizam no Parque. Construindo uma forma de participação que busca a apropriação do espaço com práticas educativas que são permeadas com o plantar, com os eventos religiosos e os rituais espirituais, com os movimentos políticos com abaixo-assinados e formação de educadores.

Esse trabalho não pára. Muitas parcerias com escolas públicas e particulares foram feitas para trazer seus alunos para o Parque. Brincadeiras, plantio e oficinas de confecção de bancos eram proporcionados no espaço do Parque, em momentos diversos, além das festas e comemorações do Dia da Árvore e do Meio Ambiente, com isso se mantinha o trabalho de plantio e manutenção da área com uma grande contribuição na educação das crianças, jovens e adultos, no que se refere ao meio ambiente e valorização do espaço público.

Nesses últimos 22 anos o movimento traz em sua história uma vida de muita ação, tanto no que se refere aos plantios como às atividades culturais que são desenvolvidas no

espaço do Parque. Construindo com a cidade uma linguagem própria de apropriação e educação, que teimosamente vai fazendo, construindo, plantando e deixando crescer, não só árvores, mas desejos de uma cidade mais respirável, de ar e cultura, de luta e justiça social.

As pessoas que vão ao Parque estão lá cada qual com o seu interesse: curtir as árvores, plantar, caminhar, namorar, e jogar bola, entre outras atividades. Porém todas desenvolvem um sentimento, que é o de garantir a permanência e existência desse espaço.

Isso vai se evidenciando no decorrer da pesquisa, quando vou acompanhando as atividades que são realizadas no Parque e quando semanalmente acompanhei as atividades realizadas pela Associação dos Amigos do Parque, o trabalho do Jardineiro, e principalmente ao participar de 2005 até 2007 do curso Arte no Parque. Além de observar o espaço sendo usado pela população: nas aulas de Tai Chi Chuan, no jogo de futebol aos sábados e as visitas diárias das crianças.

Quero destacar aqui o trabalho do seu Dário jardineiro, pois envolvido nesse processo como trabalhador, identifico sua participação na vida do Parque de vital importância. Sua ação diária de cuidado com o Parque ultrapassa os seus fazeres de jardineiro. Ele interage diretamente com a comunidade e com os visitantes do Parque construindo uma relação de aprendiz e professor, pois ao mesmo tempo que aprende a lidar com as diversidades de cuidar sozinho de um Parque ele participa diariamente da vida de quem passa, ensinando a plantar, a cuidar, a respeitar o espaço e as plantas, demonstrados por seus conhecimentos e seu carinho pelas plantas e o espaço público.

Essa relação com o espaço público do Parque possibilita a esses cidadãos, um outro olhar sobre a vida e sobre as possibilidades que se pode criar para se viver numa cidade com uma crescente urbanização, pautada numa proposta de torná-la um grande pólo turístico. Essa forma de olhar a cidade, como espaço de vida é que vem sendo construída pelas pessoas que se preocupam em construir o parque, nesse sentido atividades e ações estão constantemente sendo pensadas para que as pessoas possam interagir com o Parque da Luz, construindo oportunidades para as crianças de sair das suas casas para brincar na rua, num espaço público, vivenciando experiências muito diferentes do que brincar em espaços privado ou dentro de um shopping.

### **3.5 – Processo educativo - construindo tranças**





**Ilustração 22** - Reportagem de 20 de março de 2001.

O Parque vai ganhando formato e as exigências para sua manutenção vão aparecendo, principalmente pela investida do poder público em requisitar várias vezes a área para construção: em alguns momentos seria sede da prefeitura, em outros centro de eventos - conforme mostra a notícia publicada no Diário Catarinense em 2001- e assim continua hoje com a insistência em

dividir o Parque por uma via pública. Também pela explosão imobiliária, que insiste em retirar aos poucos parte do parque, construindo prédios nos limites do mesmo, e inclusive em 2007 foi construído a rede de esgoto fluvial de um prédio na área do parque.

Nesse sentindo podemos perceber que o Parque necessita de movimento constante de luta. E para dar continuidade ao movimento é necessário crias novas estratégias que busquem mais participação e com isso mais ações de resistência. E um dos movimentos que cruzou com o movimento do Parque e trouxe para ele um pouco da sua experiência de denúncia e resistência, foi o movimento Abraçando a Vida<sup>46</sup>.

Crianças vindas de todas as partes da cidade buscavam através da denúncia da morte de um menino de rua construir um olhar atento da cidade com a vida, trazendo esse olhar carregado de muita emoção e brincadeiras para o Parque, através dos fazeres simples e pequenos. Assim foram construindo um novo significado para o fazer coletivo. Segundo Fantin, *traz a capacidade de fazer coletivamente, como mais importante do que a força do coletivo, mesmo quando essa é frágil [...] (2005, p. 167)*. Essa característica identificada e utilizada pelo Abraçando a Vida, aparece muito forte nas ações que construíram o Parque, a organização e a capacidade de fazer coletivamente construiu a força do coletivo.

A experiência construída pelo Abraçando a Vida, que durante sete anos, de 1998 a 2004, abraçou muitas praças em Florianópolis. *Na contramão de uma cidade que queria se modernizar a qualquer custo, de forma neoliberal e conservadora, fomos construindo novas experiências e esperanças (FANTIN, 2005, p.12)*. Levando as crianças a perceberem as

<sup>46</sup> Abraçando a Vida, uma experiência de resistência, força, denúncia, arte e educação. (Fantin, 2005, p. 12)

possibilidades de pensar a vida numa relação muito próxima com a cidade, possibilitou também à cidade pensar as suas crianças e como a vida pode estar presa a um fio, como o de uma pipa, que era um dos instrumentos usados para fazer as denúncias. Fios que ao mesmo tempo podem ser frágeis e fortes, mas que cruzam o céu com muita destreza. Talvez destreza essa que buscamos no caminhar da vida quando lutamos por uma cidade melhor.

Esse processo vai trazendo para o Parque mais fazeres pequenos, que ganham força no coletivo. Fazeres que são trançados por fios de linha de uma pipa que cruza o horizonte e mãos pequenas que mostram sua insistência e teimosia em dizer o que desejam para si e para os outros. Muitas foram as cartas e abaixo-assinados das crianças para as autoridades, dizendo das suas insatisfações e seus desejos não-realizados. Queriam mais educação, mais praças, mais saúde e mais espaços para brincar.

A educação vai permeando a relação entre o Parque e as práticas pedagógicas que são desenvolvidas, que vão sendo traduzidas em novas relações pedagógicas. Elas são elaboradas e reelaboradas a partir da leitura que o espaço público – Parque da Luz – vai interligando com a cidade e com o próprio processo educativo de luta por infância e dignidade de vida. E o Parque vai levando suas raízes para outros espaços, onde essas crianças forem passar, levando as sementes de uma espaço público de resistência, que diz não ao avanço desordenado da urbanização e a forma de apropriação da cidade, que retiram os espaços públicos da sociedade.

Segundo Fantin, *esse coletivo que se formava nas praças fazia uma outra arte, com sua própria vida, corpo, alma, pés, mãos e olhos, num lugar antes vazio* (2005, p.126). Esse conceito de arte que se foi perceber a partir no Abraçando a Vida perpassa o movimento de construção do Parque. Muitas mãos foram chegando e construindo o espaço que hoje é parque e deram para ele um formato muito próprio, onde a arte ganha forma não só nos tótems e outras esculturas, mas na própria escultura construída pela formação que o plantio foi proporcionando. Trazendo para o movimento a liberdade que o Parque oferece aos moradores da cidade, abrindo muitas possibilidades de intervenção no espaço, numa visão de público que possibilita o individual e o coletivo se constituírem numa relação dialógica. O artista que chega e faz sua obra, o anônimo que planta e insiste no plantio, os que se identificam como a AAPLUZ e vão cuidando de todo esses coletivos e individuais, propondo *um movimento que vem na contramão da lógica dos movimentos sociais que primam pelas grandes organizações e grandes coletivos, vivenciamos um novo jeito de realizar ações de educação e de arte a partir de pequenos coletivos* (FANTIN, 2005, p. 12).

Esse diálogo brincante que acontece no Parque da Luz a partir do movimento Abraçando a Vida vai mostrando uma característica comum entre os dois movimentos que Fantin define: *Foi a possibilidade de não calar. Ao mesmo tempo, no redemoinho de nossa coragem, tiramos tempo para agrupar, cantar, brincar, dançar, soltar pipas e marcar nossa pequena história com arte, humor, cor e musicalidade* (2005, p. 178).

Essa característica brincante construída pelo Abraçando a Vida cria sua própria política e traz para o movimento de construção do Parque, fazendo do espaço de resistência um espaço de sabores, com cheiro de flores e gosto de vento. Encontros com muita participação, mão na terra construindo história, pois cada árvore que está no Parque carrega a história de um grupo ou pessoa que desejou e deseja uma cidade com mais verde e mais possibilidade de vida. Por ali passaram intelectuais, professores, alunos, artistas, donas de casa, pais e filhos, todos num movimento que buscou possibilidades de legitimar desejos por uma sociedade mais consciente.

Os movimentos do Parque e Abraçando a Vida permitiram trançar o desejo de valorização da vida das crianças pobres com o desejo de construir um parque. Construindo uma experiência de aprendizagem significativa, principalmente na formação de educadores. Pois através dos encontros os movimentos foram cruzando seus desejos, expressando de forma brincante sua indignação, através de práticas políticas que se manifestavam de diferentes formas: denunciando, plantando, brincando, ocupando as praças e que expressavam seus desejos por cidadania, com isso construindo um jeito muito próprio de formar educadores através da arte, da resistência e da simplicidade do fazer coletivo.

Buscando construir uma idéia de educação que Brandão define como: *uma experiência participante da vida de cada pessoa em todos os ciclos de sua existência* (2002, p. 195). Podemos identificar como uma experiência educativa que descobre e se descobre num projeto pedagógico que Brandão define como: [...] *Ousadamente uma educação fluida. Uma educação aberta ao fluxo e a uma permanente inovação de si mesma. A uma corajosa integração com todos os campos da vida em que habita o mistério do humano* (2002, p. 198). Esta maneira de olhar para essas experiências educativas colocam os educadores diante de muitas indagações quanto aos projetos educativos que os mesmo vinham desenvolvendo. Colocando na mesa a situação que a educação atual vive, construindo possibilidades de ir além, partilhando os saberes construído nessas novas relações entre ensinar e aprender que os movimentos tanto o Abraçando como o do Parque foram construindo, vislumbrando a possibilidade de se criar um outro educador.

### 3. 6 - Diálogos com cheiro, cor e sabor

O Parque da Luz como espaço público urbano aberto e ainda em construção, abre possibilidades de experiências de aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento, que vão acontecendo no Parque e se manifestam e são elaboradas por diferentes ações: de intervenção, de lazer, de cultura, de cidadania que fortalecem a construção do espaço. Uma das ações que vou destacar vem acontecendo no espaço do Parque desde 2004, é parte de um curso de extensão promovido pelo Grupo de Pesquisa Pandorga – CED/UFSC, chamado “Arte no Parque”. Esse trabalho vem construindo um diálogo entre o parque, a universidade, e a cidade permeado de muitos fazeres educativos. Pois o curso se desenvolve no espaço do Parque durante cinco meses, sempre no primeiro sábado do mês. Vou trazer esses diálogos através da análise dos relatos e das fotos que registram esses encontros.

O curso vem sendo organizado com um formato que busca trançar os aprendizados elaborados dentro do espaço da universidade, com os aprendizados elaborados no espaço do Parque da Luz, com as histórias de vida e os aprendizados dos cursistas. Na primeira etapa do curso é realizado um ciclo de debates com objetivo de promover reflexões a cerca dos temas: movimentos sociais em defesa de espaços públicos na cidade, cultura e educação popular, educação indígena e arte e cidadania. Tem o objetivo de trançar esses temas com as oficinas que se realizarão uma vez por mês no Parque, no segundo momento do curso. São temáticas das oficinas: família no parque (com plantio de mudas de árvores), brincando no parque (boi de mamão, futebol, bonecos e outras brincadeiras), ajuntamento musical (canto, poesia, dança, instrumentos, música...), arte no parque (construção de bancos, lixeiras, placas...).

Essa experiência vai costurando o saber popular com o saber científico, na tentativa de construir entre os participantes, que são: aposentados, artistas, professores, estudantes, donas de casa, profissionais liberais, crianças, novas experiências que ressignificam o bem público, aprendendo, ensinando e refazendo através de práticas, pautadas na educação popular e ambientais, permeadas pela arte. A arte aqui entendida segundo Maristela Fantin *feita com sua própria vida, corpo, alma, pés, mãos e olhos [...] Produzimos arte através de nossa inquietação [...]* (2005, p. 126).

Muitas são as reflexões que brotam desse projeto, nas mais diversas manifestações apresentadas pelos cursistas, que vou destacar a seguir:

Então percebemos como o parque sai do espaço local e passa para o espaço da subjetividade, onde muitas ramificações podem ser feitas e transformadas. O possível e o impossível caminham juntos, dentro dos diversos desejos: político, social, pedagógico. O grupo que integra o Arte no Parque construiu um desejo incomum, e desejos incomuns levam a novas construções, que, mesmo com passos lentos, sem pressa, mas com muita certeza, alcançam as suas metas. Acredito que o Grupo Pandorgas Partidas alcançou suas metas quando produziu o curso Arte no Parque (Participante 1, 2005).

Essas descobertas foram sendo percebidas pelos participantes, dando sentido ao que estavam fazendo, e isso os levou a uma reflexão sobre a educação e sua intervenção na vida individual e social. Essas constatações identificam que para que exista projeto individual teremos que pensar nos projetos sociais e políticos. E esse fato faz brotar sentimentos que se configuram a partir da intervenção no espaço do Parque, no sentido de abrir possibilidades de intervenção em outros espaços, dando continuidade ao que se estava aprendendo, principalmente quando se percebe que as coisas estão abertas e podem ser remexidas, criando possibilidades de mudança.

Romper com modelos e trejeitos, romper com certezas e verdades. Com arte e cultura me redescubro de farsas que me impõem ver desse jeito, jeito torto, superficial e judicioso, com a morte do menino que me contam choro, de vergonha de não sorrir para tudo, de não lutar por todos em tudo. Choro, de impotência velada que de tudo posso fazer um pouco, um pouco de sorrir, abraçar, sorrir chorando, e continuar, andando (Participante 2, 2006).

Os relatos nos levam a perceber o que Paulo Freire nos diz, que o *oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica* [...] (1987, p9). Isso vai ficando claro no decorrer do curso aonde os participantes vão colocando suas angústias e como essa nova forma de aprender, com uma metodologia que leva à reflexão, ao fazer e pensar sobre esse fazer, vem preencher um vazio que a educação vem deixando na vida das pessoas. São fazeres na maioria das vezes muito simples e pequenos, diante da grande necessidade de mobilização e luta que hoje se apresenta para a sociedade, onde as demandas para buscar espaços públicos que nos proporcionem liberdade de expressar nossos desejos e de cuidar do meio ambiente e do futuro da nossa sociedade estão cada vez mais exigentes. Porém são fazeres de uma intensa profundidade que colocam os sujeitos em contato direto com suas inquietações e desejos de mudança, mexendo com alguns sentimentos essenciais na vida desses educandos. Como relata uma das participantes:

Contudo, a roda de música e poesia foi a minha maior felicidade! Senti uma grande satisfação em saber que ainda lembro as cantigas da minha infância,

sem falar que pude aprender mais algumas. Vi na Dona Santinha<sup>47</sup> a beleza das cantigas populares e o quanto temos para aprender com eles que não deixaram a tradição (Participante 3, 2006).

O espaço do Parque vai nos mostrando o enraizamento dos pequenos fazeres, onde os caminhos de dois projetos: a construção de um parque e a formação de educadores populares, que têm em sua metodologia a ação pequena e teimosa, atravessada por inquietações, se cruzam em desejos incomuns, como construir espaços públicos de educação, cultura e lazer, e lutar pela vida.

As manifestações em forma de relatos que apresentei me levaram a buscar compreender qual o papel que esse aprendizado se propõe, olhando para as experiências de educação que venho acompanhando nesses 23 anos como educadora em escolas públicas. Nelas percebo a interferência direta das culturas geradoras de uma sociedade capitalista, determinada pelo mercado financeiro, que estão levando os educadores a acreditar realmente que o papel da educação é educar para o mercado e as necessidades que ele nos impõe. Brandão identifica que para essa *lógica uma única pessoa é desejada: o homem “bom de negócios” ou – entre o executivo bem-sucedido e o operário “bom de serviço” – o profissional dócil, competente e competitivo* (2002, p. 10).

Para construir mais elementos para entender essa iniciativa educativa, vou apresentar o desenvolvimento das oficinas, buscando trazer para o debate algumas possibilidades de construção histórica através da intervenção num espaço público. Elas foram criadas, talvez não para romper com a cultura neoliberal, mas para gerar pequenos conflitos, na tentativa de compreender nessa experiência as possibilidades de resistências que podemos criar através da educação, como sementes colocadas na terra que precisam ser fertilizadas. Segundo Brandão podem nos levar a construir uma proposta de educação que gere pessoas que busquem *um trabalho de partilha e de solidariedade: o de construção de seu próprio mundo social de vida cotidiana. O de criação de sua própria história no correr do dia-a-dia da vida. O difícil trabalho da partilha com os outros na gestação de seu próprio destino* (2002, p. 13)

As oficinas no Parque da Luz trazem para o fazer o conhecimento dos cursistas mediados pelas suas vivências em outros espaços, como o familiar, dando ênfase ao fazer coletivo. Para o parque vêm carregados de significados, pois o espaço é público e busca na sua construção a apropriação desse espaço pelos moradores da cidade e não só do seu entorno.

---

<sup>47</sup> Dona Santinha, cursista com 80 anos de idade, moradora da Barra da Lagoa que faz parte de um grupo que resgata a cultura popular, principalmente as cantigas de roda.

As fotos nos mostram adultos e crianças interagindo na construção de um banco, porém diante das dificuldades que o Parque enfrenta para se construir e se manter como tal, essa ação ultrapassa o seu próprio fazer, pois gera nos participantes um resgate da sua história e com isso a necessidade de buscar espaços públicos de lazer, que possam gerar essa relação de trocas e companheirismo, de aprender e ensinar, numa outra relação com a cidade e com o espaço público. Além de provocar uma mobilização, pois para construir um banco no Parque, os cursistas têm que sair do lugar confortável em que estão para ir em busca de material (prego, madeira, enxada...), além de ter que cavar muito numa terra dura e difícil.



**Ilustração 23** - Arte no Parque 2006 – oficina de bancos  
(foto Rosiméri Jorge da Silva)



**Ilustração 24** - Arte no Parque 2006 – oficina de bancos  
(foto Rosiméri Jorge da Silva)

Nesse sentido vão se fazendo parte dessa cidade e se comprometendo com ela, através de uma pequena ação num espaço de resistência, como é o Parque da Luz. Ação que vai ensinando essas pessoas a fazer e cuidar de outros espaços de lazer compreendendo a sua importância para a sua vida e para a vida da cidade. Podemos ainda considerar a importância da participação das crianças,

aprendendo a fazer um banco e significando esse fazer em cuidar de um espaço público, um parque que é meu e de todos. Além de lidar com a questão do conforto humano, onde homem, mulher e criança, precisam transformar a natureza para o seu bem estar e próprio espaço do parque vai dizendo que temos que ter conforto, mas temos que cuidar da natureza. Essa reflexão vai buscar na relação adulto e criança uma compreensão do que devemos e podemos



fazer diante das nossas necessidades e que alternativas não tão agressivas, como derrubar uma árvore, são possíveis.

Essas atitudes simples são fundamentais segundo, Waldman *para se construir a noção de cidadania ambiental que pressupõe o estabelecimento de uma relação mais harmoniosa com a natureza* (2003, p. 557). A partir de fazeres simples de cuidado com o meio ambiente que vamos aplicando ao nosso dia-a-dia, como separar o lixo, plantar uma árvore, não jogar lixo na rua, entre outros.



**Ilustração 25** - Arte no Parque 2006 – oficina de brinquedos (foto: Rosiméri J da Silva).

A atividade é de experimentar, desenvolver diálogos brincantes com o parque, espaço aberto coletivo e educador, construindo uma experiência entre o brincar e o espaço do Parque. O trabalho era individual, fazer uma boneca, mas precisava-se do coletivo para pensar esse fazer, socializando seus aprendizados, o seu fazer, a forma como a boneca ganhava corpo, as dificuldades de costurar e a necessidade do outro.

Trazer para um parque professores e crianças para construir brinquedos possibilitou a interação do espaço público com fazer do professor, educador que está preparado para suas



aulas num espaço organizado e pensado para tanto, como se caracteriza o espaço escolar. O novo espaço faz o grupo lidar com a diversidade que o parque oferece, levando-os a criar e construir as possibilidades para que a oficina pudesse acontecer, além de possibilitar a interação com uma área verde que provoca o educador e a criança a repensarem o seu próprio fazer.

Nessa atividade percebo que os educadores ainda estão presos às suas construções de educação pautadas no que está planejado, pois poucos exploraram o Parque como uma outra possibilidade na construção do brinquedo, seguindo fielmente a proposta apresentada.

A leitura que faço é que o espaço público de lazer está ali para receber as diversas formas de interação, e nesse caso só o fato da construção de uma proposta de oficina num parque já vai sugerir a esses participantes um outro olhar sobre o aprender e ensinar e com isso dar novos significados aos processos educativos e aos espaços de lazer que temos na cidade.

A atividade de fazer uma oficina de brinquedos no Parque da Luz com crianças de uma escola pública, lidar com o querer da criança, que desejava correr, pular, subir em árvores, ficar livre, traze - lá para a atividade de construir seu próprio brinquedo para brincar no parque, onde naquele momento para eles não era necessário, pois o parque já oferecia em seu espaço os instrumentos para brincar.

Nesse momento existe a necessidade do educador, como mediador entre os fazeres, construindo uma necessidade, motivação, que Paulo Freire traz como parte da ação, *é o momento da própria ação. Você se motiva à medida que está atuando e não antes de atuar* (2001, p. 15), com o desejo do querer aprender e também a leveza da atividade. As crianças foram convidadas e quando uma fez o brinquedo e foi brincar as outras viram e gostaram e também desejaram ter um brinquedo. É nessa relação que o coletivo vai definindo o conhecimento que vai sendo adquirido num processo de socialização dos fazeres e saberes resultado dessa atividade.



**Ilustração 26** - Arte no parque 2006 – oficina ajuntamento musical (foto Rosiméri Jorge da Silva)



**Ilustração 27** - Arte no parque 2006 – oficina ajuntamento musical (foto Rosiméri Jorge da Silva)

Se “ajuntar” num sábado pela manhã num parque público sugere muitas coisas prazerosas e que não estamos habituados a fazer no nosso dia-a-dia. Por esse motivo a atividade se tornou um fato interessante, não somente para os cursistas, mas para quem passava pelo local e observava um grupo de pessoas cantando ou ensaiando algumas canções.

A riqueza desse dia está na relação que se estabelece entre o saber, pois tínhamos uma cursista com 80 anos e carregada de saberes que os mais jovens ainda não alcançaram, até pelo próprio tempo de vida. Essa troca de saberes motivou o grupo e foi se construindo aos poucos uma identidade coletiva, num sentido de romper com as dificuldades que temos de nos expormos diante de um grupo.

A cantoria começou frágil, mas D. Santinha, como tinha mais experiência, foi dando o tom e o movimento à atividade, lembrando e relembando suas canções de infância, como as cantigas e versos da Ratoeira – cantiga de roda folclórica - e outras cantadas quando se trabalhava na roça. A experiência resultou numa música que foi composta por uma das cursista<sup>48</sup> para o Parque:

Tá faltando por aqui  
Um pessoal mais animado  
Pra botar a mão na terra,  
Na semente, na muda de caqui  
Buscar água  
Na cabeceira da ponte.  
E saciar de vida o Parque.

Nos mostrou nossas fragilidades em lidar com o que não sabemos ou dominamos, pois o medo nos impede de arriscar, porém o espaço sugeria uma liberdade de expressão e as pessoas aos poucos foram ganhando coragem e arriscaram alguns movimentos, como tocar um instrumento simples ou criar um instrumento de objetos encontrados no Parque.

Essas oficinas que foram acontecendo no Parque da Luz vão construindo em seus participantes um aprendizado que permite a livre expressão, onde os sujeitos envolvidos vão significando suas ações no espaço em que elas estão sendo realizadas e com isso vão exercendo a sua cidadania. E assim percebendo a importância da sua participação na preservação e manutenção de espaços como esse, onde possibilidades mil podem ser inventadas e reinventadas para contribuir no processo educativo de homens e mulheres, numa perspectiva de cuidado consigo e com o planeta.

Para mostrar que é possível resistir e construir ou transformar as estruturas já existentes, Eder Sader nos oferece a saga dos movimentos sociais populares da região de São Paulo que puseram novos personagens na cena histórica brasileira, entre 1970 e 1980, criando condições para o exercício da democracia. Mostrando a determinação desses movimentos como criação de um novo sujeito social e histórico. (1988, p. 18)

Nesse sentido os papéis desses sujeitos na sociedade podem ser assumidos de forma consciente, integrando a realidade vivida pela cidade de Florianópolis ao mundo social, possibilitando uma leitura da sua realidade e da realidade ambiental que está presente em suas vidas, criando a possibilidade de intervenções diretas no que se refere ao exercício da sua cidadania, buscando a liberdade de pensar, agir e intervir nos espaços públicos de discussão dos espaços urbanos na cidade e nos espaços de educação os quais eles estão inseridos.

---

<sup>48</sup> Música e letra composta por Ângela Cristina Jurkevitz

Ao apresentar essa análise quero deixar registrado que sonhar é possível e que nossas utopias não podem ser abandonadas, mesmo que muitas vezes ingênuas. Oportunidades podem ser criadas e para isso trago novamente Brandão para dizer que:

[...] longe de qualquer fundamentalismo pedagógico, cabe também à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração, e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas. Isto é: para além do capitalismo (2002, p. 22).



**Ilustração 28** – Arte no Parque 2007 – lanche coletivo e avaliação (foto Rosiméri Jorge da Silva).

Nesse sentido trago o estranhamento como um fator pedagógico importante, pois ao se depararem com um parque público, construído e cuidado pela sociedade e não pelo poder público, verifico nesses educadores a construção de significados para os fazeres que estão sendo propostos, levando-os a interpretar sua realidade e o projeto de mundo que está posto para essa sociedade. Construindo outras possibilidades de educação e com isso outras possibilidades de lidar com as verdades que são repassadas. E o Parque da Luz materializa essa outra verdade, pois constrói outra história para um espaço abandonado e desejado por muitos, pelo seu grande valor imobiliário, com isso abre possibilidades segundo Brandão:

[..]de reinventarmos a nossa própria história. De fazermos descender dos pedestais das praças públicas, e das nossas mentes, os velhos heróis montados a cavalo, com medalhas no peito e espadas na mão. De acreditarmos, que somos nós, pessoas com a poeira do giz nas mãos, ao lado de outras pessoas como nós, aquelas a quem deve ser dado o sinal de criar a sua própria história. Eles têm medalhas no peito. Nós temos uma estrela na testa! Sempre foi assim, porque sempre as mulheres e os homens comuns da vida do dia-a-dia foram os verdadeiros povoadores da história de seus próprios mundos. Apenas eles não sabiam. Saberemos nós agora? (2002, p. 24).

Pois bem, o caminho que percorremos até aqui foi para trazer práticas educativas que permearam a construção de um parque e que revelam um potencial educativo que pode ser apropriado pelos educadores, permeando suas práticas educativas nos seus espaços de educação, principalmente aqueles que trabalham nas escolas públicas. Construindo outras possibilidades, rompendo com as amarras de uma educação que se diz libertadora, crítica, criativa, mas é extremamente engessadora e dominadora.

Ao participar do curso Arte no Parque conheci o Parque da Luz, sujando as unhas de terra, os pés de barro em dias de chuva, pois o lema do curso era: faça sol ou chuva vamos para o Parque. Vi no Arte no Parque a possibilidade de quebrar algumas amarras, me desafiando a dizer com orgulho: aqui tem um parque e eu participei da sua construção. Levar esses aprendizados comigo e pesquisá-los me mostrou a liberdade que está por trás desse processo, que oferece um outro tempo e um outro espaço. Como se um livro estivesse meio aberto, precisando ser folheado, mostrando o tempo de construção de um parque, que constrói outros tempos, como o de reflexão, o de ler a cidade e ler os aprendizados. Criando o tempo de contemplar, de se indignar, de desenvolver espiritualidade e de silenciar.

Compreendo que o Parque potencializa os processos educativos que o permeiam, é um espaço mais fértil para aprender, pois convida à reflexão, a conhecer e sensibiliza para uma ação com liberdade, desencadeada através do plantio, da cantoria, da brincadeira e das experiências de ser livre. Um lugar que cria uma outra capacidade de prestar atenção na natureza, e com isso prestamos mais atenção na vida e nas formas de aprender.

## Considerações Finais

Após o desdobramento do objeto de estudo desta pesquisa, o movimento que construiu o Parque da Luz em Florianópolis, de 1986 a 2008, convém retomar o problema central da mesma, tendo em vista uma reflexão mais atenta às conquistas e aos resultados que foram possíveis perceber pelas análises, bem como sobre a construção histórica que foi se caracterizando a partir das reflexões explicitadas por meio das ações que foram constituindo esse movimento. A pesquisa aqui apresentada constrói alguns caminhos possíveis para a reflexão sobre a organização dos espaços públicos de lazer na cidade de Florianópolis a partir das falas e anseios dos idealizadores e participantes desse movimento pronunciados nas entrevistas, nas observações, nas conversas informais realizadas nessa trajetória percorrida de aprendizagem. Porém uma questão ainda fica em aberto. Por que Florianópolis não tem tradição de parques? Talvez o argumento a ser considerado seja a quantidade de praias que compõem o cenário de lazer em Florianópolis. No entanto a pesquisa não aprofundou a questão.

Busquei construir este trabalho fundamentada em autores que estudam a questão em foco, somados à minha participação efetiva nesse movimento nos últimos quatro anos, às observações em campo e às vozes dos meus interlocutores. O conjunto desse conhecimento me permitiu elaborar uma retrospectiva histórica, construindo um desenho de Florianópolis para compreender os movimentos sociais em defesa da cidade, no intuito de localizar subsídios para a discussão sobre a organização do movimento que construiu o Parque da Luz, que vem se constituindo num jeito muito próprio de apropriação dos espaços públicos. Os tópicos são abordados a partir do viés da educação e nesse sentido procuro registrar e situar o movimento do Parque da Luz com seu jeito próprio de luta e resistência em defesa de um espaço público de lazer, cultura e educação, contextualizando as suas práticas no espaço urbano de Florianópolis.

A pesquisa buscou articular o contexto histórico das pessoas que participaram do cenário pesquisado e do movimento de construção do Parque com os movimentos sociais em defesa da cidade, os quais tiveram um papel importante, contribuindo para compreender o

período histórico estudado, trazendo para a reflexão a cidade de Florianópolis e sua urbanização.

Ao trazer para o debate os idealizadores do Parque e suas relações com os outros movimentos sociais que se desenvolviam na cidade, percebi o fortalecimento que essa relação foi trazendo para o movimento de construção do Parque, pois esses buscavam em suas lutas compreender o espaço urbano que vinha se desenhando em Florianópolis e a partir disso construir estratégias de luta e resistência para intervir nesse processo, nos espaços de discussão que iam se configurando e com ações diretas de intervenção nos locais de disputa. Além dessas relações, percebi que o movimento de construção do Parque nasce num período no qual a sociedade vem ampliando as discussões acerca do meio ambiente e com isso surgem as discussões sobre a organização das cidades em propostas que vão brotando principalmente a partir da sociedade civil organizada. Esse contexto político favorável se apresenta na pesquisa como possibilidades que foram sendo construídas pelos movimentos sociais.

Portanto considero que o movimento social para construção do Parque foi e é um espaço de discussão que se enraíza por outros espaços, na tentativa de produzir uma compreensão social do espaço urbano. E uma das opções feita pelo movimento que considero muito significativa foi a forma de participação que foi se desenvolvendo, acredito que pela característica do movimento, pois construir um parque lentamente e com muitas mãos, considerando o tempo de cada um que participou ou participa do movimento, respeitando a diversidade do plantio, foi construindo a necessidade de desafiar o tempo e acreditar nas possibilidades que emergem do próprio fazer.

Partindo das ações que foram desenvolvidas no Parque da Luz, pude perceber a construção de uma identidade coletiva que busca reivindicar, denunciar e construir um espaço de lazer no centro da cidade, que possa resistir aos ataques da urbanização desenfreada, enfrentando um sistema que descaracteriza e exclui os cidadãos do direito à vida.

Constato que as tentativas dos governos de retirar da cidade esse espaço público foram muitas, porém a ação de plantar teimosamente e insistentemente num chão duro e sem água, foi constituindo a forma mais forte de resistência, pois as árvores foram crescendo e dialogando com a cidade, mostrando que a estratégia era plantar muito e mostrar que o lugar existia. As ações culturais tinham esse objetivo: trazer as pessoas para o parque, tirá-lo da clandestinidade. Mostrar que manter um espaço público no centro da cidade, num lugar muito valorizado, demandaria muito esforço.

Outras estratégias se aliaram ao plantio, os abaixo-assinados, as denúncias ao Ministério Público e a busca constante do apoio ao Legislativo municipal. Com isso um

caminho de lutas junto aos poderes constituídos foi se materializando e o reconhecimento legal da área como AVL (Área Verde de Lazer) que se finalizou em 2007 é uma demonstração concreta das ações do movimento.

O movimento para construção do Parque da Luz traz para o debate os conflitos que estão postos pela falta de compromisso do poder público com áreas verdes de lazer no centro de Florianópolis, pois toda a trajetória de sua construção vem marcada por muitas lutas, tanto no espaço do Legislativo, como do Executivo. Foram poucos os vereadores que abraçaram esse projeto e buscaram propor leis que protegessem a área do Parque. Um dos vereadores que abraçou a causa foi Mauro Passos, no mandato de 1997, momento em que o grupo que constituía o movimento em torno da construção do parque desde 1986 se organizava e criava a Associação dos Amigos do Parque da Luz. Essa organização foi importante para dar suporte, naquele momento, ao vereador que assumia o projeto do Parque junto ao Legislativo. Em 2007 a vereadora Ângela Albino reiterou também esse compromisso ao assumir o projeto de reintegração da área total do Parque como AVL. Esse compromisso de alguns legisladores com as áreas públicas de lazer na cidade e com a própria organização urbana se deu por iniciativas do movimento em construir uma co-relação de forças buscando junto ao Legislativo pessoas que compartilham das mesmas ideologias. Segundo Mauro Passos essa relação só acontece quando assume uma cadeira no Legislativo uma pessoa com esse compromisso. Isso também se evidenciou na construção do Parque: *Se o Etienne e o Lúcio, não existissem e se a Câmara não tivesse um vereador com esse compromisso, acredito que o Parque seria hoje da Magno Martins, da Koerich ou de outro grande grupo do setor imobiliário.*

Essa hipótese vem trazer para a discussão a importância de que a sociedade atual desenvolva a consciência para compreender a necessidade da sua participação nos espaços de discussão, onde se pensam a cidade e o seu futuro. Nessa perspectiva é fundamental o papel da educação e da organização da sociedade civil. Esse processo educativo foi se dando no espaço do Parque da Luz através das pequenas ações envolvendo pessoas de todas as áreas, pensado através da apropriação de um espaço público, políticas públicas que possam garantir mais espaços como o do Parque da Luz. E que o direito ao lazer e à educação não se restrinja a alguns grupos privilegiados.

O movimento foi trazendo para a discussão a necessidade de debatermos e conhecermos as nossas próprias mazelas, para que possamos desconstruí-las, construindo novas estratégias de enfretamento, criando condições para resolver nossos problemas. Nesse sentido a contribuição de Paulo Freire, quando diz: *a sociedade alienada não se conhece a si*



*mesma; é imatura, tem comportamento exemplarista, trata de conhecer a realidade por diagnósticos estrangeiros, (1983, p: 36)* nos leva à reflexão sobre os processos educativos que vivenciamos, e as possibilidades que são criadas, para que as pessoas se disponibilizem a se envolver em ações, que geram processos educativos que possam através de seu trabalho transformar estruturas sociais que provoquem, segundo Freire, *mudanças culturais* (1979, p : 57).

Nesse sentido o movimento de construção do Parque foi lentamente construindo um processo de educação que evidenciou um jeito diferente de participação, no qual as pessoas que vinham para o movimento tinham que fazer pequenas ações, porém com uma exigência muito grande em relação à insistência, pois plantar e cuidar de uma planta no espaço que era o Parque era uma ação muito teimosa de vida e morte. Isso foi mostrando aos moradores da cidade e ao próprio movimento e a outros movimentos que cruzaram o espaço do Parque que a ação pequena e insistente cria um outro jeito de participar, uma participação que precisa ser regada, plantada e replantada diariamente para que haja vida. Com isso vai se forjando um sujeito coletivo, que mesmo não estando todos juntos no mesmo lugar ao mesmo tempo, fazendo coletivamente, faz parte de um desejo coletivo e que as vezes com ações individuais fortalece esse coletivo e cuida das ações desse coletivo. O Parque foi ganhando forma nesse movimento, no qual escolas com seus alunos, pessoas comuns, educadores, cursos e eventos vinham para o Parque e faziam a sua parte: plantaram, cuidaram, ensinaram, contemplaram e com isso fortaleceram o movimento e foram se apropriando do espaço, compartilhando e se co-responsabilizando com a construção do local, exercendo livremente sua individualidade e construindo subjetividade e cidadania.

A pesquisa aponta para um processo educativo que se constitui por insistência, teimosia e desejo. Que faz o pequeno se tornar grande, pois quem passa pelo Parque e aprende com ele leva para outros espaços esse desejo a partir da motivação que o próprio espaço oferece. Sentar em baixo de uma árvore, ver uma flor desabrochar, sentir o cheiro da terra e saborear uma fruta ao toque suave do vento é uma experiência que as vezes nos esquecemos que podemos ter e o contato com uma área verde, como o Parque da Luz, nos faz reavivar a memória e nos mostra que podemos desejar uma cidade com mais espaço verde e de lazer.

A experiência de educação que vem sendo desenvolvida nos últimos anos no espaço do Parque da Luz é de grande relevância para introduzir nos processos educativos uma visão de organização urbana que se preocupe com a qualidade de vida e não somente com a exploração imobiliária. Que pensar a cidade ultrapassa pensar os espaços físicos inclui

também pensar o jeito como o povo vive e se comporta nesse meio. E que a educação tem um papel fundamental nessa construção.

Busca também construir diálogos com outros espaços de educação formal e não-formal, construindo saberes que se frutificam numa relação dialógica entre o Parque, a cidade e os educandos, diminuindo a distância entre a cidade real e a cidade possível, trazendo para a reflexão e a percepção dos que aprendem no Parque um outro sentido para a educação. Pautada na experiência traduzida por vivências de saberes diversos, materializados pelo próprio fazer educativo que brota das árvores e sementes, dos bancos a serem construídos e da água a ser buscada do outro lado da rua. A educação se constitui no espaço da sensibilidade dialogando com a sabedoria dos que passam, possibilitado encontros de saberes, entre um Parque aberto e em construção e sujeitos em busca de construção. Dessa forma, entendo que a educação permeia todo o processo de construção do Parque e se evidencia nas ações que foram sendo realizadas durante o processo de construção, se constituindo um desafio para uma cidade que agoniza diante da sufocante urbanização.

Ao finalizar este trabalho sinto que ele continua aberto, assim como o Parque. Pesquisá-lo é um processo de perceber as possibilidades de construção de novas experiências e nesse sentido desvendar essa história e dizer que o Parque da Luz é um Parque em construção é deixar o desafio para outros pesquisadores que desejem se aventurar por uma experiência rica em aprendizados. Espero que este trabalho possa contribuir não só para contar a história de um movimento que construiu um parque, mas que possa também estimular outros sujeitos a construírem parques nos espaços urbanos das cidades e a construírem em si mesmos novas concepções em relação à vida e à educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo: 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BRARDA, Anália; RÍOS, Guillermo. Argumentos e estratégias para a construção da cidade educadora. IN: GADOTII, Moacir, PADILHA, Paulo Roberto e CABEDUZO, Alicia (org). **Cidade Educadora**: princípios e experiências. Editora Cortez, São Paulo, 2004.

BOPPRÉ, Afrânio Tadeu. **Expansão urbana em Florianópolis**: conflito entre a cidade real e a cidade legal. 2003. Dissertação (Mestrado em geografia) Departamento Filosofia e Ciências humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_ **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BIGNOTTO, Newton. **Entre o público e o privado aspectos do debate ético contemporâneo**. IN: DOMINGUES, Ivan; PINTO, Paulo Roberto Margutti; DUARTE, Rodrigo (orgs). Ética, política e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BONETI, Lindomar Wessler. **Educação e movimentos sociais hoje**. IN: JAZINE, Edineide; ALMEIDA, Maria de Lurdes Pinto de (org.). Educação e movimentos sociais: novos olhares. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

CABEZUDO, Alicia. Cidade Educadora: uma proposta para os governos locais. IN: GADOTII, Moacir, PADILHA, Paulo Roberto e CABEDUZO, Alicia (org). **Cidade Educadora**: princípios e experiências. Editora Cortez, São Paulo, 2004.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARDOSO, Michelly Nezilda. **Desafios da sociedade civil para a construção dos espaços públicos em Florianópolis**: configurações, obstáculos e perspectivas da experiência do fórum da cidade. 2006. Dissertação (Mestrado de Serviço Social) Departamento Sócio Econômico. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CENTRO DE ESTUDOS E CIDADANIA-CECCA. **Uma cidade numa ilha**: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular; CECCA, 1997

COHN, Gabriel (org.). Weber. **Coleção Grandes cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1979. (Pgs. 79 a 127).

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**: 4ª Ed. São Paulo: Ática, 1999.

COVRE, M. de L. M. **O que é cidadania**. Coleção Primeiros Passos, São Paulo, 1995.

CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **Convite à filosofia**: 5. ed. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a democracia e os obstáculos à sua concretização. IN: TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. **Os sentidos da democracia e da participação**. São Paulo: Instituto, Polis, 2005.

DAGNINO, Evelina (org.). **Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil**. São Paulo, Paz e Terra. 2002.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FANTIN, Maristela. **Construindo Cidadania e Dignidade**: experiências populares de educação e organização no Morro do Horácio. Florianópolis : Insular, 1997.

\_\_\_\_\_. **Tempo de abraçar**: educação e arte: a estética de um fazer coletivo. Florianópolis: Cidade Futura, 2005.

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. IN: IANNI, Octávio (org.). Florestan Fernandes. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986. (Pgs. 76 a 108).

FIGUEIREDO, Liz. IN: MARTINS, Elaine. **Comunidade circular**. Livro não-publicado

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação popular e universidade**: contradições e perspectivas emergentes nas experiências de extensão universitária em educação popular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (1978-1987). Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2001.

Florianópolis (SC). Prefeitura Municipal. Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. **Atlas do município de Florianópolis** / coordenado por Maria das Dores de Almeida Bastos. Florianópolis: IPUF, 2004.

Fórum Agenda 21 Local Município de Florianópolis: **Meio Ambiente Quem Faz é a Gente**. Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2000

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_ e SHOR, Ira. **Medo e ousadia**. 9ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.

GADOTII, Moacir, PADILHA, Paulo Roberto e CABEDUZO, Alicia (org). **Cidade Educadora**: princípios e experiências. Editora Cortez, São Paulo, 2004.

GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Educação popular e Boi-de-mamão**: Diálogos brincantes. 2006. Doutorado (em Educação) – Centro de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GOHN, M. da G. “Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Educação”. IN: ALMEIDA, M. L. P. e Edineide Jezine, (org.). **Educação e Movimentos Sociais: novos olhares**. Campinas, SP : Contexto, 2007. (p. 33 a 54).

GROH, Vilson. **Redes e parcerias: uma proposta que pode chegar às salas de aula**. IN: Revista Movimento: Práticas do cotidiano escolar. Volume 1, número set, out, Nov, Florianópolis, SC: Editora Redes, 2002. (p.7 a 12).

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**; tradução: Maria Cristina F. Bittencourt: 6ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 1997.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1984.

Jornal Diário Catarinense, Geral, p. 21, em 14.12.04

Jornal Notícias do Dia. Florianópolis, 12 e 13 de julho de 2008. Ano 3. nº 729.

LEIS, Hector Ricardo. **O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização**. São Paulo: Gaia; Blumenau, SC: Fundação Universidade de Blumenau, 1996.

LESLIE Bethell. Organizador. **História da América Latina: Da Independência a 1870**, Vol III. Tradução Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora Edusp: imprensa Oficial do Estado: Brasília, DF – Fundação Alexandre de Gusmão, 2001.

LISBOA, Armando de Mello. **Parque da Luz**: terra meu corpo; água meu sangue; ar meu alento; fogo meu espírito. (Artigo não-publicado).

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **O movimento ambientalista e o pensamento crítico**: uma abordagem crítica. São Paulo: Quartet, 2003.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (org.). **Cidadania e meio ambiente**. Salvador: Centro de Estudos Ambientais, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**; tradução De Albert C. M. Stuckenbruck. Petrópolis, RJ: vozes, 1998.

MARTINS, Elaine ( livro não-publicado).

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Trad. De maria do Carmo A. do Bonfim. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar, **A cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o Pensamento**; tradução Eloá Jacobina: 10º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. “Antropologia da liberdade”. IN: **MARGEM**. Faculdade de Ciências Sociais da PUC. São Paulo: FAPESP, 1999. ( Pgs.13 a 25).

MÜLLER, Kathia Terezinha. **Organização de moradores em Florianópolis numa perspectiva de necessidade radicais**. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

PASTERNAK, Dariene. Solução vira problema urbano. **Notícias do dia**, Florianópolis, p 12 e 13, jul. 2008.

PAUL, Patrick. “A imaginação como objeto do conhecimento”. IN: CETRANS. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002. (Pgs. 123 a 154).

PIACENTINI, T. A. **O Morro da Caixa D’Água: o significado político-pedagógico dos movimentos de educação popular na periferia de Florianópolis – Santa Catarina**, Florianópolis, Ed. Da UFSC, 1991.

PIMENTA, João Paulo. **G. ESTADO E NAÇÃO, No fim dos impérios ibéricos no prata 1808-1828**. Ed Hucitec, FAPESP. São Paulo, 2002.

RANDOM, Michel. “O território do olhar”. IN: CETRANS. **Educação e transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002. (Pgs. 27 a 44).

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna: 2. Ed**. São Paulo: Cortez, 2002.

RIBEIRO, Marlene. “Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais”. IN: **Educação e Pesquisa**. V. 28, p. 113-128,jul/dez.2002.

SADER, Eder. **Quando Novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática: 2ª ed**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Cesar Floriano dos. Campo de producción paisajista de Roberto burle Marx: “El jardín como arte publico”. 1999. Tesis doctoral (tesis em arquitectura) Departamento composición arquitectónica. Universidad Politécnica de Madrid, Madrid, 1999.

SANTOS, Paulo Cesar dos. **Espaço e memória**: o aterro da baía sul e o desencontro marítimo de Florianópolis. 1997. Dissertação (Mestrado em história) Departamento Filosofia e Ciências humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SCHALLER, Jean-Jaques. “Construir um viver junto na democracia renovada”. IN: **Educação e Pesquisa**. V.28, p. 145-162, jul/dez.2002.

SCHEINVAR, Estela, Eveline Algebaile (orgs.) – **Conselhos participativos e escola**. Rio de Janeiro :DP&A, 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais**: um ensaio de inter-prestação sociológica. Florianópolis: UFSC, 1984.

SCHERER-WARREN, Ilse e ROSSIAUD, Jean. **Democratização em Florianópolis**: Resgatando a memória dos movimentos sociais. Itajaí: Editora da UNIVALI; Florianópolis: Diálogo, 1999.

SCHMIDT, Eduardo Pontes. **A ponte Hercílio Luz enquanto patrimônio histórico e suas alternativas como atrativo turístico**. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Faculdade Integradas Associação de Ensino Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVA, Etienne Luiz. **Histórico**. Florianópolis: 1995. ( texto não-publicado).

\_\_\_\_\_. **Parque da Luz: memória**. IN: MARTINS, Elaine. Livro não publicado.

**Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. Entrevistadores: Odete Seabra, Mônica de Carvalho, José Corrêa Leite. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2000.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3. ed, São Paulo: Polis, 1982. (Pgs. 225 a 256).

PEDRAZZINI, Yves, **A violência das cidades**; tradução de Gisele Unti. Petrópolis, RJ : Vozes, 2006.

WALDMAS, Mauricio. “Natureza e sociedade como espaço de cidadania”. IN: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **História da Cidadania**. São Paulo : Contexto, 2003. (p. 545 -561).

WEIL, S. **O enraizamento**; tradução Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP, EDUSC, 2001.

VALLA, Victor, STOTS Eduardo e ALGEBAILLE Eveline. **Como compreender a pobreza no Brasil**, Rio de janeiro, Contraponto, 2005.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; TEIXEIRA, Rita Amélia (Orgs.). **Itinerário de Pesquisa**. Rio de janeiro: DP&A,2003.

**ANEXOS**



## Anexo A - Eventos realizados no Parque da Luz - 1986 a 2007

(arquivo – AAPLUZ)

Ano	Eventos
1986	1. “Lua Cheia e Primavera”, na área que futuramente se tornaria o Parque da Luz.
1987	1. Lançamento do Projeto “Parque da Luz”, no restaurante Lindacap.
1988	1. Show de arte, música e poesia no Parque da Luz denominado “Domingo no Parque”.
1989	1. Segunda placa do Parque: “Parque da Luz – esta área é de todos”.
1996	<p>1. Comemoração alusiva ao Dia Mundial do Meio Ambiente, com o slogan “O Parque da Luz é nosso”.</p> <p>2. Comemoração do Dia da Árvore, com plantio de mudas de árvores realizado com alunos de escolas municipais e distribuição de mudas e sementes para a população.</p> <p>3. Implantação do bosque – plantio de 200 mudas de árvores frutíferas realizado pela FLORAM (Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis).</p> <p>4. Colocação de 300 mourões para impedir a passagem de veículos sobre o Parque.</p> <p>5. Comemoração alusiva ao Natal, com apresentações musicais e artísticas – “Natal pela Vida”.</p>
1997	<p>1. Ato público em homenagem póstuma a Etienne Luiz da Silva, idealizador do projeto Parque da Luz.</p> <p>2. Comemoração do Dia da Árvore, com plantio pela Associação dos Amigos do Parque da Luz, escolas, entidades convidadas e comunidade.</p> <p>3. Comemoração do Dia da Criança.</p> <p>4. Início do trabalho de roçagem seletiva, com o apoio de</p>

	técnicos da UFSC coordenados pela Professora Rosa Villanueva.
1998	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Realização de almoço de confraternização em prol de fundos para a Associação Amigos do Parque da Luz.</li> <li>2. Ato de Cura do Meio Ambiente, com realização do cerimonial pela Paz Mundial e colocação do Totem pela Paz. Ato coordenado pelo lama Gangchen Rinpoche da Tara Branca.</li> <li>3. Entrega das Assinaturas na Câmara de Vereadores. “Sua assinatura vale um Parque.”</li> <li>4. Inauguração da sede da Associação Amigos do Parque da Luz.</li> <li>5. Cerimônia da Água realizada pelo grupo Mahikare.</li> <li>6. Cerimônia do Fogo realizada pelo lama Chagdud Tulk Rinpoche, da Tara Vermelha.</li> <li>7. Realização do Concurso Internacional de Projetos Parque da Luz – Herança Cultural e Integração Urbana, em conjunto com a Universidade Federal de Santa Catarina, contando com a presença de várias universidades brasileiras e de mais quatro países da América do Sul (Chile, Uruguai, Paraguai e Argentina).</li> <li>8. Realização de chá da tarde de confraternização em prol de fundos para a Associação Amigos do Parque da Luz.</li> </ol>
1999	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Encontro com a comunidade para realização do plantio de mudas e missa ecológica campal, realizada pelo Padre Wilson Groh.</li> <li>2. Evento intitulado “Danças da Terra”, com a presença do índio Kaká Werá.</li> <li>3. Realização de jantar de confraternização e arrecadação de fundos para a Associação Amigos do Parque da Luz.</li> <li>4. Criação através da Lei Complementar 051/99 – que classifica como Parque a Área Verde de Lazer – AVL.</li> <li>5. Evento intitulado “Festa dos Animais”, em homenagem a São Francisco de Assis. Participação da Associação Catarinense de</li> </ol>

	Proteção aos Animais (ACAPRA).
2000	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Primeiro transplante de uma figueira (com técnica africana) resgatada de um incêndio no Restaurante Lindacap para o Parque da Luz.</li> <li>2. Colocação de placas denominativas na área do Parque da Luz.</li> <li>3. Primavera da paz – Encontro de Arte, Cultura e Meio Ambiente, com a Participação da ACAPRA e da AGAL (Associação dos Amigos da Galheta) e exposição de fotos no Hotel Parthenon.</li> <li>4. Encontro “Abraçando a Vida”, com a participação do Movimento “Abraçando a Vida”, coordenado pela professora Maristela Fantin.</li> <li>5. Oficina de Arte em mosaico com meninos do Morro do Tico – Tico, coordenada pela professora Silvia Schimdt.</li> <li>6. Terra de Natal no Parque da Luz, realizado pelo Movimento “Abraçando a Vida”.</li> <li>7. A Associação é reconhecida por Lei Municipal 5780/2000 como de utilidade pública municipal.</li> </ol>
2001	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Colocação das placas denominativas Parque da Luz nas entradas Norte e Sul, e placas denominativas das espécies vegetais.</li> <li>2. Apresentação dos trabalhos da Associação Amigos do Parque da Luz na Câmara de Vereadores.</li> <li>3. Plantação dos Mulungu (<i>erythrina speciosa</i>) árvore nativa da Mata Atlântica, na Galeria de Pedras.</li> <li>4. Confecção dos tótems portal entrada Sul, pelos artistas plásticos Polo Cabrera e Rosana.</li> <li>5. Manifestação para evitar o projeto da prefeitura de construção da sede da FLORAM e Fundação de Esporte e Cultura na área do Parque.</li> </ol>
2002	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Apresentação do Projeto Parque da Luz no NEMO (Núcleo de</li> </ol>

	<p>Estudos Museológicos de Santa Catarina) em Corupá/SC. Comemoração do Dia Mundial do Índio, com o encontro das tribos indígenas Guarani e Kaingang.</p> <p>Confecção dos tótems portal entrada Norte pelos artistas plásticos Polo e Rosana.</p> <p>2. Comemoração do Dia da Mata Atlântica. Apresentação dos trabalhos da Associação Amigos do Parque da Luz na reitoria da UFSC.</p> <p>3. Convênio da Associação Amigos do Parque da Luz com a Celesc, autorizando o desconto na conta de luz em prol do Parque.</p> <p>4. Comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente com o plantio de 150 mudas de espécies nativas.</p> <p>5. Festa da Paz – “Primavera no Parque da Luz”. Comemoração com música e frutas.</p>
2003	<p>1. Evento intitulado “Encontro de Amigos no Parque da Luz” – Arte, Cura, Cultura e Ambiente. Construção de um tótem, pintura de postes, dança de cura da terra, música, malabares, capoeira e maracatu.</p> <p>2. Abertura da Primavera – Dia da Árvore – participação da FATMA, Colégio Catarinense e Supermercado Angeloni, com plantio de mudas.</p>
2004	<p>1. Festa Julina, com a participação do clube de trocas.</p> <p>2. Caminhada no Dia da Paz e Cultura, saída da Lagoa da Conceição e chegada no Parque da Luz, com fogueira, música e dança.</p> <p>3. Arte no Parque – curso de extensão promovido pelo Grupo Pandorga – CED –UFSC. Com oficinas realizadas no primeiro sábado de cada mês. Trabalhando arte, cidadania e educação popular, tendo como um dos objetivos apropriação do espaço público.</p>

2005	<p>1. Dia da Árvore – Comemoração organizada pela FATMA – oficinas de arte e educação Popular</p> <p>2. Arte no Parque – curso de extensão promovido pelo Grupo Pandorga – CED–UFSC, com oficinas realizadas no primeiro sábado de cada mês. Trabalhando arte, cidadania e educação popular, tendo como um dos objetivos apropriação do espaço público.</p>
2006	<p>1. NÚCLEO INTEGRADO DE PESQUISA E EXTENSÃO – NIPE / UDESC -RELEASE – ARTE FLORIPA Inaugurada a Grande Feira de Artesanato, Gastronomia e Cultura de Florianópolis - Arte Floripa, ocorrerá todos os domingos</p> <p>2. <b>60 anos do SESC no Parque da Luz</b> - População da capital é desafiada a participar de mutirão para revitalização do Parque da Luz. Durante os dois meses de execução, o objetivo é recuperar os tótems nos acessos ao parque, reconstruir o parquinho infantil em forma de barco, construir uma mini-academia de ginástica, elaborar um painel com o histórico do espaço, implantar horta fitoterápica, identificar espécies de árvores e desenvolver diversas oficinas.</p> <p>3. Evento Arte no Parque – Curso de extensão promovido pelo Grupo Pandorga – CED –UFSC, com oficinas realizadas no primeiro sábado de cada mês. Trabalhando arte, cidadania e educação popular, tendo como um dos objetivos apropriação do espaço público.</p>
2007	<p>1. Comemoração do Dia da Mulher – com o Grupo Musical Andara – Realizado pelo Grupo Pandorga com o apoio do SINDALESC E AFALESC.</p> <p>2. Festa Julina no Parque – Convidados crianças da EEB Jurema Cavallazzi – Realizada pelo Grupo Pandorga – com o apoio do Hippo Supermercado, SINDALESC, AFALESC E Projeto Malungo (EEB Jurema Cavallazzi).</p> <p>3. Arte no Parque – Curso de extensão promovido pelo Grupo</p>

	<p>Pandorga – CED –UFSC, com oficinas realizadas no primeiro sábado de cada mês. Trabalhando arte, cidadania e educação popular, tendo como um dos objetivos apropriação do espaço público.</p> <p>4. Dia da Criança no Parque – Alunos convidados – das escolas públicas de Florianópolis – realização Grupo Pandorga – apoio SINDALESC, AFALESC e Projeto Malungo (EEB Jurema Cavallazzi).</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**Anexo B - Projeto feito pelo Professor Etienne para o Parque da Luz**  
(Fonte arquivos AAPLUZ)

## Projeto Parque da Luz

- ✓ Bases do projeto
- ✓ Parcerias
- ✓ Colaboradores
- ✓ Convênios
- ✓ Manutenção



## Importância das áreas verdes livres

- ✓ Bem estar físico e psíquico do ser humano;
- ✓ Melhoria da qualidade do ar;
- ✓ Redução da poluição sonora e visual;
- ✓ Atraem a avifauna;
- ✓ Mantêm a biodiversidade genética;
- ✓ Embelezam as cidades;
- ✓ Espaço histórico e cultural.





## PROJETO: PARQUE DA LUZ

LOCALIZAÇÃO: Ponte Hercílio Luz e seu entorno imediato - paisagens e edificações históricas na ilha e no continente - com destaque para a área livre, pública, na porção insular onde se localizava o antigo cemitério alemão de Desterro, de onde se descortina as duas baías e a majestosa travessia - compondo, no seu conjunto, um elo de ligação escultural e paisagístico de rara beleza e de expressivo significado simbólico, histórico e cultural.

A IMPORTÂNCIA DO PROJETO: A Ponte Hercílio Luz foi a primeira - ligação da ilha-continente e é até hoje a imagem-símbolo do Estado de Santa Catarina.

A Ponte construída na década de 20 por uma empresa inglesa foi concluída em 1926, sendo uma das poucas travessias metálicas desse porte ainda existente no mundo e uma das mais belas composições esculturais, reunindo de forma harmônica a arte e a técnica de seu tempo.

Santa Catarina é um Estado historicamente descentralizado e disperso. Formado por várias regiões relativamente isoladas e com uma diversidade cultural notável (zonas de colonização alemã, açoriana, italiana, gaúcha entre outras), tem na Ponte o arquetipo de uma ligação buscada. Pelo seu significado histórico, paisagístico e simbólico merece ser tombada pelo Patrimônio Nacional e transformada num eixo de atividades culturais, além de constituir um portal de ingresso turístico, artisticamente expressivo.


A área insular frontal à Ponte (antigo cemitério de Desterro) de

ve ser composta em sintonia com a beleza escultural da travessia e a singeleza da Ilha de Santa Catarina.

Trata-se da última grande área livre no centro urbano e o ponto mais estratégico para encontros culturais e artísticos que tanto Florianópolis carece, unindo a ilha e o continente, sob a imagem símbolo da integração buscada, entre a terra e o mar, a capital e o interior, a natureza e a cultura, o passado e o futuro.

OBJETIVOS DO PROJETO: a. Tombamento da Ponte Hercílio Luz e concepção do Museu da Ponte que a conserve e valorize buscando resgatar o seu significado histórico, artístico e simbólico.

b. Criação do Parque da Luz, compreendendo o desenho e a dinamização de parque infantil, concha acústica e áreas livres para a contemplação e o encontro das pessoas, da arte e da música da ilha, do mar e do continente.

  
Etienne Luiz Silva  
Julho/87



## **Anexo D - Revitalização do Lago do Parque da Luz proposta da AAPLUZ**

(Fonte arquivo AAPLUZ)

O Lago Etienne Luz além de receber a água de chuvas, é também alimentado pelo lençol freático local, em função de sua localização numa área de relevo propício. Isto garante água de boa qualidade para manutenção do ecossistema ali estabelecido.

A revitalização deste pequeno corpo d'água merece atenção porque oferece condições à fixação de plantas e aves, constituindo-se também numa importante referência desta área de lazer, já que está se tornando local de meditação.

Para que se mantenha um espelho d'água permanente sugere-se que o perímetro do Lago seja delineado, mantendo-se seu desenho irregular, porém destacando a lâmina d'água por intermédio de uma ligeira escavação em alguns trechos da margem nos quais a declividade é muito suave. Nestes locais, a escavação, além de remover materiais ali depositados indevidamente, resultará em profundidade necessária para configurar a margem.

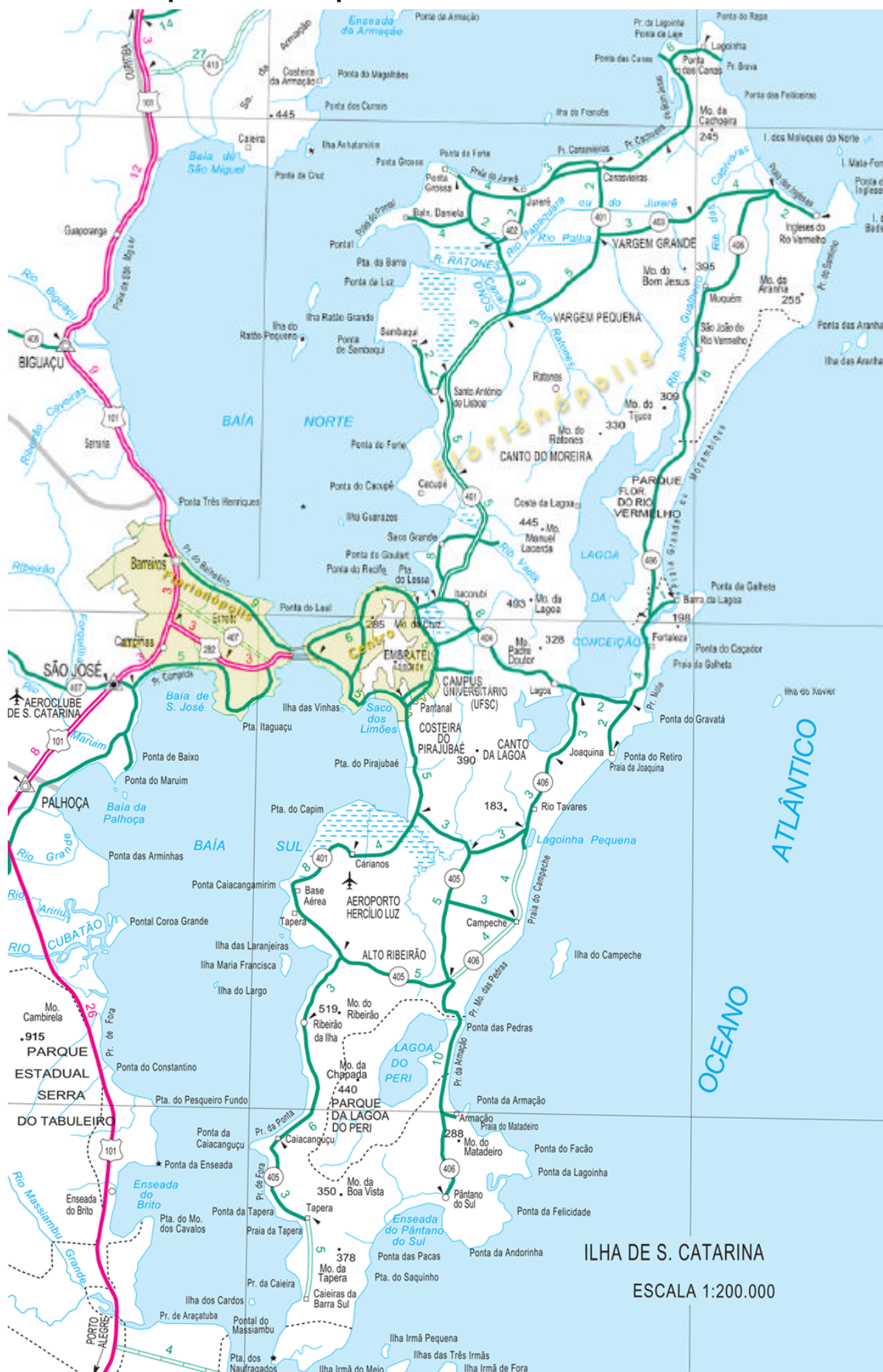


Visando proteger o Lago do excessivo ingresso de sedimentos poderá ser realizado um tratamento paisagístico em sua zona ciliar, com vegetação adequada às características locais.  
Florianópolis, 3 de agosto de 2001

Cesar Augusto Pompêo  
Professor da área de Recursos Hídricos  
Universidade Federal de Santa Catarina

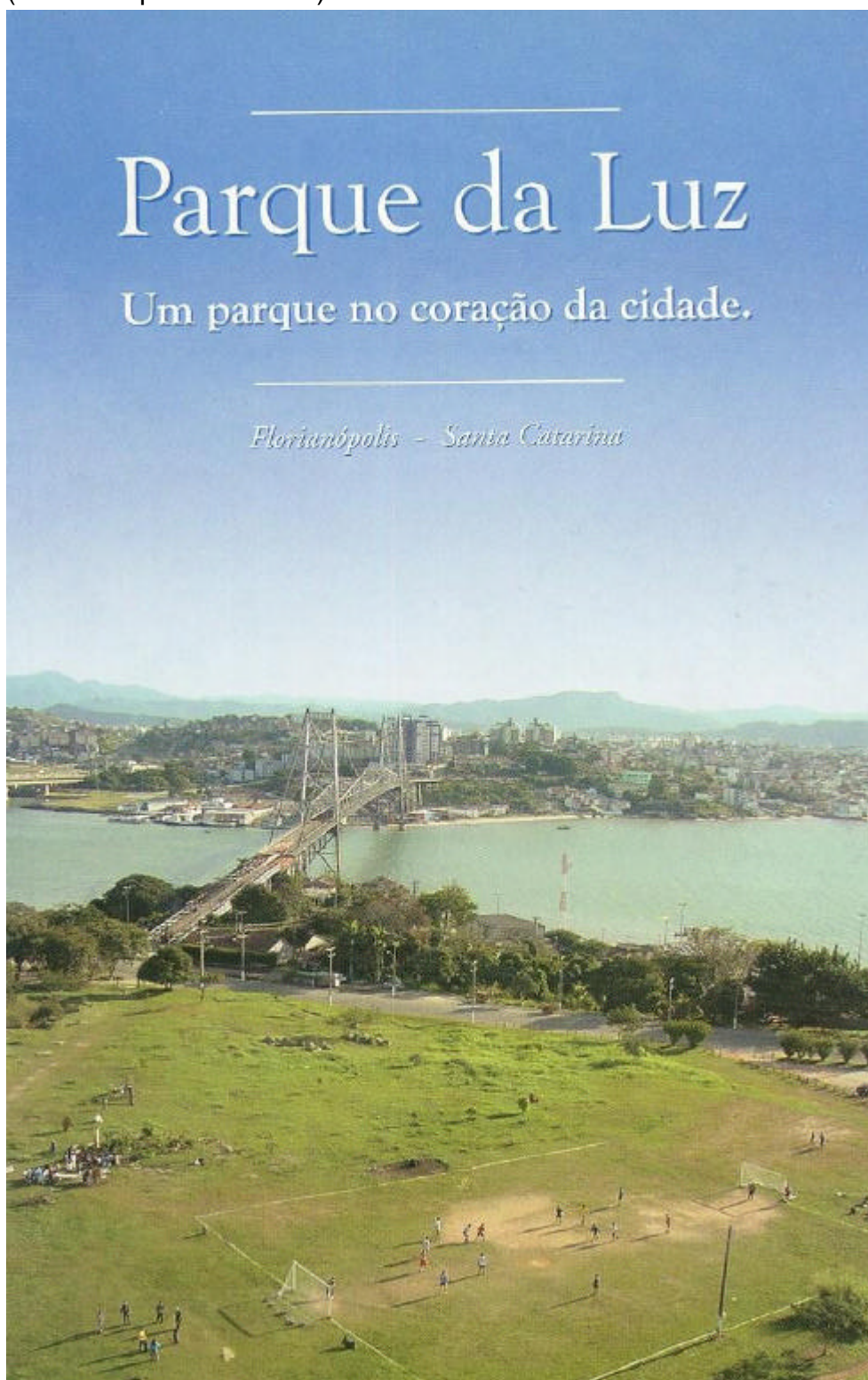


## Anexo E – Mapa de Florianópolis



**Anexo F – Folder construído pela AAPLUZ**

(Fonte: arquivo AAPLUZ)





## OBJETIVOS DO PROJETO

- *Manter e recuperar a área anteriormente degradada.*
- *Plantio de espécies vegetais nativas da Floresta Ombrófila Densa - Mata Atlântica.*
- *Recuperação e manejo do ambiente natural, para que se possa produzir maiores benefícios para as atuais e futuras gerações, garantindo a presença da fauna e flora da Ilha.*
- *Colocação de infra-estruturas: lixeiras, bancos, brinquedos, placas indicativas.*
- *Criação do Núcleo de Educação Ambiental.*

Discorrer sobre a importância de áreas verdes nos espaços urbanos, e neste caso sobre o Parque da Luz, é também falar a respeito da cidade, suas estruturas e seu crescimento. Os espaços livres urbanos com vegetação, pelas suas funções ecológicas, aliadas aos inúmeros elementos que compõem uma cidade, atuam de maneira significativa para melhoria da qualidade de vida.

O Parque da Luz está localizado no perímetro urbano do centro de Florianópolis, nos altos da Rua Felipe Schmidt, possui uma área de aproximadamente 3,7 ha. Desde 1986 a comunidade e a AAPLuz vêm defendendo esta AVL (área verde de lazer), e no ano de 1999, o Parque da Luz foi criado através da lei complementar 051/99. Atualmente o Parque da Luz possui vários tipos de espécies florestais e arbustivas tanto nativas como exóticas, tais como: mulungu, pitangueira, goiabeira, romã, flamboyant, bananeira, pau-brasil, e espécies da avifauna como: sabiá, quero-quero, gralha, bico-de-lacre.



**OBS.:** O índice de áreas verdes da cidade de Florianópolis é de 3 m<sup>2</sup> por hab., quando o recomendado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) é 12 m<sup>2</sup> por hab. Sendo que nos EUA e EUROPA é de 28 a 40 m<sup>2</sup> por habitante.  
\* CECCA - 1996



### TOTEM DA PAZ



Junto ao totem pela paz mundial encontra-se o Jardim do 5 elementos: água, ar, terra, fogo e espaço.

### GUARAPUVU



Árvore nativa da Mata Atlântica, conhecida pelo nome científico de *Schizolobium paraguayana*. Espécie de grande porte, utilizada como planta ornamental, possui flores amarelas e vistosas. Seu crescimento é rápido e produz abundantes frutos e sementes.

### PAU BRASIL

Árvore nativa em extinção das florestas brasileiras.

### CANTEIRO DAS BROMÉLIAS

Contem várias espécies de bromélias e outras espécies de plantas ornamentais nativas da mata atlântica.

### JARDIM DOS SENTIDOS



Local com plantas olfativas e medicinais.

### BOSQUE



Local com inúmeras espécies de árvores frutíferas nativas da Floresta Atlântica.

### GALERIA DE PEDRAS



Passagem entre duas formações de pedras, e projeto de instalação de um borboletário - mensagens da paz.



### DADOS HISTÓRICOS

A Colina da Vista Alegre ou o Morro do Barro Vermelho como era chamado o atual Parque da Luz, compunha-se de elevações estruturais sobre um maciço rochoso. Em 1840 o terreno foi destinado as Irmandades e Ordens religiosas e ali instalou-se os Cemitérios no caminho do Estreito, como se chamava então esta região da cidade.

Em 1887 já se cogitava remover a necrópole, mas a transferência do Campo Santo para o Bairro Inacoubi prolongou-se até o ano de 1925. E logo após, no ano de 1926 foi inaugurada a Ponte Hercílio Luz.

Próximo a área do atual Parque da Luz, tínhamos o Forte Sãoana (1761) uma das bases do projeto português no extremo sul, e o Forno do Lixo (1910-1914). Ao sul desta área localizava-se o Porto no bairro Rita Maria, os estaleiros, as fabricas de proças e pontas, de tendas e bordados de Carl Hoepek e a vila operária. Ao longo das últimas décadas o campo santo abrigou passantes, parque de diversões, associações, albergues da juventude, clubes afro, punks e sem tetos. Inaugurada a ponte Hercílio Luz, símbolo arquitetônico da cidade, consolidou-se a capital e rebre esta área à vida urbana, paradoxalmente oriente e ocidente se encontram, pois apesar de todo crescimento da cidade desde então permanece uma elevação rochosa, livre, aberta e pública, de onde se descortina um horizonte aberto das duas baías, do sol e da luz e da majestosa travessia, compondo um eixo escultural paisagístico, ecológico, artístico e cultural.





## OBJETIVOS DO PROJETO

- *Manter e recuperar a área anteriormente degradada.*
- *Plantio de espécies vegetais nativas da Floresta Ombrófila Densa - Mata Atlântica.*
- *Recuperação e manejo do ambiente natural, para que se possa produzir maiores benefícios para as atuais e futuras gerações, garantindo a presença da fauna e flora da ilha.*
- *Colocação de infra-estruturas: lixeiras, bancos, brinquedos, placas indicativas.*
- *Criação do Núcleo de Educação Ambiental.*

Descobrir sobre a importância de áreas verdes nos espaços urbanos, e neste caso sobre o Parque da Luz, é também falar a respeito da cidade, suas estruturas e seu crescimento. Os espaços livres urbanos com vegetação, pelas suas funções ecológicas, aliados aos números elementos que compõem uma cidade, atuam de maneira significativa para melhoria da qualidade de vida.

O Parque da Luz está localizada no pavimento urbano do centro de Florianópolis, nos atos da Rua Felipe Schmidt, possui uma área de aproximadamente 57 ha. Desde 1986 a concessão é a AAPL, que está defendendo esse AUL, área verde de lazer, e no ano de 1999, o Parque da Luz foi criado através da lei complementar 051/99. Atualmente o Parque da Luz possui vários tipos de espécies florestais e arbustivas tanto nativas como exóticas, tais como: melaleuca, pitangueira, guárico, roseira, floribunda, barbatimão, paratiara, e espécies da seringueira como: abóbado, quaresquina, pedra, bromélias.



**OBS:** O índice de áreas verdes da cidade de Florianópolis é de 73 m<sup>2</sup> por hab., quando o recomendado pela OMS (Organização Mundial de Saúde) é 12 m<sup>2</sup> por hab. Sendo que nos EUA e EUROPA é de 28 a 40 m<sup>2</sup> por habitante. \* CEUCA - 1996.

Daniel Alves



## PARQUE DA LUZ

Em dia de sintonia e noite de luz cheia com lindas sereias na areia e belos veleiros no mar vamos criar nesta ilha um Parque da Vida na Ponte da Luz.

Ponte da Luz do dia  
É sol que irradia criando com energia o fruto que vai nascer que se encontra em harmonia com os veios da semente e os raios da canção.

Ponte da Luz da noite  
pôr-do-sol, luz cheia encantada brilha a passagem dourada o cruzeiro do sul e as três maris unindo a belem da terra, da serra, dos vales e rios, da Catarina Brasil, que um dia se encontram no mar, com as gaviotas do ar, cantando no Parque da Luz. (Luz, luz, luz - criação a cada dia)

Ericenne Luiz Silva



**Associação Amigos do Parque da Luz - AAPLuz**  
Rua: Jornalista Assis Chateaubriand, nº 109  
Centro - Florianópolis - CEP: 88010-150 - SC  
Tel.: (048) 9901-0405 / 234 2715 / 232-8954  
www.amigosdoparquedaluz.hpg.com.br  
email: mrose@brasilnet.net  
Utilidade Pública Municipal Lei nº 5780/2000

## Apoio

**DENTAL CLÍNICA**  
Centro Integrado de Odontologia  
**ESPECIALIZADA EM PRÓTESE OCLUSÃO E IMPLANTE**  
Av. Rio Branco, 484 - Torre 1 - Sala 203/204  
Fone (48) 223-4169  
CEP 88019-200 - Florianópolis - Santa Catarina

**imagem**  
FOTOLUZ

**ELBERT**  
INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA

Fone/Fax: (48) 241-1466

**Dr. Patrícia Espinola de Oliveira**

Cirurgiã Dentista  
Pneumologista  
CRD/SC: 3253  
Av. Rio Branco, 117 - Sala 202 - C.E. Meier 1  
Fone (48) 231-0448  
CEP 88019-200 - Florianópolis - Santa Catarina

Anexo G – Imagens que mostram o processo de construção do parque.  
(Fonte: arquivo AAPLUZ)

O ESTADO - 1991 - Cidade 11

CULTURA

## Vidarte luta pelo Parque da Luz

"Em dia de sintonia e noite de lua cheia, vamos criar nesta Ilha um parque da vida na Ponte da Luz". O poeta convida chama a população para uma mostra de arte, música e poesia de Florianópolis, domingo, na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz. O evento tem por objetivo transformar o espaço que serviu de cemitério entre 1848 e 1941 — no Parque da Luz. Madeiras de árvores nativas e frutíferas serão plantadas na tentativa de dar vida ao terreno arenoso e cheio de pedras.

A luta pela implantação do Parque da Luz começou há três anos, quando pessoas envolvidas com a arte da cidade se reuniram e formaram o Vidarte. Elas pretendem oficializar o projeto e instalar no local o Parque Ciência Infantil. Já há o apoio do Museu de Astronomia do Rio de Janeiro, que vai contribuir colocando um observatório natural dos elementos.

Além disso o Parque da Luz vai contar com áreas de pesquisas abertas, brinquedos educativos e teatros de arena, área de lazer e uma concha acústica. Um dos membros do vidarte, Etienne Luiz Silva, coordenador do Núcleo de Políticas Científicas da Universidade Federal de Santa Catarina, onde também é professor, lembra que o Parque da Luz já existe. "Nela já aconteceram vários eventos. Resta apenas oficializá-lo".

A oficialização é justamente o mais difícil, já que a Prefeitura nunca respondeu ao pedido feito pela Vidarte, há dois anos. Mas apoio do Governo é o que não falta. A Santuz — órgão responsável pelo turismo no estado — e a Secretaria da Cultura estão decididas a ajudar. Na construção de madeira que existe no local que era sede da Secretaria de Turismo será construído um museu, mas como 90% do terreno está nas mãos do município, a decisão de implantação do Parque está nas mãos da Prefeitura.

"Vamos construir o Parque em sintonia com a beleza escultural da Ponte e o sentido histórico e paisagístico da região", diz Etienne. Para ele, o projeto deverá ser detalhado e implantado com a participação de todos os interessados na valorização da cultura e da ecologia local".



Há três anos apreciadores da cultura tentam fundar um parque na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz



O ESTADO  
Catarinense  
de verdade



# Tombamento tardio favorece especulação

Entorno da ponte Hercílio Luz tem prédios que hoje seriam irregulares se a lei fosse aprovada antes

AMÍCAR OLIVEIRA

A lentidão no processo de tombamento da ponte Hercílio Luz favoreceu a especulação imobiliária no local, denuncia o presidente da Associação dos Amigos do Parque da Luz, Lúcio Dias da Silva. A área do parque, com aproximadamente dois hectares, está incluída no entorno protegido pelo processo de tombamento da ponte. O processo, que começou ainda na década passada, foi concluído apenas no dia 16 de maio do ano passado, com a publicação da portaria 78, assinada pelo ministro da Cultura Francisco Weffort em 15 de maio do mesmo ano, no Diário Oficial da União (DOU). O presidente da associação não está sozinho na crítica. O próprio diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em Santa Catarina, Dalmo Vieira Filho, lamenta que o processo tenha demorado tanto tempo. Conforme ele, há prédios que não teriam sido erguidos como foram, se a lei tivesse sido aprovada antes.

Vieira cita como exemplo o prédio Bebedere, no Estreito, que "teria sido reduzido pela metade se a portaria tivesse sido baixada antes da construção". A demora, segundo o diretor, deve-se ao fato de a direção nacional do instituto não ter autorizado o tombamento antes de estar definida a questão da restauração da ponte. "Fomos contra a orientação da direção nacional, por entendermos que não podíamos correr dois riscos, o de a ponte cair, por falta de obras de restauração, e o de não haver tombamento."

No Parque da Luz, outra crítica é referente à construção de um centro empresarial de dois pavimentos abaixo do monumento a Hercílio Luz, nas imediações da ponte. No Iphan, a informação é de que todos os requisitos técnicos para a aprovação da obra foram cumpridos. Processo envolvendo a questão está em poder do promotor Antônio Carlos Brasil Pinto, curador do Meio Ambiente do Centro das Promotorias da Coletividade de Florianópolis. Encontro marcado para a segunda-feira deve reunir as partes envolvidas na discussão do assunto.

Ainda, o promotor, que coordenou até ontem o I Encontro Nacional do Ministério Público de Meio Ambiente, na Capital, prefere não se manifestar. Informações colhidas junto ao Iphan e ao presidente da Associação dão conta de que o projeto original do centro empresarial foi bastante alterado. A intenção inicial era um prédio de seis andares com heliporto. Após intervenção do Iphan, o tamanho foi reduzido para dois andares e o heliporto suprimido.

VISIBILIDADE

"O limite visual de proteção definido no processo de tombamento não impede que haja construções, desde que tenham prévia autorização da autoridade pública (Iphan) e não exista prejuízo para a visualização do bem tombado", justifica, amparando-se no decreto-lei 25, de 30 de novembro de 1937, o chefe da Divisão Técnica da 1ª Coordenadoria do instituto em Santa Catarina, Lúcio Simon. No caso, conforme Simon, não há prejuízo para a visualização da ponte pela construção do centro empresarial. "Levamos oito meses estudando o projeto", diz Simon. Conforme a técnica do Iphan, as alterações propostas quase fizeram com que os responsáveis pela obra pensassem em desistir do empreendimento, que poderia não ter o retorno previsto inicialmente. Mesmo com as alterações, os proprietários dedicaram logo adiante a construção.

Na direção nacional do Iphan, em Brasília, o chefe de gabinete do presidente do instituto, Gláucio Campello, explica que a decisão de construir depende da situação do bem e que determina a possibilidade de construir ou não. Assim, em uma cidade como Ouro Preto (MG) não é possível construir porque toda a cidade é tombada pelo patrimônio histórico, no caso, da humanidade. Mas quando o tombamento envolve um bem, é possível, desde que não haja impedimento da visibilidade nem risco para o bem tombado.



Construção de centro empresarial de dois pavimentos abaixo do mirante está sendo analisada pelo Ministério Público

## Morosidade no processo prejudicou delimitação da área adjacente

O fato de o processo de tombamento ter se arrastado tanto tempo permitiu a alteração do perfil original da área de 250 mil metros quadrados adjacente à Hercílio Luz. "Um turista japonês esteve aqui e reclamou por não poder tirar uma foto da ponte conforme havia visto em uma reprodução de algum tempo, quando não havia tantos edifícios", diz Lúcio Dias da Silva, do Parque da Luz. A região forma o polígono indicado como área de entorno pelo diretor do Iphan em Santa Catarina,

Dalmo Vieira Filho, em correspondência enviada à secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Cultura, em 1 de outubro de 1988. O polígono parte da ilha e vai até o Continente, com 500 a 800 metros além de cada cabeceira.

A delimitação da área de entorno de ponte foi outro problema. No tombamento municipal, datado de 4 de agosto de 1992, quando o prefeito era Henrique Buzicki Vianna, a área de entorno ficou apenas a 10 metros

das cabeceiras da ponte na ilha e no Continente. Qualquer obra nova na área, conforme o decreto 837/92, que determinou o tombamento, deve ser precedida de autorização do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF).

Quase cinco anos depois, em 13 de maio do ano passado — data de aniversário da ponte, inaugurada em 1927 — o governador Paulo Afonso Vieira assinou o decreto 1.830, homologando o tombamento da Hercílio

Luz. O Estado, através do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), conforme o artigo primeiro do decreto, é o proprietário da ponte. A área de entorno, neste caso, foi delimitada em 100 metros a partir de cada cabeceira. Mais do que a área definida pelo tombamento municipal, mas ainda assim insuficiente para evitar que prédios elevados comprometessem o visual. Como a lei federal não tem efeito retroativo, o que resta é impedir que novas edificações sejam erguidas no entorno. (AO)



### As opiniões sobre a ponte Hercílio Luz

Florianópolis - No sábado, quem passou pela ponte Hercílio Luz foi especialmente atencioso, não sendo que um dos símbolos de Florianópolis estava sendo completado há anos de idade. Embora tenha se concluído há anos, a ponte é considerada uma obra-prima da arquitetura brasileira. Aqui estão as opiniões.



"A ponte é importante, é o símbolo da cidade. É importante mantê-la pelo valor histórico. Mas o trânsito pesado deve ficar nas outras pontes. A Hercílio Luz ficará para o lazer de pedestres e veículos leves, mas restaurando e valorizando pela importância que tem para a cidade." Geraldo Ceprici, 24 anos, engenheiro.



"A ponte é linda, uma obra extraordinária. Construí-la para a ponte nova seria uma perda. Sua restauração é muito importante, porque a ponte está associada à história de Florianópolis e deve ser preservada. É um monumento extraordinário." Edmundo, 35 anos, diretor de trânsito - de Jaraguá do Sul.



"Eu não sei dar uma opinião, porque não trabalho aqui perto. No caso de ter de escolher, eu acho mais vantajoso manter as pontes novas do que recuperar essa aqui. É deixar essa pra lá." Jaime Melo, 18 anos, estudante de Agua Vermelha.



Manifestação ocorreu na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz. Projeto será votado na próxima 5ª feira

## Ecologistas querem um parque municipal

Florianópolis - Ecologistas de cinco entidades, Partido Verde, Partido Comunista Brasileiro, o músico Francis Hiller, a Organização Sudoeste e pessoas da comunidade, se reuniram sábado à tarde na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz para comemorar o aniversário da ponte e exigir que a área frontal de 27.500 metros quadrados seja transformada em um Parque Municipal. Os ecologistas defendem o projeto da Prefeitura - que deverá ser votado na próxima quinta-feira na Câmara Municipal - onde é proposta a transformação do local em área comercial, mantendo a destinação de "Área Verde" dada pelo Plano Diretor da cidade e, as

Entidades, partidos políticos, orquestras e músicos se reuniram para protestar contra a criação no local de uma área comercial

segundo os ecologistas, o objetivo da própria criação do antigo proprietário (governo estadual) no município. O projeto da prefeitura prevê a permuta da área - que seria destinada à construção de um hotel e de um centro de convenções - pela construção de um novo prédio para a Prefeitura Municipal, de 4 mil metros quadrados. Francisco Ferreira, de MEL (Movimento Ecológico Livre), diz que a visão do projeto é equivocada, pois contempla o aspecto imediato da economia e despreza a qualidade de vida da população. "Essa é uma das últimas áreas verdes do centro da cidade", diz Chico, "nossa proposta é que ela se transforme no Parque Ciência e Arte, no Museu da Ponte Hercílio Luz e no Museu da Fábula Sulista". O vereador Wilson Ro-



"Eu uso a ponte para atravessar de manhã porque é mais segura, o trânsito é menor. Sei que ela está desatendida mas se não tiverem condições eles não tiram a ponte para o uso. A prioridade é recuperar esse patrimônio histórico, cuidar para a cidade." João Pereira, 23 anos, bancário.



"É um monumento histórico, um símbolo da cidade. Tudo aquilo já se esgotou pela ponte. Eu uso a ponte para o dia para andar do Colégio Catarinense até minha casa no Ivo Ribeiro. No meio que a restauração que fizeram não foi completa. Deviam restaurar e deixar para motos, bicicletas e pedestres." Nelson Tavares, 13 anos, estudante e estudante.



"Acho mais importante construir novas pontes do que recuperar essa para o trânsito. Essa daqui só para o turismo." Jara Tavares, 28 anos, secretária.



"A ponte tem um valor estético pra pessoas. Quando você tá em Florianópolis, sempre lembra da ponte Hercílio Luz. É importante preservar isso." Jessana Cruz, 21 anos, secretária.



"Eu nasci aqui, e acho a ponte boa pra todo mundo. Mas não querendo por ser muito pequeno, como Fiat, Passat. Se a ponte colide, eu la ficar triste porque isso aqui é bom pra todo mundo, pra turistas também." Sérgio, 14 anos, vendedor ambulante.



"Já tá meio fora de uso, muito usado. Já passou do tempo de garantia. Não foi um ótimo. Antigamente, era um bom ônibus. Agora, não acho possível recuperar ela. Ela tem o mesmo valor. E, depois, não é de ferro e tem que ser muito cuidado. Não vale a pena uma restauração, não pra não falar que é melhor." Mário Augusto, 22 anos, vendedor de alho.





# UM PROTESTO EM DEFESA DA VIDA



MANIFESTAÇÃO: Crianças e adolescentes participaram do 2º encontro contra a violência, realizado durante o sábado no Parque da Luz, no Centro de Florianópolis. **71**

GERAL ▽ SOLIDARIEDADE

## Comunidade se mobiliza pela paz

**População vai às ruas para repudiar qualquer atitude que desencadeie a violência**

Claudia Marcelo  
FLORIANÓPOLIS

**D**uas mobilizações foram realizadas no sábado, em Florianópolis, com o mesmo objetivo: preservar uma cultura de paz no mundo. A primeira foi promovida no Parque da Luz, no Centro, por integrantes do Movimento Abraçando a Vida, e o segundo, um frente no monumento Balsaí pela Paz, na Beira-Mar Norte, com a participação de entidades mobilizadas para difundir uma cultura de não-violência. Este é o Ano Internacional pela Manutenção da Paz.

As crianças e adolescentes que participaram do 2º Encontro Abraçando a Vida querem que sejam construídas mais áreas de lazer na cidade, onde possam brincar e se desenvolver de maneira saudável, enquanto os representantes das organizações pretendem conscientizar as

### PRINCÍPIOS

- ☐ Respeitar a vida: respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar
- ☐ Rejeitar a violência: repelir a violência em todas as suas formas - física, sexual, econômica, social, psicológica -, em particular ante os mais fracos e vulneráveis como crianças e adolescentes
- ☐ Ser generoso: compartilhar o tempo e recursos materiais, cultivando a bondade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica
- ☐ Ouvir para compreender: defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando a escuta e o diálogo,

### sem ceder ao fatalismo

☐ Preservar o planeta: promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta

☐ Redescobrir a solidariedade: contribuir para o desenvolvimento da comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade

Fonte: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco)

personas sobre a importância de começar a paz dentro de casa, na escola, na rua ou no trabalho.

Para que o pedido de implantação de espaços de lazer seja aceito pelas autoridades, está sendo realizado um abaixo-assinado. A lista será enviada aos bairros

e escolas para que crianças e jovens de até 18 anos possam participar. "Os locais de lazer para as crianças são poucos em nossa cidade. É preciso mantê-los ocupados para que não fiquem pelas ruas sujeitas à violência", afirmou Moira Fantin Dietrich, 11 anos, uma das orga-

nizadoras do evento. Cerca de 60 crianças de vários bairros da Capital participaram de jogos de futebol e brincadeiras como perna-de-pau, corda, pintura no rosto e invenção de bichinhos de pedra. Um abraço simbólico ao redor do planeta encerrou o encontro.

O Abraçando a Vida foi criado em 1998 pelo grupo Pandorgas Partidas, integrado por professores, técnicos e estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O movimento começou com a indignação pela morte de um garoto, em março de 1998, fulminado com uma descarga elétrica ao subir em uma árvore de Natal especial na praia de Canasvieiras. O garoto pobre e desamparado que nunca pandorgas se tornou o símbolo de luta pela vida.

O aumento da violência em todo o mundo motivou os participantes do Encontro pela Paz, na Beira-Mar, a fazerem alguns minutos de silêncio pelas pessoas submetidas a algum tipo de violência. Durante o evento foram erguidas bandeiras brancas e feitas com frases de pedidos de paz.



# Prédios invadem áreas de lazer

Falta de espaço ao ar livre é mais comum em comunidades carentes

Nêia Paes  
FLORESÓPOLIS

A ilha corre o risco de assistir aos prédios "engolirem" parques infantis e áreas verdes. O alerta foi dado ontem durante o debate "Privatização e democratização dos espaços urbanos para o lazer em Floresópolis", que reuniu associações comunitárias, arquitetos e profissionais de Educação Física, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Um dos problemas, avalia o professor Maurício Roberto da Silva, do Centro de Desportos da UFSC, é a falta de espaços para crianças, adultos e portadores de deficiências, principalmente em áreas pobres da cidade. Os números da Fundação do Meio Ambiente da Capital (Floram) reforçam a tese. Das 67 praças de Floresópolis e dos 13 parques inaugurados nos últimos três anos, nenhum está em fase.

O diretor operacional da Floram, Edelberth Adam, explica que a ausência de áreas de lazer em favelas ou bairros mais pobres se deve à invasão destes terrenos sem qualquer controle. Para instalar parques ou praças, as famílias teriam que ser transferidas, na avaliação de Adam.

"A cidade não pode ser voltada apenas para o trabalho. O progresso ou o desenvolvimento econômico não pode ser sinônimo apenas de grandes edifícios. Espaços para a convivência das pessoas são uma necessidade", ressalta Silva. Pelos dados da Floram, a Capital tem ainda nove parques (áreas verdes). Entre eles, o Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG), interditado à população há seis anos após um acidente que matou duas pessoas.

Desde o ano passado, a prefeitura tenta a transferência da área para recuperação e reabertura do espaço, mas o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), responsável pelo PECG, ainda não deu qualquer parecer.



INICIATIVA: Moradores se reúnem para construir o Parque da Luz

## Sociedade implanta parque de Coqueiros

Pelo menos duas associações de moradores cansaram de esperar a iniciativa dos administradores públicos e saíram à procura de áreas de lazer. Com a contribuição de 813 pessoas e uma arrecadação mensal de cerca de R\$ 7 mil, a Sociedade Amigos de Coqueiros comemora na altura que não param no parque do bairro. O cheiro chega ao céu através da conta de energia elétrica.

A área, de 50 mil metros quadrados, antes um terreno baldio, já tem pistas para caminhada, aparelhos de ginástica, árvores e brinquedos. A prefeitura participou com a iluminação. Para conservar o espaço, explica o presidente da Sociedade, Hassilton Schaefer, os usuários obedecem regras como não colocar lixo e limpar os dejetos de cães. Schaefer garante que já foram investidos cerca de R\$ 350 mil. A clínica para avaliação física será inaugurada no mês que vem. O Parque da Luz, na cabeceira da Ponte Hercílio Luz, no

### O QUE É PECG

O Parque Ecológico do Córrego Grande (PECG) ocupa cerca de 22 hectares do bairro do mesmo nome, na Ilha. Desde 1991, é de responsabilidade do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). Há seis anos, num acordo com a prefeitura, foi prometido o aberto para o lazer da comunidade e oertos com o objetivo de valorizar o meio ambiente. Após o queda de uma árvore, que resultou a morte de duas pessoas, o parque foi interditado em 29 de setembro de 1994. Desde abril do ano passado, a prefeitura tenta a transferência da área junto ao Ibama. A ideia é renovar e sinalizar o espaço e construir banheiros, quiosques, estacionamento e quiosques. O projeto tem um custo de R\$ 70 mil. Até agora, o órgão federal não deu resposta.

Centro, também é uma iniciativa dos moradores. A área de 3,7 hectares já foi uma colina que abrigou o cemitério em 1941. Hoje, perdou sua função de área verde. O professor Lúcio Dias da Silva Filho, vice-presidente da Associação Amigos do Parque da Luz, explica que a ideia é recuperar o espaço com o plantio de árvores, oferecer lugares para prática de esportes e parque infantil. O investimento previsto é de R\$ 230 mil. Até agora, a prefeitura tem que se contentar com dois aparelhos usados.

A polêmica é maior na Ponta do Coral, na Beira-Mar Norte, no Centro. O espaço, com 1,3 hectares, que antes abrigava as ruínas, é de propriedade do grupo empresarial Guglielmi, de Curitiba, que pretende aproveitar a paisagem para construir um hotel. O vereador Manoel Passos é um dos que defendem a desapropriação ou permuta do terreno para a implantação de uma área de lazer. "Entre 20 a 30 anos, a falta de espaço será um problema grave", completa.

### LOGRADOUROS

#### PRACAS E LARGOS

- **Agronômica:** Largo Frei Tito Olivetto e Praça República da Grécia
- **Bahianópolis:** Praça Senador Renato Ramos da Silva, Guilherme Fofam e dos Navegantes
- **Capoeiras:** Praça Najib Jobat, Paulo Schiemper e Davildo Oliveira
- **Carvoeira:** Praça da Boa
- **Catete:** Praça Anílio da Silveira Machado e Marcelino Vieira Filho
- **Córrego Grande:** Praça Edison Pereira do Nascimento
- **Coqueiros:** Praça Manoel David Chaves
- **Costeira:** Praça Governador Celso Ramos, Constantino João Mendonça, Destino, Estelina Luz, Estives Junior, Floriano Peixoto, Gilberto Guerra de Fonseca, Hercílio Luz, José Mauro de Costa Orjão, Jomelita Ferreira da Rosa, Magônica, dos Nemerados, Gabúlio Vargas, Laura Müller, Olívio Amorim, Osvaldo Bulcão Vazma, Pereira Oliveira, Portugal, Sess, Polícia Militar, XV de Novembro e Francisco Neves. Largo de Atlântida, Benjamin Constant, Taguadas, Hospital do Vale Pereira e São Sebastião.
- **Estreito:** Praça Nossa Senhora de Fátima, Alvaro Zolner, Duque de Caxias, João Batista Vieira, Marcelo Dias e Roberto Oliveira.
- **Itaconubi:** Praça Calças, Conselho Comunitário do Itaconubi, Miguel Ângelo Souto e Parque São Jorge.
- **Itaguajá:** Praça Calisto Sales
- **Jardim Atlântico:** Praça João Batista Vieira
- **Saco dos Urubés:** Praça Abdon Batista, Dilma Cordeiro e Marinho Lúcio
- **Santa Mônica:** Praça Donato da Silva, Bento Valadares e Porto José Archelto
- **Monte Cristo:** Praça Aquiles Paulo de Sousa
- **Monte Verde:** Praça Orla Fonseca, Associação Vila Nova e Santos Dumont

#### PARQUES (MUNICIPAIS)

- Lagoa do Peri, Lagoinha do Leste, Gelheira, Maciço do Costeira e Dunas da Lagoa da Conceição.
- (outros)
- Horto do Córrego Grande, Desterro, Rio Vermelho e Tabuleiro.

#### PARQUINHOS (DOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS)

- Praça Genilde Vargas, Lagoa do Peri, Córrego Grande, Lago da Conceição, Ponta do Sombuqui, Nemerados, Renato Ramos da Silva, Nossa Senhora de Fátima, Francisco Jair Bach, Dava Cardoso, Coqueiros, Santa Mônica e Barr do Lago.



**AN**  
agora  
www.an.com.br

A Notícia  
no momento  
da notícia.

SERVÍCIO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE  
0800-47-5454 ou 261-9570

# ANcapital



QUARTA-FEIRA, 8/12/2004 • SUPLEMENTO DE A NOTÍCIA • NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



**VERDE AMEAÇADO** Parques ambientais localizados dentro da área urbana da Capital são alvo de preocupação de entidades comunitárias. Representantes da Associação Amigos do Parque da Luz estão inquietos com o futuro da área (foto), no Centro. Eles reclamam a presença de lanchonetes no local e avanço das construções no entorno do parque ■ 8 e 9

## LEIAHOJE

### POLÍCIA

Pedreiro Adriano Ribeiro da Silva foi executado com três tiros na praia da Joazeira. O corpo foi encontrado por um vendedor ambulante.

10

Santos elege prioridades de S. João Batista

■ 4

Desmatamento é discutido no legislativo

■ 6

Biguaçu faz mapeamento do município

■ 7

Paula Ramos Jr já pensa na Interligas

■ 14



Construção de um edifício residencial, questionada pelos moradores, deve provocar sombra sobre área verde

## Ministério Público Federal investiga obras no entorno

O avanço das construções no entorno do Parque da Luz também está sendo acompanhado pelo Ministério Público Federal (MPF). No final de outubro, moradores da região encaminharam abaixo-assinado ao procurador Valmir Alves Moreira. No documento, eles apontam que as "obras são prejudiciais às árvores, pássaros e população que frequenta o parque por causa da ausência de sombreamento, bloqueio de ventilação e concentração indesejada de calor". O procurador ainda não se manifestou sobre o caso.

O Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Iupuf) conta com um projeto de paisagem para o Parque da Luz. "O projeto está pronto, aguardando uma oportunidade de liberação de

recursos do orçamento da Prefeitura para ser colocado em prática", explica o diretor de planejamento do Iupuf, José Rodrigues da Rocha.

O trabalho elaborado pelo Instituto prevê a implantação de áreas de esporte no local e uma adequação paisagística, incluindo inclusive com a colocação de estátuas no local. O local também abrigaria uma estrutura para sede oficial do parque, que ocuparia cerca de 5 mil metros quadrados do total de 37 mil metros quadrados da unidade. Enquanto o projeto não é colocado em prática, a manutenção da área fica sob a responsabilidade Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (Feram), em parceria com os representantes da Associação Amigos do Parque da Luz. (AL)





Foto: Arquivagem da Ilha

### Voluntários plantam mudas de árvores

Para comemorar o dia Mundial do Meio Ambiente, em 5 de junho, a Associação Amigos do Parque da Luz (AAPLuz) auxiliou voluntários no plantio de 215 mudas de árvores nativas da mata atlântica e frutíferas, como a bananeira, goiabeira a laranja e o pé de butá. O presidente da Associação, José Silvano Pinheiro, 85 anos, andava de um lado para o outro conversando com todas as pessoas que chegavam para adotar uma árvore. "As frutíferas vão para o bosque, as ervas medicinais para o herbário e as árvores maiores podem ser plantadas nesse espaço aqui", explicava Pinheiro, que preparou cerca de 70 mudas para o dia do meio ambiente.



### Conta de luz vira ferramenta de ONG para ajudar na manutenção

Em julho começa a vigorar uma parceria da Associação dos Amigos do Parque da Luz e a Celso. As pessoas que quiserem contribuir com a manutenção do Parque devem adquirir na sede da AAPLuz uma ficha de autorização para que a quantia a ser doada seja descontada na conta de luz. As autorizações devem ser entregues na própria sede da Associação que fica na rua Jornalista Assis Chateaubriand, nº 109, Centro, cep: 88010-150.

A tesoureira da AAPLuz, Estelamaris De Carl Calgaro, afirma que a arrecadação chega a R\$ 600 por mês, utilizados no pagamento de um funcionário responsável pela manutenção do

Parque e na compra de materiais como adubo e ferramentas. "A maioria das mudas do parque são doadas", diz o presidente da Associação, José Silvano Pinheiro. O Parque possui atualmente 600 mudas de árvores entre frutíferas e nativas e 50 espécies medicinais. "Só de bananas, temos oito espécies diferentes", orgulha-se Pinheiro.

Mais informações nos telefones (48) 2254502; 2328954; ou 9901-0405 e no site [www.amigosdoparqueadalu.hpg.com.br](http://www.amigosdoparqueadalu.hpg.com.br)

**Flor de Anis**  
Farmácia de manipulação

Homeopatia • Dermatologia  
Produtos Naturais

Encapsulados  
Fitoterápicos  
e Alopáticos

EMERGÊNCIAS HOMEOPÁTICAS

R. Arno Hoerschel, 81 - 225-5854

*Belle Estética*  
Seu compromisso com a beleza

**Promoção**

Pé e Mão por **RS 10,00**

1ª Massagem **GRATUITA**

Agende sua hora por telefone  
**224.7505**

2ª a 6ª das 08:30hs às 18:00hs  
Sábados a partir das 10:00hs

Av. Rio Branco, 933 subsolo sala 3  
Embálio da Sleep Well Colchões

**SONIKAR**  
Sistema Antifurto

Son - Tiroc - Alarme - Mídias Mfônicas

**ALARME RENAUT**  
com sensor de Sistema Original  
**RS 180,00 em 3x**

**PROMOÇÃO - ALARME EM**  
**3x DE RS 35,00**  
120 dias  
2 ANOS DE GARANTIA

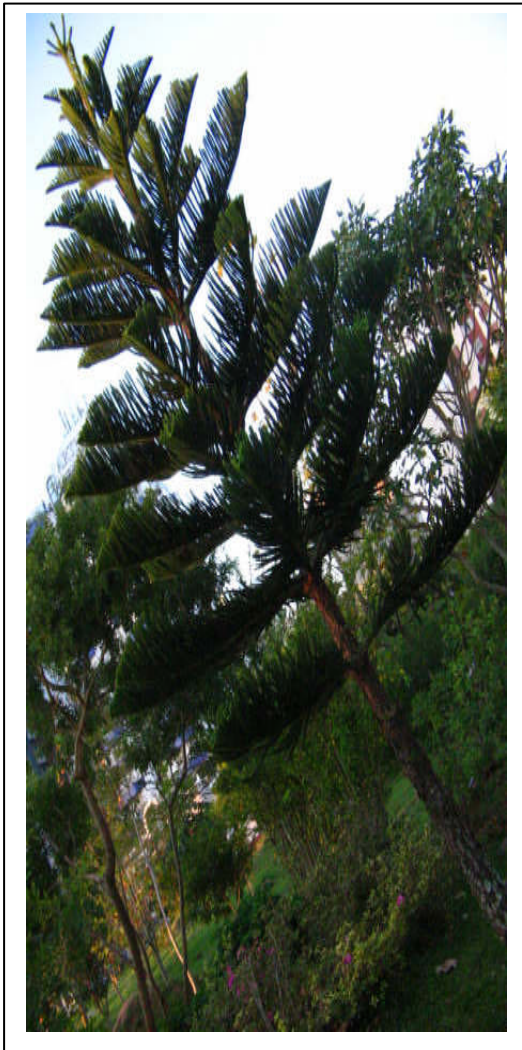
**Cd de palmel em 4x com juros**

[www.sonikar.com.br](http://www.sonikar.com.br)  
Av. Madre Genevieve, 1452 - 223 1410











**Anexo H – Curso Arte no parque 2006 e 2007.  
(Fonte: fotos Rosiméri Jorge da Silva)**





